



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**YARA ALVES COSTA JUSTINO**

**O RELACIONAMENTO ENTRE FILHOS ADOLESCENTES E SEUS PAIS E MÃES**  
**EM UM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A**  
**MULHER**

**VITÓRIA**

**2017**

**YARA ALVES COSTA JUSTINO**

**O RELACIONAMENTO ENTRE FILHOS ADOLESCENTES E SEUS PAIS E MÃES  
EM UM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A  
MULHER**

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Regina Rangel Nascimento, como requisito para obtenção do título de Mestre.

**VITÓRIA**

**2017**

**YARA ALVES COSTA JUSTINO**

**O RELACIONAMENTO ENTRE FILHOS ADOLESCENTES E SEUS PAIS E MÃES  
EM UM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A  
MULHER**

Dissertação defendida ao curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**Aprovada em 31 de agosto de 2017, por:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Regina Rangel Nascimento  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zeide Araújo Trindade  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Interno

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paola Vargas Barbosa  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Membro Externo

## **Dedicatória**

Às crianças e adolescentes expostos à situação de conflito e/ou violência envolvendo o pai e a mãe, na esperança de que este trabalho possa ampliar a compreensão sobre o tema, bem como auxiliar na construção de estratégias e políticas públicas de intervenção eficazes.

## Agradecimentos

“Quando se sonha sozinho é apenas um sonho. Quando se sonha junto é o começo da realidade” (Cervantes, 2002). E é por muita gente ter sonhado esta realidade comigo que eu quero agradecer muito.

Em primeiro lugar, agradecer a Deus, que esteve comigo em todo tempo, fortalecendo-me e fazendo-me acreditar que daria tudo certo. Sei bem, Senhor, que eu poderia esforçar-me ao máximo, mas, se não fossem tuas mãos a me abençoar, eu jamais conseguiria.

Aos meus pais, por torcerem por mim e confiarem nas minhas escolhas. Em especial, a minha mãe, pela paciência nos meus momentos de estresse (foram muitos!), pelas orações de todos os dias, pelo cuidado com as minhas coisas quando eu não encontrava tempo para assim o fazer, pelas preocupações e pela exigência de sempre do melhor de mim. Obrigada, mãe.

Aos meus irmãos, André e Vanessa, por incentivarem minha vida acadêmica e profissional e nela acreditarem; pelos puxões de orelha, mas também pelos elogios sinceros; por serem minha referência e por vibrarem sempre com tanta emoção pelas minhas vitórias. Amo vocês.

Ao cunhado, Mauro Neto, pela presença constante em todas as minhas conquistas, pelo apoio, conversas e conselhos que me trouxeram a confiança de que eu estava no caminho certo. Obrigada, cunhado!

À sobrinha e afilhada Alice, que, desde o seu nascimento, tem me despertado para o estudo do desenvolvimento humano. Você também faz parte disso, *my princess*. Amo você.

Ao meu irmão de quatro patas, Hulk (*in memoriam*). Foi tão bom tê-lo pertinho de mim durante toda a graduação e por quase todo o mestrado, deitado nos meus textos,

distraíndo-me um pouquinho e pedindo minha atenção em meio as minhas produções acadêmicas. Sei que você está aí no céu dos cachorros conectado comigo. Por isso, enviou-me o Snow (meu gato) para me fazer companhia e me ajudar a terminar a dissertação. Sinto saudades!

Ao meu ex-professor e agora grande amigo Felipe Pimentel, pela amizade, pela confiança; por despertar meu interesse pela pesquisa, por incentivar (muito!) a decisão pelo mestrado, por me propiciar todas as oportunidades concedidas (tantas, tantas) e por vibrar comigo em minhas conquistas. Muito, muito obrigada!

À amiga Lorena David, pelos anos da graduação e por mais estes dois anos e seis meses compartilhando lamentações e alegrias. Foi muito importante ter vivido tudo isso com você! Amadurecemos, fizemos escolhas, tomamos decisões, enfim... Estamos crescendo! Que possamos dividir ainda muito mais momentos pela vida!

Ao grupo de Whatsapp mais motivador com as amigas Rovena Esmindre, Paula Pacheco, Dayse Karoline e Lorena David. Obrigada por dividirem comigo as angústias, reclamações (e como a gente reclama!) e as alegrias (sim, também tiveram!) desta caminhada, das coisas boas que o mestrado fez por nós. Agora nosso café da tarde sai ou não sai?

Aos colegas Fernanda Lima e Marcelo Gorza, pela certeza de que nosso estágio em docência foi muito melhor por estarmos juntos.

À colega Ivy Campanha, por todas as nossas longas conversas ao telefone, pelo apoio, pela troca e pelas gratas contribuições ao meu trabalho.

À equipe Envolve, especialmente a Camila Silveira, Paula Bullerjhan e Anninha Cunha, pelas oportunidades concedidas e pelo acompanhamento, com tanta paciência, deste meu percurso.

Ao grupo de supervisão da pós-graduação da Faesa, Ana Amélia Piske, Camila Felsky, Leandro Gama, Ana Clara Jardim, Ellen Novaes, Gabriela Bergamaschi e Giovana Dantas, por serem tão carinhosos e torcerem tanto por mim. Vocês são uns fofos.

A minha orientadora, professora doutora Célia Regina, pela acolhida, pela calma transmitida, pela paciência com meus momentos de ansiedade, pelas trocas, orientações e discussões e por todo carinho durante este período.

Ao Núcleo de Estudos da Criança e do Adolescente (NECRIAD) que me apresentou a Teoria Bioecológica e que, com as nossas discussões, me ajudou a delinear melhor o meu projeto de pesquisa e ampliar meu olhar sobre o desenvolvimento humano.

Aos professores do PPGP, em especial à professora Suemi Tokumaru, que acompanhou nossas primeiras buscas e aprendizagens, ao ingressar no mestrado; à professora Heloísa Moulin, pelas discussões tão ricas a respeito do desenvolvimento humano que serão lembradas para sempre na minha trajetória profissional; às professoras Cláudia Broetto e Larissy Cotonho, com as quais também dividimos a oportunidade de refinar nosso projeto, pensar nosso instrumento e ver "o que ainda dava tempo de mudar".

Às professoras Sabine Mantuam e Cláudia Pedrosa pelas contribuições ao meu projeto na banca de qualificação. Com certeza partir das considerações de vocês puder repensar alguns pontos e, assim, seguir com o trabalho mais alinhado. A banca de defesa Zeide Trindade e Paola Vargas por todas as importantes considerações realizadas nesse momento tão importante no qual formalmente concluímos o fruto de 2 anos de um árduo, mas gratificante trabalho.

As funcionários da secretaria do PPGP, pela disponibilidade e auxílio na resolução das questões mais burocráticas do mestrado.

Às instituições de coleta de dados: Coordenação de Atendimento a Vítimas de Violência (CAVVID) e Secretaria de Políticas Públicas para a Mulher (SEPPOM), por me permitirem, mais uma vez, entrar nesses espaços e me ajudarem na coleta de dados. Se não fossem vocês, este trabalho não existiria.

À Coordenação de Amparo a Pesquisa do Espírito Santo (CAPES), pelo financiamento desta pesquisa.

E a todos que, direta ou indiretamente, me incentivaram, apoiaram e torceram por mim, mesmo com minha ausência em tantos momentos, em virtude de estar envolvida nas atividades da pesquisa, meu muito-obrigado!

## **Epígrafe**

“A child who live whith violence is forever changed, but not forever damaged. There’s a lot we can to do make tomorrow better” (Cuninngham & Baker, 2007, p. 1).

Justino, Y. A. C. (2017). *O relacionamento entre filhos adolescentes e seus pais e mães em um contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo.

Este trabalho buscou investigar, com base na perspectiva dos filhos, como se estabelece o relacionamento entre filhos adolescentes e seus pais e mães em famílias que vivenciam/vivenciaram a situação de violência doméstica e familiar contra a mulher. Para tanto, procedeu-se à entrevistas com 11 adolescentes de 12 a 16 anos, de ambos os sexos, membros de famílias em que tenha ocorrido a identificação de violência doméstica e familiar contra a mulher, perpetrada pelo pai contra a mãe do adolescente. Houve a mediação institucional da Coordenação de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica e Discriminação (CAVVID), localizada em Vitória-ES, e da Secretaria de Políticas Públicas para a Mulher (SEPPOM), localizada na Serra-ES para identificação dos participantes. As entrevistas ocorreram com base em um roteiro semiestruturado que teve por inspiração a Escala de Qualidade da Interação Familiar (EQIF). As questões abordaram a avaliação dos filhos acerca do ambiente familiar, especificamente do relacionamento do adolescente com a mãe e com o pai, sobre o modo como os adolescentes avaliavam a relação entre a mãe e o pai e como essa relação afetava a parentalidade. Recorreu-se à gravação e transcrição integral das entrevistas e depois à categorização e análise dos dados com base no método de análise de conteúdo. A discussão dos resultados ocorreu à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e da literatura sobre o tema. Os dados indicaram que os adolescentes percebiam as situações de conflito entre o pai e a mãe dentro do microsistema familiar, as quais os afetavam. Especificamente sobre o relacionamento com o pai, os adolescentes ressaltaram sentimentos negativos, queixaram-se da falta de disponibilidade do pai para estar com os filhos, dos seus comportamentos agressivos, não só com relação à mãe, mas com relação aos outros membros da família e do consumo de bebidas alcoólicas feito por ele. No que se refere aos aspectos positivos, os adolescentes relataram o suporte material, momentos de cuidado e de expressão de afeto. Por outro lado, quase todos os adolescentes descreveram a relação com a mãe como positiva. Ocorreu menção dos momentos de cuidado, monitoramento, expressão de afeto, realização de atividades conjuntas e sentimento de apoio na relação. Os aspectos negativos descritos referiram-se à ocorrência de desentendimentos por motivos relacionados a limites impostos pela mãe, opiniões divergentes, além de situações que envolviam a relação com o pai. Considerando que, em sua maioria, os adolescentes avaliaram o relacionamento com a mãe positivamente, a análise realizada apontou que os

processos proximais com a mãe podem contribuir para atenuar os efeitos dos aspectos negativos da convivência na família, descritos pelos adolescentes. Os dados obtidos reforçam a importância da ampliação de estudos sobre o impacto da violência conjugal na parentalidade do ponto de vista de todos os membros da família, bem como a ampliação da rede de apoio também aos filhos que vivenciam os conflitos envolvendo as figuras parentais, auxiliando as famílias na interrupção do ciclo da violência.

**Palavras-chave:** violência doméstica, adolescente, relação parental, relações familiares.

## **Abstract**

Justino, Y. A. C. (2017). *The relationship between adolescent children and their fathers and mothers in a context of domestic violence against women*. Master's Dissertation. Program of Graduate Studies in Psychology, Center for Humanities and Natural Sciences, Federal University of Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

This study sought to investigate, based on the perspective of children, how the relationship between adolescent children and their parents is established in families who experience / have experienced domestic and family violence against women. For that, we interviewed 11 adolescents between 12 and 16 years of age, of both sexes, members of families in which there was identification of domestic and family violence against the woman, perpetrated by the father against the mother of the adolescent. There was institutional mediation of the Coordination of Assistance to Victims of Domestic Violence and Discrimination (CAVVID), located in Vitória-ES, and the Secretariat of Public Policies for Women (SEPPOM), located in Serra-ES, to identify the participants. The interviews took place on the basis of a semi-structured script, which was inspired by the Family Interaction Quality Scale (EQIF). Questions addressed the evaluation of the children on the family environment, specifically adolescent's relationship with the mother and the father, the way in which teens evaluated the relationship between mother and father and how that relationship affected parenting. Interviews were recorded and fully transcribed and then categorized and analyzed based on the content analysis method. Discussion of the results took place in the light of Bioecological Theory of Human Development and the literature on the subject. The data indicated that adolescents perceived conflict situations between the father and the mother in the family microsystem, which affect them. Specifically regarding the relationship with the father, the adolescents highlighted negative feelings, complaining about the father's lack of availability to be with his children, his aggressive behavior towards the mother and other family members, and the consumption of alcoholic drinks by the father. With regard to the positive aspects, the adolescents reported the material support, moments of care and expression of affection. On the other hand, almost all adolescents described the relationship with the mother as positive. Moments of care, monitoring, expression of affection, joint activities with the mother and feeling of support in the relationship were mentioned. The negative aspects described referred to the occurrence of disagreements for reasons related to limits imposed by the mother, divergent opinions, as well as situations that involved the relationship with the father. Considering that, for the most part, the adolescents evaluated the relationship with the mother positively; the analysis showed that the proximal processes with the mother can

contribute to attenuate the negative effects of the coexistence in the family, described by the adolescents. The data obtained reinforce the importance of expanding studies on the impact of domestic violence on parenting from the point of view of all family members, as well as expanding the support network also to children who experience conflicts involving parental figures, helping families to stop the cycle of violence.

**Palavras-chave:** domestic violence, adolescent, parental relationship, family.

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>15</b>
<b>1 Introdução .....</b>	<b>18</b>
1.1 Violência doméstica e familiar contra a mulher e as implicações no desenvolvimento dos filhos .....	22
1.2 O relacionamento entre pais e filhos ante um contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher .....	28
1.3 Adolescência: algumas considerações .....	36
1.4 A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) .....	43
1.4.1 O modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo) .....	43
<b>2 Objetivos .....</b>	<b>51</b>
2.1 Objetivo geral .....	51
2.2 Objetivos específicos .....	51
<b>3 Método .....</b>	<b>52</b>
3.1 Participantes .....	52
3.2 Procedimento e coleta de dados .....	52
3.3 Instrumento de coleta de dados .....	54
3.4 Aspectos éticos .....	55
3.5 Análise e interpretação dos dados.....	56
<b>4 Resultados .....</b>	<b>58</b>
4.1 Caracterização dos participantes .....	58
4.1.1 Tabela de caracterização dos participantes .....	60
4.2 Microssistema familiar .....	61
4.2.1 Avaliação do adolescente sobre o microssistema familiar e os sentimentos vivenciados em relação a este contexto .....	61
4.2.2 Aspectos que o adolescente gostaria de mudar no microssistema familiar .....	65
4.2.3 Avaliação dos adolescentes a respeito dos desentendimentos e brigas no microssistema familiar .....	66
4.2.4 Avaliação dos adolescentes a respeito do relacionamento entre os pais .....	68
4.2.5 Intervenção do adolescente para defesa da mãe na relação com o pai .....	70
4.3 Relacionamento entre o filho e a mãe .....	71

4.3.1	Relacionamento entre o filho e a mãe na infância e mudanças na adolescência.....	71
4.3.2	Relacionamento entre o adolescente e a mãe .....	73
4.3.2.1	Aspectos positivos, sentimento de apoio e demonstrações de afeto na relação com a mãe .....	73
4.3.2.2	Realização de atividades do adolescente com a mãe .....	74
4.3.2.3	Monitoramento da mãe em relação ao adolescente .....	75
4.3.2.4	Avaliação dos adolescentes a respeito dos aspectos negativos e dos aspectos que gostariam de mudar na sua relação com a mãe .....	77
4.3.2.5	Brigas e desentendimentos na relação entre o adolescente e a mãe .....	78
4.4	Relacionamento entre o filho e o pai .....	79
4.4.1	Relacionamento entre o filho e o pai na infância e mudanças na adolescência .....	79
4.4.2	Relacionamento entre o filho adolescente e o pai .....	82
4.4.2.1	Aspectos positivos, sentimento de apoio e demonstrações de afeto na relação com o pai .....	82
4.4.2.2	Realização de atividades do adolescente com o pai .....	85
4.4.2.3	Monitoramento do Pai em relação ao adolescente .....	86
4.4.2.4	Avaliação dos adolescentes a respeito dos aspectos negativos e dos aspectos que gostariam de mudar na sua relação com o pai .....	88
4.4.2.5	Existência de brigas e desentendimentos na relação com o pai .....	89
4.5	Os conflitos entre os pais e os efeitos nas relações parentais .....	90
4.6	Síntese dos resultados .....	93
<b>5</b>	<b>Discussão.....</b>	<b>100</b>
5.1	Relacionamento filho/pai .....	100
5.2	Relacionamento filho/mãe .....	112
5.3	Exposição dos filhos a situação de violência do pai contra a mãe e a influência deste contexto sobre as relações parentais .....	119
<b>6</b>	<b>Considerações finais .....</b>	<b>127</b>
	<b>Referências .....</b>	<b>131</b>
	<b>Apêndice .....</b>	<b>142</b>
	Instrumento de coleta de dados .....	142
	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	148
	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE .....	150

## **Apresentação**

A violência doméstica e familiar contra a mulher é um problema social e de saúde pública. Os dados estatísticos a respeito desse fenômeno são significativos. Segundo um relatório da Organização Mundial da Saúde, que fez estimativas globais e regionais a respeito da violência contra a mulher, uma em cada três mulheres já sofreu violência física e/ou sexual por parte de seus parceiros (World Health Organization, 2013). No Brasil, a estimativa é que cinco mulheres são espancadas a cada dois minutos, sendo que, em 80% dos casos reportados, o parceiro ou ex-parceiro foram o responsável pela violência (Fundação Perseu Abramo & Serviço Social do Comércio, 2010).

Os índices de homicídio contra a mulher no Brasil também são altos. O mapa da violência de 2015 (Waiselfisz, 2015) aponta que hoje, no país, se contabilizam, em média, 4,8 assassinatos de cada 100 mil mulheres: 27% desses casos aconteceram no âmbito doméstico e 33,2% dos atos foram cometidos por parceiro ou ex-parceiro. Esse dado coloca o país no quinto lugar no *ranking* de homicídios contra a mulher. O Espírito Santo ocupa a segunda posição dentre os estados e Vitória a primeira entre as capitais. Por essa razão, autores de diferentes campos têm-se debruçado na realização de pesquisas sobre o tema, com a finalidade de compreender, de forma mais específica, as relações que esse fenômeno abarca, bem como buscar subsídios para construção de estratégias de intervenção mais eficazes.

Ainda durante a graduação, tive contato com esta temática por meio de um estágio que realizei durante dois anos na Coordenação de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica e Discriminação (CAVVID), localizada na cidade de Vitória-ES. Depois, por mais um ano, na Secretaria de Políticas Públicas para Mulher (SEPPOM), na cidade de Serra-ES. Ambos os serviços tinham por objetivo prestar atendimentos psicossociais às mulheres agredidas, a fim de criar condições para que a mulher conseguisse romper com o ciclo de violência, estudar seu caso objetivando a construção de estratégias de intervenção, garantir seus direitos, entre

outras medidas. Em relação ao homem autor da agressão, eventualmente ele era atendido pela equipe psicossocial, seja para realizar mediações entre ele e a mulher agredida, seja para encaminhar a outros serviços mais específicos para sua demanda.

Ao atuar nesses contextos, angústias surgiram. Houve questionamentos a respeito das experiências ocorridas na vida desses homens que podem ter contribuído para a construção de seus repertórios violentos, sobre o tipo de impacto que essa violência provoca na vida tanto da mulher quanto dos familiares expostos a ela, bem como inquietações em relação aos fatores que levam a mulher a permanecer em situação de violência, em grande parte dos casos, durante anos.

Outra angústia que frequentemente deparava refere-se à situação na qual a mulher buscava o serviço na companhia de seus filhos, na maior parte dos casos, crianças e adolescentes. Mesmo não sendo objetivo do setor prestar atendimento a esses jovens, algumas vezes tínhamos a oportunidade de ouvi-los. Nesses momentos, alguns deles descreviam, com riqueza de detalhes, o contexto familiar conflituoso em que viviam e a violência sofrida pela mãe. Assim, pude observar quanto essas experiências impactavam os filhos em diferentes aspectos e quanto nós e o serviço como um todo estávamos pouco preparados para recebê-los com o devido e merecido protagonismo.

Com tantas questões, em princípio, realizei meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sob o título “A geracionalidade da violência doméstica e familiar contra a mulher” (Justino, 2014). A pesquisa teve por objetivo principal analisar como a história de contingências vivenciadas pelos autores de violência doméstica e familiar contra a mulher refletiu na construção de seus repertórios violentos.

Ao considerar o grupo pesquisado, identificou-se que os padrões de diferenças entre os gêneros foram reforçados desde a infância, com base em lógicas que definiram o que era permitido a meninas e meninos. Assim, tais modelos de comportamentos podem ter

contribuído para que os autores de violência se percebessem em uma posição de domínio no relacionamento com as mulheres e, diante desse cenário, lançassem mão de diferentes estratégias violentas para se fazerem respeitados em suas solicitações. Os manejos utilizados pelos homens incluíram falas agressivas, ameaças, bem como uso de força física. Ademais, seis dos oito homens entrevistados descreveram episódios de violência em sua história de vida como modo de correção perpetrada pelos pais durante a infância. Considerando que esses homens podem ter aprendido que esse é o modo como se resolvem os conflitos dentro de um relacionamento, verificou-se também o possível estabelecimento de uma violência geracional.

Com o término da graduação e a oportunidade de ingressar no mestrado, continuava motivada a investigar esta temática. Entretanto, considerando o dado a respeito da possível influência que o modelo de comportamento do pai teve sobre os homens autores de violência entrevistados no TCC, tinha por objetivo explorar as relações parentais nesse contexto. Ao revisar a literatura, identifiquei algumas pesquisas que discutiam, sobretudo, a respeito do impacto da exposição à violência entre os pais no desenvolvimento psicológico, cognitivo, comportamental e social de jovens. Entretanto, foram encontrados poucos trabalhos que discorressem a respeito do relacionamento entre pais/mães e filhos, considerando a exposição à violência do pai contra a mãe. Portanto, tal questão funcionou como provocação para a construção deste trabalho.

## 1 Introdução

A família pode ser caracterizada como um conjunto de pessoas unidas por laços consanguíneos, afetivos e/ou de solidariedade (Resolução nº 145 de 15 de outubro de 2014). De acordo com a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano, esse núcleo constitui um importante microsistema para o desenvolvimento da criança e é entendido como o seu primeiro ambiente socializador. Diferentes autores que estudam o campo do desenvolvimento humano consideram que nesse espaço ocorrem as interações mais significativas para a criança, que promoverão o seu desenvolvimento de forma ampla, incluindo aspectos biológicos, psicológicos, cognitivos e emocionais (Dessen & Braz, 2005a; Dessen & Polônia, 2007; Hernández & Gras, 2005; Navaz, 2010; Ramírez, 2004; Souza & Filho, 2008; Souza, 2013). Também na fase da adolescência, as pesquisas indicam que a família permanece como um dos principais microsistemas de desenvolvimento do sujeito, contribuindo para que ele compreenda valores éticos e morais básicos à vida em sociedade, se engaje na realização de tarefas e papéis sociais cada vez mais diversificados e complexos e desenvolva competências sociais (Fundo das Nações Unidas para Infância, 2002; Navaz, 2010; Ribeiro, 2010; Senna & Dessen, 2012). Nesse sentido, de acordo com Senna e Dessen (2012), os vínculos positivos construídos dentro da família, sobretudo entre pais e filhos, favorecem o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes e auxiliam na construção de padrões positivos de relacionamento também em outros contextos. Assim, a família, na qualidade de primeira mediadora entre o homem e a cultura, pode ser identificada como a base da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que produzem modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva.

Saffioti (1997) e Navas (2010) corroboram esta discussão, ao apontarem esta instituição como um grupo de reprodução biológica e social que exerce grande influência sobre a vida de seus membros. Para Saffioti (1997), os casais não apenas têm filhos, mas os

educam e os instruem no desempenho de papéis sociais específicos de cada idade, de cada gênero, de cada raça/etnia e de cada classe social. Do ponto de vista da sociologia, verifica-se que esse processo é conceituado como socialização primária (Beger & Luckam, 2004). Ou seja, a socialização pode ser entendida como ampla e consistente introdução do indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou parte dela. Nesse sentido, a socialização torna-se a via pela qual os indivíduos se apropriam do conhecimento necessário a respeito das principais regras de seu universo social, assimilando os modos de vida da sociedade na qual estão inseridos. Seguindo com essa linha de análise, utiliza-se o termo socialização primária em referência à primeira socialização a que os indivíduos são expostos, sendo os responsáveis por ela a família ou pessoas muito significativas e próximas da criança (Beger & Luckam, 2004). Partindo desse conceito, analisa-se que os valores aprendidos no núcleo familiar, ainda na infância, podem tanto ser generalizados para outros espaços como ser referência posteriormente na vida adulta.

Macedo (1994) e Navaz (2010) discutem que o conceito de família está relacionado à ideia de uma instituição, composta por determinados membros com funções importantes a serem cumpridas. Nessa perspectiva, espera-se que a família promova um contexto que supra as necessidades básicas de seus membros, referentes à sobrevivência (segurança, alimentação e abrigo), ao desenvolvimento (afetivo, cognitivo e social) e ao sentimento de pertença (ser aceito, amado e cuidado). Contudo, Navas (2010) ressalta que, para que o contexto familiar se desenvolva como contexto de afeto, cuidado e segurança para crianças e adolescentes, as famílias podem precisar de apoio e instrumentalização.

Entretanto, muitas vezes, a família pode não conseguir cumprir com algumas funções esperadas em virtude de situações específicas que ela experimenta. No caso de uma família em situação de violência, por exemplo, a segurança de seus membros, tanto física quanto emocional, pode ser fortemente ameaçada. Assim não só as pessoas envolvidas diretamente

nos episódios de conflito podem sofrer as consequências negativas dessa situação, como também as que são expostas<sup>1</sup> a ela. Neste caso, os laços estabelecidos entre os membros dessa instituição podem tornar-se mais frágeis, implicando sentimentos de insegurança e medo em relação às pessoas que deveriam funcionar como referência de apoio e proteção (Fondo de Las Naciones Unidas para La Infancia, 2009). De acordo com Hernandez e Gras (2005), tais sentimentos podem ser ainda mais intensos quando envolvem as figuras parentais, como nos casos de violência interparental, na qual a violência entre os pais é mútua, ou em situações de violência doméstica e familiar contra a mulher<sup>2</sup>, nos casos em que a agredida é a mãe e o autor das agressões o pai.

A violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos e pode apresentar-se de cinco modos:

**I - a violência física** [*grifo nosso*], entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; **II - a violência psicológica** [*grifo nosso*], entendida como qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima ou prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher, ou ainda vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à saúde psicológica e à

---

<sup>1</sup> Alguns estudos discutem a melhor terminologia para se referirem aos jovens que presenciam a violência entre as figuras parentais, apontando expressões como testemunhas, observadoras ou expostas. Entretanto, como argumentado por Jouriles, McDonald, Norwood e Exell (2001, citado por Sani, 2004), o termo “expostas” contempla melhor a situação aqui tratada, uma vez que esses jovens podem não observar a violência do pai em relação à mãe, mas apenas ouvir as discussões, ver no dia seguinte suas marcas ou sentir um clima de tensão entre eles. Portanto, tal expressão será utilizada ao longo deste trabalho.

<sup>2</sup> A violência contra a mulher refere-se a toda ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. No que se refere à unidade doméstica, designa-se o local de ocorrência dessa violência, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas. No âmbito da família, é compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa (Lei 11.340 de 2006).

autodeterminação; **III - a violência sexual** [*grifo nosso*], entendida como qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; **IV - a violência patrimonial** [*grifo nosso*], entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total dos objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos da mulher, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; **V - a violência moral** [*grifo nosso*], entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (Lei n.º 11.340 de 2006).

Considerando o foco de interesse deste trabalho que se refere à exposição dos filhos a violências praticadas do pai contra a mãe no contexto doméstico, verificam-se algumas pesquisas na literatura que investigam esse campo. Esses trabalhos apontam que, não raro, os jovens têm sido expostos a tais vivências, presenciando, ouvindo ou observando as consequências físicas e emocionais desses episódios (Patias, 2015; Ribeiro, 2010; Rocha, 2007; Sani, 2006; Sani & Cardoso, 2013; Siffert, Schwarz & Stutz, 2012; United Nations Children's Fund, 2006). Entretanto, apesar do crescente número de estudos sobre o assunto, ainda não se sabe ao certo, em termos estatísticos, a proporção na qual as crianças e adolescentes são afetados pela situação de violência do pai contra a mãe. As informações reunidas têm-se baseado nas denúncias de violência doméstica contra a mulher (Sani, 2004; Unicef, 2006). Um documento produzido pela Unicef (2006) que discorre acerca dessa problemática apontou que uma das limitações no que alude a esse tipo de levantamento

refere-se ao fato de os próprios jovens e os informantes poderem distorcer ou omitir algumas informações, pondo em dúvida a fidedignidade dos dados.

Ante a relevância deste tema, esta pesquisa se propôs a investigar o relacionamento entre os pais/mães e os filhos adolescentes em um contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher, com base na perspectiva dos adolescentes.

### **1.1 Violência doméstica e familiar contra a mulher e as implicações no desenvolvimento dos filhos**

Os conflitos conjugais são intrínsecos ao convívio dos casais e, muitas vezes, necessários, tornando possível solucionar determinados aspectos da vida a dois (Goulart & Wagner, 2013). De acordo com Mosmann e Wagner (2008), esses episódios não implicam unicamente emoções negativas, sendo frequente que os casais tenham não só muito afeto entre si, mas também sentimentos negativos nos momentos de discordâncias. As autoras discutem ainda que os casais podem desentender-se por diferentes razões e nem sempre esses conflitos serão prejudiciais ao desenvolvimento dos filhos. Nessa perspectiva, Benetti (2006, p. 264) acrescenta que:

[...] algumas condutas parentais face ao conflito têm função construtiva no amadurecimento emocional da criança. Tais situações compreendem ações que evidenciam esforços de resolução de conflitos, procura de alternativas e explicações sobre os acontecimentos à criança, indicando a perspectiva de que dificuldades são situações que devem ser trabalhadas e discutidas.

Cumming e Davies (1994) corroboram essa discussão, acrescentando que as implicações negativas para o desenvolvimento da criança exposta aos conflitos entre os pais dependerão de fatores específicos, por exemplo, intensidade e modo de resolução do desentendimento. Seguindo essa linha de investigação, para entender melhor as possíveis

consequências para os filhos dos conflitos conjugais, Benetti (2006), em seu trabalho, se propôs a revisar algumas contribuições teóricas descritas na literatura sobre o tema. Identificou que inicialmente as pesquisas que estudavam os conflitos conjugais e as possíveis consequências para o relacionamento parental eram pouco consistentes e não delimitavam exatamente os aspectos dos conflitos que eram investigados. Entretanto, a autora nota que uma segunda geração de pesquisas tem buscado entender, de forma mais específica, como os filhos são afetados pela exposição aos conflitos conjugais. Esses trabalhos consideram uma perspectiva multidimensional do fenômeno, compreendendo diferentes aspectos que permeiam os conflitos conjugais, como a frequência, a intensidade, o conteúdo e a forma como são solucionados os episódios de discórdia (Benetti, 2006).

Em consonância com essa nova proposta de investigação, Ribeiro (2010) empreendeu um estudo sobre o estado da arte a respeito do impacto da exposição da criança à violência entre os pais, investigando seus efeitos diretos e indiretos ao desenvolvimento. Entre os resultados alcançados, identificou que as características individuais da criança (nível de desenvolvimento, idade, gênero, estratégias de enfrentamento da própria criança), as características contextuais da violência (frequência, intensidade, conteúdo e resolução) e as características situacionais da violência (baixo nível de expressão de afeto na família e altos níveis de expressão emocional negativa, estresse, baixa educação parental) funcionam como características moderadoras e mediadoras do impacto dos conflitos conjugais para os filhos dos casais expostos a esses episódios. Entre os aspectos apontados, a autora destaca a relevância das características contextuais da violência como reguladora da forma pela qual a criança pode ser afetada por essa situação em sua família, e os conflitos mais prováveis de resultar em problemas de ajustamento referem-se àqueles mais frequentes, intensos, com conteúdos relacionados aos filhos e com tentativas de resolução violentas.

Em outro trabalho, Lopes (2014), investigou a associação do conflito entre os pais e o surgimento de psicopatologia e ideação suicida em adolescentes e jovens adultos, e apontou a correspondência entre as características dos conflitos e seu impacto sobre os jovens expostos a ele. Os dados de sua pesquisa foram coletados com uma amostra constituída de 261 sujeitos (133 do sexo masculino e 127 do feminino) com idades entre 14 e 22 anos. Foram utilizadas quatro instrumentos de autorelatos que possibilitaram avaliar a percepção dos conflitos interparentais (Children's Perception of Interparental Conflict Scale), a sintomatologia psicopatológica (Brief Symptom Inventory) e a qualidade da ligação com os pares (Inventory of Peer and Parental Attachment). Foi também estruturado e aplicado um Questionário sociodemográfico que contemplou questões sobre a identificação pessoal, configuração familiar, informação sobre escola, amigos e hábitos de vida dos indivíduos. Os resultados do estudo indicaram que, de modo geral, os jovens que são expostos a conflitos frequentes, intensos e não resolutivos, se sentem culpados por estes eventos, apresentam maior suscetibilidade para o desenvolvimento de psicopatologia e ideação suicida, bem como apresentam menor confiança e maiores níveis de alienação nas suas relações com os pares. Além destas, outras pesquisas neste campo têm apontado resultados semelhantes como verificado nos estudos de Cumming & Davies (1994) e Iraurgi, Martínez-Pampliega, Iriarte & Sanz (2011).

Com objetivos semelhantes, Siffert, Schwarz e Stutz (2012) realizaram uma pesquisa exploratória, dividida em dois momentos de coletas de dados, a qual teve por principal objetivo investigar a correspondência entre a qualidade da relação parental e a situação de conflito entre os pais para a autoavaliação do adolescente. Foram investigadas 176 famílias, entrevistando-se mães e filhos (as). Os adolescentes entrevistados totalizaram 87 meninos e 89 meninas com idade média de 10 anos no Tempo 1 e 11 anos no Tempo 2. Após as entrevistas, foi deixado um questionário para que os pais/padrastos respondessem e enviassem

ao pesquisador. Os resultados indicaram que a percepção dos adolescentes a respeito do conflito entre os pais foi indiretamente relacionada a uma diminuição da autoestima destes e o conflito entre os pais também esteve indiretamente relacionado a uma diminuição da autoavaliação de competências escolares dos adolescentes. Além disso, notou-se que os filhos que testemunhavam conflitos frequentes e intensos entre os pais tenderam a interpretar a qualidade da relação parental como menos positiva do que os filhos que testemunhavam pouco ou nenhum conflito entre os pais (Siffert, Schwarz & Stutz, 2012).

Assim, verifica-se que, quando os conflitos possuem desfechos positivos, esses episódios podem permitir à criança observar como os adultos discordam e são capazes de encontrar soluções para os seus problemas. Cumming, Kouros e Papp (2007) compartilham dessa perspectiva e apontam que, ante os conflitos entre os pais com desfechos satisfatórios, as crianças tendem a ser influenciadas positivamente. Todavia, quando os conflitos envolvem o uso da violência, o principal propósito é controlar o outro e não resolver o problema (Benetti, 2006; Hernández & Grãs, 2005). Assim ocorre no caso da violência doméstica e familiar contra a mulher, e, nessa situação, as consequências negativas podem atingir diferentes dimensões do desenvolvimento dos filhos dos casais expostos a ela (Coutinho & Sani, 2008). De acordo com Benetti (2006), entre todas as situações que podem comprometer o sistema familiar, os conflitos conjugais associados a episódios de violência entre os cônjuges dão origem a uma das formas mais negativas de interação, tornando coerentes as evidências apontadas pela literatura que discute o tema, a respeito do seu impacto nocivo sobre os filhos dos casais que são expostos a essa situação.

Considerando os dados apontados pela literatura, as pesquisas têm avançado na investigação de diferentes aspectos que envolvem a violência conjugal e suas consequências, a fim de construir estratégias de intervenção para os casos de violência e reduzir as possíveis repercussões para todos os envolvidos, em curto e longo prazos. Tendo por objetivo revisar a

produção científica sobre as repercussões da exposição direta e indireta à violência conjugal nas características emocionais dos filhos de zero a 12 anos, Patias, Bossi e Dell'Aglio (2014) analisaram 14 artigos empíricos de metodologia quantitativa publicados entre os anos 2002 e 2014, sendo um nacional e 13 internacionais. Os resultados do estudo indicaram efeitos significativos da exposição à violência no desenvolvimento. De forma direta, em relação à criança exposta, observaram-se prejuízos em curto, médio e longo prazos, principalmente relativos a problemas de comportamentos internalizantes (depressão, ansiedade) e externalizantes (comportamento antissocial, agressividade). De forma indireta, foram destacados os danos psicológicos provocados à mãe agredida que afetam a relação mãe/criança.

Cunningham e Baker (2007) construíram, em seu trabalho, uma tabela contemplando os quatro estágios de desenvolvimento do sujeito, a saber: até os três anos de idade, idade pré-escolar, idade escolar e adolescência. Os autores explicitaram as consequências mais prováveis para cada fase de desenvolvimento. Verificou-se que, até os três anos de idade, os efeitos da exposição à violência entre os pais estiveram relacionados a sentimentos de ansiedade e insegurança desenvolvidos pelas crianças, os quais dificultavam a exploração do ambiente de forma adequada, bem como a imitação de comportamentos agressivos observados entre os pais. Já na fase pré-escolar, ressaltaram-se modos mais agressivos de expressão de raiva, bem como aprendizagem dos papéis de gênero caracterizados pela dicotomia agressor x vítima. Na idade escolar, notou-se que as características relacionadas aos papéis de gênero, associados ao paradigma agressor x vítima, se mantiveram de forma mais efetiva, bem como o uso de agressão nas interações e dificuldades de aprendizagem na escola. No que tange à adolescência, os resultados indicaram que, nessa fase, de modo geral, os efeitos da exposição à violência estavam relacionados a alguns aspectos, como dificuldade em

manter a comunicação dentro da família de origem e estabelecer relações saudáveis com outras pessoas e, por conseguinte, maior risco de desenvolver relacionamentos abusivos.

Também se apresentaram como resultados da pesquisa algumas estratégias utilizadas pelos adolescentes para cessar os episódios de violência ou deles se esquivar, tais como: intervenção direta ante os eventos de violência, afastamento do lar durante longos períodos e o uso de drogas lícitas e ilícitas. Os jovens do trabalho de Sani (2004) apresentaram estratégias de enfrentamento semelhantes.

Ademais, verifica-se que, à medida que a família funciona como a primeira instituição de socialização do sujeito (Beger & Luckam, 2004), nos casos de violência em seu interior, entre outras possibilidades, também pode constituir um ambiente de aprendizagem efetiva de condutas violentas, onde a criança assimilará que comportamentos hostis e agressivos são modos eficazes de resolver os problemas com o outro e impor sua vontade. Diferentes autores corroboram essa análise e acrescentam que os jovens podem entender que a violência é uma forma legítima para lidar com os conflitos interpessoais, comportando-se de forma agressiva com seus colegas, tendo em vista a violência que experienciam em casa (Galiano & Duarte, 2011; Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007; Jewkes, 2002; Justino, 2014; Maldonato & Williams, 2005; Mendéz, 2007; Ribeiro, 2010; Rocha, 2007; Sani, 2004). Discutem ainda que existe maior predisposição entre os meninos que entre as meninas a esse tipo de conduta (Castilho, 2007; Cumming & Davies, 1994; Iraurgi, Martínez-Pampliega; Iriarte & Sanz, 2011; Sudermann, Jaffe & Watson, 1996). Provavelmente contribui para essa diferença a forma como os comportamentos e expressão de emoções se apresentam na socialização em função do gênero.

A literatura também destaca duas possibilidades de como o comportamento violento pode manifestar-se nesses casos. Ou seja, segundo o modelo de comportamento observado entre os pais, a criança ou adolescente podem tanto construir repertórios comportamentais

violentos e, desse modo, reproduzir as atitudes do pai (Alves & Diniz, 2005; Cortez, Padovani & Williams, 2005; Day et al., 2003; Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007; Jewkes, 2002; Justino, 2014; Maldonato & Williams, 2005; Méndez, 2007; Ribeiro, 2010; Rocha, 2007; Sani, 2004; Saffioti, 1997) quanto assimilar o comportamento de submissão e tolerância à violência, com base no modelo oferecido pela mãe, favorecendo um processo de vitimização futura (Justino, 2014 ; Gomes et al., 2007; Méndez, 2007; Paixão et al., 2015). Kalmus (1984 citado por Oliveira & Sani, 2009) afirma que testemunhar atos de violência durante a infância constitui um dos fatores de risco de agressão conjugal mais significativo.

Em face desse panorama, verifica-se a existência de um número relevante de pesquisas que buscam investigar os efeitos da violência envolvendo figuras parentais sobre o desenvolvimento dos filhos, cujas consequências, conforme foi verificado, podem ser diversas, afetando aspectos psicológicos e emocionais (Benetti, 2006; Coutinho & Sani, 2008; Coutinho & Sani, 2008; Kitzmann, 2007; Lopes, 2014; Melo & Mota, 2014; Mendes & Sani, 2015; Patias, 2015; Patias, Bossi & Dell’Aglío, 2014; Santos & Costa, 2004), desempenho acadêmico (Brancalhona, Fogo & Williams, 2004; Faermann & Silva, 2014; Lourenço, Salgado, Amaral, Gomes & Senra, 2011; Milani & Loureiro, 2009; Nunes, 2004) e problemas comportamentais (George, Fairchild, Cummings & Davies, 2014; Boas, Dessen & Melchiori, 2010; Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007; Maldonato & Williams, 2005; Ribeiro, 2010; Sani, 2004).

Entretanto, nota-se, com base na literatura revisada em algumas bases de dados, como *Scielo*, *Pepsic*, *Redalyc* e *PubMed*<sup>3</sup>, compreendendo o período entre 2006 e 2016, a carência de trabalhos que discutem o relacionamento entre pais/mães e filhos adolescentes considerando esse contexto, sobretudo no Brasil.

---

<sup>3</sup> As palavras utilizadas como buscadores foram as seguintes: “violência conjugal” OR “violência doméstica contra mulher” OR “conflito conjugal” AND “relacionamento parental”; “violência conjugal” OR “violência doméstica contra a mulher” OR “conflito conjugal” AND relacionamento pais e filhos; e os respectivos termos equivalentes na língua inglesa.

## **1.2 O relacionamento entre pais e filhos ante um contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher**

A literatura a respeito do relacionamento entre pais e filhos ante o contexto de violência envolvendo as figuras parentais ainda é bastante incipiente, sobretudo se houver refinamento dos estudos que tratam do relacionamento entre pais/mães e filhos adolescentes nesse contexto. Assim, fez-se necessário utilizar como referência trabalhos sobre essas relações que abordssem diferentes faixas etárias, o que possibilitou acessar dados que apontassem possíveis consequências a que essas relações estão expostas.

Os autores que investigam essa temática descrevem, por exemplo, que os filhos que vivenciam essa situação podem sentir-se divididos entre defender a agredida ou o agressor, sendo provável que experimentem certa confusão pelo fato de amar o pai que também é autor da violência contra a mãe. De acordo com esses trabalhos, a fim de atenuar sua culpa, os jovens podem empenhar-se em justificar a conduta hostil do genitor, minimizando, portanto, o dano que lhe foi causado, e não o identificando como grave e prejudicial (Ravazzola, 1997 citado por Santos & Costa, 2004; Sudermann, Jaffe & Watson, 1996). Sudermann, Jaffe e Watson (1996) acrescentam que, muitas vezes, os filhos podem sentir saudades do pai e se preocupar com seu bem-estar, mas concomitantemente ficarem receosos em relação a ele em alguns momentos. Com relação à mãe, podem nutrir simpatia e suporte, mas simultaneamente sentir-se ressentidos e desrespeitá-la, devido à opinião que têm sobre as escolhas desta.

Não obstante, outros dados mais atuais também são observados na literatura. O estudo de Henriques (2013), que investigou a percepção dos filhos a respeito da figura paterna, considerando um contexto de exposição à violência do pai contra a mãe, mostrou que, apesar de as crianças identificarem o pai como responsável pela violência contra a mãe, elas mostraram-se vinculadas a ele, conseguindo ainda avaliar separadamente seu comportamento

na díade conjugal e seu comportamento parental. Nesse mesmo estudo, também foram apresentados dados relacionados à representação da figura materna para as crianças, sendo estas descritas como pessoas frágeis, em sofrimento e incapazes de se defenderem da violência sofrida. Esses resultados sugerem que, em alguns casos, as crianças podem situar em polos opostos o comportamento do pai e da mãe. Entretanto, independentemente da maneira como avaliam e da posição em que situam o comportamento parental, parece não deixarem de nutrir sentimentos positivos em relação a eles.

Observa-se, portanto, que os jovens se mantêm atentos aos acontecimentos dentro da sua família, e a forma como percebem a violência entre os pais guiará seu comportamento e sentimentos em direção a eles. Todavia, nota-se, que independentemente da forma como interpretam essa situação e a ela respondem, as relações pais/filhos parecem ser afetadas. Ademais, os trabalhos indicam que não só os filhos vivenciam esses sentimentos de ambivalência e dificuldades em administrar as relações dentro desse lar permeado pela violência. A forma como os pais interagem com os filhos também pode ser afetada e estes podem vivenciar dificuldades para separar as experiências negativas do relacionamento conjugal e o exercício da parentalidade.

De acordo com Cruz (2005 citado por Martins, 2013), a parentalidade refere-se a um conjunto de comportamentos iniciados pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos, no intuito de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família, fora dela e na comunidade. Dessa forma, a função dos pais é facilitar o desenvolvimento dos filhos dentro de um ambiente seguro, sendo uma prática que inclui uma série de dimensões: sensibilidade às necessidades destes, comunicação, expressividade emocional e o controle disciplinar do jovem.

Martins (2013) acrescenta que, embora esse seja um conceito ainda pouco definido, a necessidade de comunicar, priorizar a criança/adolescente e suprir as suas necessidades está já identificada como os três processos fundamentais de uma parentalidade positiva. Além disso, a compreensão do que venha a ser “um bom exercício parental” depende ainda de fatores contextuais, sociais e individuais da criança/adolescente e dos cuidadores, sendo, portanto, um conceito dinâmico (Pereira & Alarcão, 2014).

Dentro desse quadro, Hoghughi (2004), inspirado pelas proposições de Bronfenbrenner, Belsky e Furstenberg, propõe um modelo de parentalidade indicando 11 dimensões a serem consideradas, divididas em três grupos de competências: o primeiro constitui as *atividades parentais*, que incluem um conjunto de atividades necessárias a uma parentalidade suficientemente adequada e envolvem as dimensões do cuidado, controle e desenvolvimento; o segundo refere-se às *áreas funcionais*, que englobam os principais aspectos do funcionamento da criança e incluem as dimensões de saúde física, saúde mental, o comportamento social e o funcionamento educativo e intelectual; por fim, o terceiro são os *pré-requisitos*, que reúnem um conjunto de especificidades necessárias ao desenvolvimento da atividade parental e envolvem as dimensões do conhecimento, compreensão, motivação, recursos e oportunidades. Apesar das dimensões estruturadas, o autor destaca a importância de levar em consideração fatores mais contextuais, como *idade e cultura*, porque o que pode ser bom para uma criança pequena pode não ser tão bom para uma criança maior; e o que pode ser aceitável em uma cultura pode não ser em outra (Hoghughi, 2004).

Ao considerar as dimensões da parentalidade acima citadas, verifica-se que, apesar de o exercício de uma boa parentalidade envolver condições não apenas individuais do pai e da mãe mas também contextuais, podendo considerar outros membros da família, escola, comunidade e cultura, a interação e atitude do pai, mãe ou cuidador principal em relação à criança ou adolescente são muito importantes. Todavia, verifica-se que, em casos de conflitos

conjugais, a capacidade dos pais para exercer essa função pode ser prejudicada (Centre for Parenting and Research, 2006). Assim, os trabalhos que investigam esse campo apontam a existência de uma proporcionalidade à satisfação na relação conjugal e, por conseguinte, no relacionamento pais, mães e filhos. Por outro lado, as relações conjugais conflituosas e insatisfatórias poderiam tornar pais e mães menos disponíveis e mais agressivos com seus filhos (Calheiros & Monteiro, 2007; Dessen & Braz, 2005b; Boas, Dessen & Melchiori, 2010; Erel & Burman, 1995; Kouros, Papp, Goeke-Morey & Cummings, 2014; Levendosky, Huth-Bocks & Bogat, 2011; Mosmann, Wagner & Sarriera, 2008; Sani & Cunha, 2011). Essas relações são discutidas na literatura com base no conceito de Efeito de *Spillover*<sup>4</sup> ou “Hipótese do extravasamento”.

Mosmann, Wagner e Sarriera (2008) realizaram uma pesquisa com 149 casais que tinham pelo menos um filho adolescente, a fim de investigar a associação entre a qualidade conjugal, adaptabilidade, coesão, satisfação, nível de conflito conjugal, variáveis sociodemográficas e os estilos educativos parentais. Verificou-se, com base na análise dos dados, que, de modo geral, todos os perfis de parentalidade identificados corroboram a *Hipótese de Spillover*, indicando uma relação proporcional entre a conjugalidade e a parentalidade, isto é, as autoras concluíram que tanto as características positivas quanto as negativas da relação conjugal são, conseqüentemente, transferidas para a relação parental. Assim, a máxima, muitas vezes, sustentada pelo senso comum de que, mesmo ante a insatisfação no relacionamento conjugal, é melhor manter-se casado, pelo “bem dos filhos” não se mostra verdadeira, considerando esses resultados. Destarte, a ideia de que seria possível manter os jovens afastados das dificuldades conjugais também cai por terra a partir dessas evidências (Mosmann, Wagner & Sarriera, 2008).

---

<sup>4</sup> *Spillover* é um termo em inglês, traduzido como transbordamento. De acordo com Easterbrooks e Emde (1988 citado por Calheiros & Monteiro, 2007), o Efeito de *Spillover* indica que as relações estabelecidas em um subsistema têm influência sobre as de outro subsistema dos quais o sujeito participa. Assim, no caso de conflitos conjugais, estes poderiam exercer influências negativas sobre a qualidade das relações parentais.

Calheiros e Monteiro (2007), partindo do mesmo princípio de que os subsistemas pais/mães e filhos estão relacionados, investigaram o efeito da estrutura e das relações familiares nas práticas maternas. Neste trabalho, a análise considerou não apenas a *Hipótese de Spillover* como também a *Hipótese Compensatória*, que, em direção contrária, indica que as relações positivas entre pais e filhos podem ser mantidas, mesmo ante os conflitos conjugais, podendo ainda funcionar como fator de proteção para os filhos.

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário de Avaliação dos Maus-tratos em 102 mães (79 consideradas maltratantes, sinalizadas pela instituição de Proteção a Menores, e 23 mães não sinalizadas, que compuseram o grupo sem maltrato nem negligência). Em uma primeira etapa de análise, os dados coletados foram relacionados considerando como possíveis variáveis preditoras para as práticas maternas de maus-tratos e negligência a estrutura familiar, acontecimentos de vida negativos e nível socioeconômico. Na segunda etapa, foram analisadas como variáveis mediadoras das práticas maternas as variáveis violência familiar, conflito familiar e coesão familiar. A análise dos resultados indicaram a *Hipótese de Spillover* como a mais prevalente entre as entrevistadas, reforçando as evidências de que a violência doméstica desempenha um papel relevante no comportamento parental abusivo. Verificou-se uma correspondência significativa entre a presença de maus-tratos maternos e acontecimentos de vida negativos em famílias reconstituídas, sendo mais frequente esse tipo de evento nessa configuração familiar. Além disso, o nível socioeconômico da família se mostrou um dos preditores negativos mais fortemente relacionados à negligência. As autoras analisam que famílias que vivem muitas situações de estresse são mais suscetíveis aos maus-tratos e à negligência parental, alertando sobre a importância de programas de intervenção preventivos voltados para famílias nessas condições (Calheiros & Monteiro, 2007).

Também buscando avaliar a relação entre violência conjugal e práticas parentais, Sani e Cunha (2011), em seu trabalho, investigaram se havia diferenças nas práticas parentais entre um grupo de mães que sofreram violência doméstica perpetrada por seus parceiros e outro grupo que nunca havia sido exposto a tal experiência. A amostra foi constituída de 60 mulheres com filhos, das quais 30 eram mulheres vítimas de violência conjugal e 30 que não experienciaram esse tipo de fator de risco. Foram avaliados quatro grupos de comportamentos entendidos como “práticas parentais inadequadas”. As práticas envolviam maus-tratos físicos (bater deixando marcas, dar murros ou pontapés, bater com cinto e abanar ou sacudir com força crianças com menos de dois anos de idade, bater com cinto, bater com objetos, atirar objetos, bater na criança deixando marcas e bater na criança deixando ferimentos); comportamentos potencialmente maltratantes (dar bofetada na cara, cabeça ou orelhas, dar várias bofetadas, dar sovas na mão); maus-tratos emocionalmente abusivos (fechar a criança no quarto com chave, fechar a criança num quarto escuro, insultar a criança, dizer que não gosta da criança e dizer à criança que nunca deveria ter nascido); e práticas inadequadas não abusivas (a mãe ameaça a criança dizendo que o pai vai bater, ameaça bater na criança e dar sermões). Os resultados apontaram que, no grupo de mulheres com história de violência, havia uma tendência maior para a utilização de práticas educativas inadequadas do que no grupo de mulheres sem história de violência. Além disso, quando essas mães eram questionadas sobre o fato de considerarem esses comportamentos como “adequados” ou “inadequados”, houve maior tendência das mães com história de violência em classificar como adequadas as interações abusivas do que a das mulheres não vítimas de violência.

Diante desse cenário, torna-se válida a discussão levantada por Saffioti (1997) a respeito do que ela chama de “Ordem social das bicadas” ou “Síndrome do pequeno poder” (Saffioti, 2004). Ou seja, para a autora, muitas mulheres vítimas de violência podem maltratar

seus filhos com base na ideia de que eles são elementos inferiores na hierarquia doméstica. De acordo com Saffioti (1997):

Não apenas o homem pratica violência intrafamiliar. Sobretudo, em sua ausência, a mulher se torna toda poderosa em relação aos seus filhos, cometendo numerosos atos de violência contra as crianças. Na ausência do chefe da família, a mulher assume seu lugar, apropriando-se do poder que cabe aquele, para desempenhar a tarefa de socializar a geração mais jovem, atribuída na esmagadora maioria das sociedades, a mãe (Saffioti, 1997, p. 45).

Apesar disso, os autores na literatura parecem não descartar a existência da *Hipótese Compensatória*. Sani (2008), em outro trabalho, ao realizar uma revisão na literatura, discutiu a possibilidade de um extravasamento dos sentimentos e comportamentos negativos do subsistema conjugal para o subsistema parental. Entretanto, também fez considerações a respeito do comportamento de algumas mães, indicando que, mesmo em situação de violência, em alguns casos, elas conseguem mobilizar recursos pessoais para lidar, da melhor forma, com a situação de violência, sem permitir que isso afete negativamente o exercício da parentalidade, priorizando o cuidado e proteção dos filhos.

Esses resultados são corroborados por um dos trabalhos que compõem a tese de D’Affonseca (2013), sob o título “Disciplina utilizada por mulheres com histórico de violência física conjugal: um estudo comparativo”. A autora buscou investigar e comparar as práticas disciplinares utilizadas por mães que haviam sofrido agressão por seus companheiros e as que não haviam sofrido esse tipo de violência. Os resultados indicaram que não houve diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, em relação tanto aos comportamentos de disciplina quanto ao contexto e modo como tal disciplina era implementada pelas mães. Entre as hipóteses levantadas pela autora, ela destaca que as mães entrevistadas no seu trabalho que sofreram violência eram acompanhadas em serviços de

atendimento à violência, prestados à comunidade. Dessa forma, D' Affonseca (2013) analisa que tal acompanhamento pode ter funcionado como fator protetivo das práticas disciplinares maternas.

No tocante à problemática da exposição dos filhos à violência do pai contra a mãe, Castilho (2007) destaca a importância de práticas parentais adequadas e explica que o comportamento coerente e afetuoso dos pais em relação aos filhos pode funcionar como fator de proteção ante o contexto familiar conflituoso, auxiliando na melhor adaptação dos filhos e atenuando os efeitos adversos do ambiente familiar sobre o desenvolvimento, bem como sobre os relacionamentos parentais.

### **1.3 Adolescência: algumas considerações**

Considerando que este trabalho partiu da percepção dos filhos adolescentes para investigar as relações parentais no contexto de violência conjugal, analisa-se como importante a apresentação de algumas considerações a respeito desse momento do desenvolvimento, para a compreensão dos dados coletados.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1986) define a adolescência como o período que compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade. De acordo com essa compreensão, a adolescência é dividida em dois momentos: pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e adolescência (de 15 a 19 anos). Esse critério cronológico também tem sido adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (2017) para direcionar programas e ações de saúde para esse público. Entretanto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei 8.069 de 1990), que também funciona como base para regulamentar grande parte dos projetos e serviços relacionados à infância e adolescência no Brasil, restringe um pouco mais essa faixa-etária, compreendendo a adolescência entre os 12 e os 18 anos de idade, possivelmente para coincidir com a maioridade penal brasileira.

Na psicologia, bem como em outros campos de estudo, a adolescência é tradicionalmente compreendida como um período intermediário entre a infância e a idade adulta. A esse respeito, Salles (2005, p.34) chama a atenção para este fato:

A criança e o adolescente, com seus modos específicos de se comportar, agir e sentir, só podem ser compreendidos a partir da relação que se estabelece entre eles e os adultos. Essa interação se institui de acordo com as condições objetivas da cultura na qual se inserem.

Assim, pode-se considerar que as transformações nos modos de vida e na sociedade também trazem transformações para a compreensão a respeito do desenvolvimento ao longo do ciclo vital e, conseqüentemente, a respeito da infância e da adolescência, conforme pode ser constatado em estudos sobre o tema (Ferronato, 2015; Ferreira & Nelas, 2006; Pratta & Santos, 2007a; Salles, 2005; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvaes, 2010). Na psicologia, as primeiras formulações teóricas no estudo da adolescência foram pautadas em uma perspectiva biológica do desenvolvimento humano, associando o ingresso na adolescência à puberdade e envolvendo diferentes mudanças biológicas, como a maturação física, alterações hormonais e corporais que transformam o corpo da criança em um corpo adulto, capacitado para a reprodução. Posteriormente, os estudos sobre o desenvolvimento na adolescência passaram a dar mais atenção aos aspectos socioculturais implicados nesse período, valorizando o papel da história e da cultura e da inserção do adolescente em diferentes contextos para compreender as vivências nesse momento da vida (Bock, 2007; Ferreira & Nelas, 2006; Senna & Dessen, 2012).

Assim, entende-se atualmente que, embora a puberdade como aspecto biológico seja um fenômeno universal, esperado para todos os membros da espécie humana, referindo-se a uma fase importante em nosso calendário maturativo comum, a adolescência como fato psicossociológico não é vivenciada da mesma forma em todas as culturas. Nessa perspectiva,

é importante destacar que a maturidade física, emocional e cognitiva ao longo do desenvolvimento não apenas tem relação com aspectos biológicos, mas também sofre influência das experiências individuais dos sujeitos e de sua inserção nos contextos dos quais fazem parte. Portanto, apesar de algumas mudanças serem mais comuns dentro de uma determinada faixa etária, estas serão vivenciadas e compreendidas de diferentes formas em razão do gênero, do contexto no qual o indivíduo está inserido e das condições socioeconômicas, culturais, étnicas (Bock, 2007; Unicef, 2011; Ferronato, 2015). Habigzang, Diniz e Koller (2014) também corroboram essa concepção e destacam que a adolescência tem sido cada vez mais definida por suas características sociais e econômicas e menos por sua aparência física e hormonal.

Verifica-se, portanto, que os debates na literatura a respeito da adolescência têm sido ampliados por diferentes autores que se propõem a fazer uma leitura social-crítica desse momento. Bock (2007) e Ozella e Aguiar (2008), Becker (2017) por exemplo, discutem a adolescência como um produto cultural e destacam que seu caráter mais ou menos calmo ou conturbado estaria estreitamente relacionado às experiências de cada grupo, e não à adolescência como causa. Steinberg e Morris (2001) corroboram essa ideia e discutem que é preciso uma compreensão mais ampla para avaliar as possíveis dificuldades de comportamento que podem ser identificados nesse momento do desenvolvimento. É possível, por exemplo, que alguns adolescentes iniciem o envolvimento em situações de conflito com a lei durante esse período, por isso há uma tendência a associar esses comportamentos aos anos da adolescência. No entanto, apesar de uma situação se apresentar mais problemática durante a adolescência, não significa que é um problema da adolescência.

Um aspecto que pode diferenciar as experiências do adolescente a ser considerado refere-se à construção do gênero. Joan Scott (1995) define gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, fundado sobre as diferenças percebidas entre os sexos.

Refere-se à forma como são produzidas pela cultura e pela sociedade as diferenças nas relações entre homem e mulher. De acordo com Saffioti (1997), com base nessas noções, são produzidos marcos que permitem a transformação de um bebê/criança em um ser feminino ou masculino. Além disso, é importante mencionar a existência de outros gêneros que ultrapassam o dualismo homem x mulher e que tem adquirido maior visibilidade e aceitação nas relações atuais.

Verifica-se que, desde a infância, os indivíduos são apresentados a um conjunto de normas e comportamentos socialmente determinados e considerados como naturais, tanto na esfera domiciliar quanto na vida em sociedade. Aos homens são delegados atividades de força física, dispêndio de energia, trabalho e manutenção das despesas da casa, enquanto as mulheres são concebidas como figuras frágeis que possuem o dom para as atividades de cuidado com a casa e a maternidade (Lôbo & Lôbo, 2015). Também desde muito cedo, as garotas são encorajadas a expressar suas emoções mais aberta e intensamente que os garotos, especialmente no que diz respeito às expressões de tristeza e medo, bem como são estimuladas a ser mais sensíveis ao outro e demonstrar empatia (Biaggio, 2011; Oliveira & Haddad, 2016). Considerando essa análise, Traverso-Yépez & Pinheiro (2005, p.149) acrescentam que:

[...] o cotidiano da família é fortemente influenciado pela organização de gênero que, vigorando para além do espaço doméstico, manifesta-se de forma marcante nas relações intrafamiliares. Assim, a hierarquização de gênero perpassa tempos e rotinas, jogos e brincadeiras, perspectivas e projetos de futuro, reproduzindo os papéis de gênero vigentes no grupo social ao qual pertencem os sujeitos implicados.

Portanto, verifica-se que, dependendo da forma como as relações de gênero são apresentadas à criança ou ao adolescente, podem ser vivenciados desfechos problemáticos na vida adulta, como a perpetuação do machismo e/ou como um último elo desta cadeia, a

violência doméstica e familiar contra a mulher. Esses dados foram verificados no trabalho de Justino (2014). A pesquisa teve por objetivo conhecer os processos que, na história de vida de homens autores de violência doméstica, contribuíram para a construção de padrões de comportamentos agressivos. Para isso, foram entrevistados oito homens egressos prisionais pela Lei Maria da Penha (2006). Verificou-se com os participantes que os padrões de diferenças entre os gêneros foram reforçados desde a infância, por meio de lógicas que definiram o que era permitido a meninas e meninos, incluindo as brincadeiras, as divisões de tarefas e o tratamento que cada criança recebeu de acordo com seu sexo e que, nesses casos, fortaleceram a ideia de hierarquia dos homens em relação às mulheres. A pesquisa concluiu que a aprendizagem desenvolvida nesse contexto, acrescida de outras vivências na história de vida dos entrevistados, como ser vítima de violência ou ser exposto à violência, contribuiu para a construção de padrões de comportamentos violentos nas relações (Justino, 2014).

As relações que o jovem mantém tanto com os pares quanto com os familiares, incluindo avós, tios e primos e, sobretudo, as figuras parentais, são outro importante foco de discussão. Embora as relações com os adolescentes com frequência sejam discutidas como se as fontes de tensão residissem apenas neles, destaca-se que a análise deve ser contextual. Assim, outras pessoas e elementos do ambiente devem ser levados em consideração, tendo em vista que os vínculos poderão sofrer influências provindas de diferentes fontes, diretas e indiretas (Cruz, 2007; Oliva, 2004; Prata & Santos, 2007). Pode ocorrer, por exemplo, que os pais de um adolescente estejam atravessando o momento de crise da meia-idade e eles próprios estejam enfrentando conflitos, redefinições de sua identidade pessoal, relacional e profissional. Esses conflitos podem repercutir na maneira como se relacionam com seus filhos, em sua maior ou menor disponibilidade e acessibilidade, em sua maior ou menor rigidez ou flexibilidade. Por outro lado, pode ser que esse adolescente esteja num momento de indecisão a respeito de suas escolhas pessoais e profissionais (Faria, 2007; Oliva, 2004;

Levinsky, 2013). Ou seja, além dos próprios conflitos de valores referentes às gerações de pais, mães e filhos, existe um conflito pessoal de autoquestionamento, dúvidas e angústias sobre o próprio momento de vida que pode afetar as relações.

Verifica-se que, assim como alguns adolescentes se sentem divididos entre a dependência de seus pais e a necessidade de se libertarem, alguns pais podem também vivenciar sentimentos conflitantes. Eles podem planejar e desejar dar liberdade aos seus filhos, mas avaliar como é difícil não interferir em suas decisões. Tendem a andar na linha tênue entre dar suficiente independência aos adolescentes ou protegê-los de atitudes que consideram imaturas. Diante desse panorama, as tensões podem levar ao conflito familiar e os estilos de paternidade/ maternidade influenciar seu formato e resultado (Cruz, 2007). Autores que estudam o tema corroboram esta análise e destacam que, na adolescência dos filhos, o sistema familiar pode passar por grandes mudanças nas relações parentais, incluindo situações de brigas, discussões, falta de diálogo e de compreensão, conflitos com pais que são autoritários ou não exercem autoridade alguma (Cruz, 2007; Maturano et al., 2004; Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002).

Nessa perspectiva, as pesquisas discutem que pode ocorrer um afastamento dos adolescentes do contexto familiar e uma aproximação do grupo de pares. O grupo de iguais é uma fonte de apoio, afeição, simpatia, compreensão e orientação moral. Fornece um espaço para experimentação e um ambiente para alcançar a autonomia e a independência dos pais, bem como formar relações íntimas que servem de ensaios para interações adultas. Desse modo, os jovens tendem a se sentir seguros nesse contexto, uma vez que os comportamentos são semelhantes entre os integrantes (Chan & Chan, 2011; Keijsers & Poulin, 2013; Steinberg & Morris, 2000).

Mesmo assim, a literatura aponta que também na fase da adolescência a família permanece como uma das principais referências para o sujeito (UNICEF, 2002; Navaz, 2010;

Ribeiro, 2010; Senna & Dessen, 2012). Uma pesquisa realizada pela UNICEF (2002) revelou que mais de 85% dos adolescentes mantinham na família sua principal referência e indicaram que receber apoio e limites era uma forma de cuidado exercido pelos pais. Além disso, para 70% dos entrevistados, a convivência com a família foi citada como motivo de felicidade.

Diante do exposto, parece seguro dizer, como apontam Steinberg e Morris (2001), que o desenvolvimento adolescente é afetado por uma soma de fatores biológicos, genéticos, familiares, não familiares e culturais. Por conseguinte, seu relacionamento com as figuras parentais também sofrerá intimamente a influência de diversos fatores. A fim de investigar essas relações em um contexto mais específico, onde os filhos são expostos à violência do pai contra a mãe, é que se empreendeu este trabalho.

Ao considerar a pouca quantidade de pesquisas que discutem essa temática e a heterogeneidade dos resultados que os estudos existentes apresentam, pode-se questionar: Como se configuram o relacionamento entre os filhos adolescentes e seus pais e mães em um contexto de violência doméstica contra a mulher? Qual a percepção desses jovens a respeito do relacionamento entre os pais? O relacionamento entre as figuras parentais afeta o relacionamento deles com os filhos? De que forma?

Assim, este trabalho buscará investigar como se estabelece o relacionamento entre filhos adolescentes e seus pais e mães ante o contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher, mediante a perspectiva dos filhos, uma vez que majoritariamente os trabalhos realizados com esse propósito o fazem do ponto de vista dos pais. Dessa forma, tem-se como propósito “dar voz àqueles que enquanto verdadeiros implicados são os melhores descritores da sua própria realidade” (Rocha, 2007, p. 16).

Além disso, por meio deste trabalho, objetiva-se favorecer a construção de práticas preventivas e interventivas eficazes que tenham por objetivo contribuir para a qualidade dos relacionamentos entre pais, mães e filhos, quando em situação de violência doméstica e

familiar contra a mulher. Acredita-se que os relacionamentos saudáveis entre os filhos e seus pais e mães podem atuar como “amortecedores” dos aspectos negativos desse contexto, diminuindo, assim, as possíveis consequências negativas ao desenvolvimento dos filhos dos casais envolvidos nesses episódios. Para isso, este trabalho contará com o aporte teórico da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Urie Bronfenbrenner.

#### **1.4 A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH)**

Neste trabalho será utilizada a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como fundamentação teórica para a análise do relacionamento entre os filhos e os pais/mães, quando os filhos são expostos à situação de violência do pai contra a mãe, perpetrada por seu genitor. Para tanto, faz-se necessário uma breve exposição do modo como essa teoria entende o microsistema familiar, o desenvolvimento dos sujeitos, as relações que ela abrange e o modo como pode auxiliar na compreensão e construção de estratégias de prevenção e intervenção ante esse fenômeno.

De acordo com a Teoria Bioecológica, “o desenvolvimento humano é produto da interação entre um organismo humano em crescimento e seu meio ambiente” (Bronfenbrenner, 1996, p. 14). Essa teoria propõe quatro núcleos de análise: Processos Proximais, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT). Destaca-se que todos esses elementos são interdependentes e devem ser analisados em sua totalidade.

Assim, considerando os objetivos desta pesquisa e tendo por suporte para análise a Teoria Bioecológica com uma visão multideterminada do sujeito e dos fenômenos, acredita-se que será possível alcançar melhor compreensão a respeito do modo como a violência contra a mulher (mãe), perpetrada pelo homem (genitor), pode influenciar nas relações entre pais e filhos.

#### **1.4.1 O modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo)**

O primeiro núcleo de análise a ser conceituado são os processos proximais. Os processos proximais são considerados motores do desenvolvimento e se referem a padrões duradouros de interação no contexto imediato do sujeito. Esse conceito aparece em duas proposições centrais em várias publicações de Bronfenbrenner e recebe grande destaque na formulação atual de sua teoria (Tudge, 2008). A primeira afirma:

Especialmente em suas fases iniciais, mas também durante toda a vida, o desenvolvimento humano ocorre através de processos de interação recíproca, progressivamente mais complexas entre um organismo biopsicossocial em atividade e as pessoas, objetos e símbolos existentes no seu ambiente imediato. Para ser eficaz, a interação deve ocorrer em uma base bastante regular, ao longo de períodos prolongados de tempo. Tais formas duradouras de interação no ambiente imediato são denominadas como processos proximais (Bronfenbrenner & Morris, 2006, p. 797).

A segunda proposição descreve:

A forma, o poder, o conteúdo, e direção dos processos proximais influenciam o desenvolvimento, variando sistematicamente como em função conjunta das características da pessoa em desenvolvimento, do contexto tanto imediato como o mais remoto em que os processos estão a decorrer, da natureza dos resultados do desenvolvimento considerados e das continuidades sociais e mudanças que ocorrem ao longo do tempo, durante o curso da vida e no período histórico o qual a pessoa tem vivido (Bronfenbrenner & Morris, 2006, p.798).

De modo geral, os pais são as primeiras pessoas com as quais a criança interage por um período de tempo duradouro e regular. Nessas interações são estabelecidos inicialmente os processos proximais mais significativos para ela. Acrescidos a essas interações estão os

objetos e símbolos presentes em seu ambiente que também produzem influências (positivas ou negativas) sobre o seu desenvolvimento. A partir disso, são considerados dois possíveis resultados desenvolvimentais: de competência ou de disfunção. São resultados de competência a aquisição e desenvolvimento de conhecimentos e competências intelectuais, físicas, socioemocionais, ou uma combinação deles, ao passo que os resultados de disfunção estariam relacionados a frequentes manifestações de dificuldades da pessoa em desenvolvimento em sustentar o controle e a integração do comportamento (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Considerando que os resultados desenvolvimentais dependem dos contextos em que as interações ocorrem, os resultados de disfunção tornam-se mais prováveis de acontecer em ambientes desfavoráveis ou desorganizados, ao passo que os de competência são mais possíveis em ambientes favoráveis e estáveis (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Ante a exposição dos filhos à violência do pai contra a mãe, um ambiente desfavorável pode ser caracterizado como um contexto com a presença de muitos conflitos, sem resolução positiva, ausência de afeto e diálogo, entre outros aspectos que tornariam, então, mais prováveis os resultados de disfunção. Já os ambientes favoráveis podem ser identificados como aqueles com baixa frequência de conflitos ou onde os conflitos apresentam uma resolução positiva e diálogos construtivos para as pessoas envolvidas.

As pesquisas corroboram com tal premissa indicando que a exposição dos filhos à violência envolvendo os pais (contexto desfavorável) pode funcionar como preditor de desajustes emocionais, psicológicos, cognitivos, comportamentais, entre outros aspectos (Brancahorne, Fogo & Williams, 2004; Benetti, 2006; Boas, Dessen & Melchiori, 2010; Coutinho & Sani, 2008; Faermann & Silva, 2014; George, Fairchild, Cummings & Davies, 2014; Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007; Kitzmann, 2007; Lopes, 2014; Lourenço, Salgado, Amaral, Gomes & Senra, 2011; Maldonato & Williams, 2005; Melo & Mota, 2014;

Mendes & Sani, 2015; Milani & Loureiro, 2009; Nunes, 2004; Patias, 2015; Patias, Bossi & Dell'Aglio, 2014; Ribeiro, 2010; Santos & Costa, 2004; Sani, 2004).

Entretanto, Bronfenbrenner e Morris (2006) também apontam que, mesmo ante um contexto desfavorável, quando há o estabelecimento de processos proximais, estes podem atuar de forma a amortecer as características negativas do ambiente. Neste caso, ainda que o contexto familiar seja um ambiente conflituoso, uma vez que a criança/adolescente, nele inserida, mantenha bons relacionamentos com uma pessoa pelo menos desse contexto e sintasse, de algum modo, acolhida e cuidada, pode não sofrer tão diretamente a influência das características desfavoráveis presentes no ambiente.

No que se refere às características da pessoa, estas aparecem duas vezes na teoria bioecológica. A primeira, como um dos quatro elementos influenciadores da forma, poder, conteúdo e direção dos processos proximais; e a segunda, como resultado da combinação conjunta e interativa desses elementos. Assim, elas funcionam tanto como produto quanto como um produtor do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 2006). As características da pessoa são divididas em três, percebidas como os fatores mais influentes na determinação do curso de desenvolvimento futuro, por meio de sua capacidade de afetar a direção e poder dos processos proximais ao longo do ciclo da vida. São elas: força, recurso e demanda (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

As características de força podem tanto favorecer o estabelecimento dos processos proximais como interferir ativamente, funcionando como obstáculo ou mesmo impedindo sua ocorrência. No primeiro caso, destacam-se atributos como curiosidade, tendência para iniciar e se envolver em atividades, disponibilidade para adiar gratificação imediata; na segunda situação, aspectos como impulsividade, explosividade, distração, apatia podem atuar dificultando os processos proximais. Os recursos constituem características biopsicossociais limitantes e facilitadoras que influenciam a capacidade do organismo para se integrar e se

manter em diferentes processos proximais. Algumas condições que podem atuar como limitantes são os defeitos genéticos, baixo peso ao nascer, deficiências físicas graves. Já as condições que podem funcionar como facilitadoras se referem a capacidades, conhecimentos, habilidades e experiências. Por último, as características de demanda são qualidades da pessoa que podem favorecer ou desencorajar reações do ambiente social, influenciando o estabelecimento dos processos proximais e resultando em promoção ou rompimento de processos de crescimento psicológico, tais como aparência física atrativa ou não atrativa, hiperatividade ou passividade (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Verifica-se que as características pessoais são importantes elementos de análise quando se trata de quase todos os delineamentos de estudos envolvendo seres humanos, independentemente do contexto. No caso das relações parentais, destacam-se alguns exemplos de como essas características podem influenciar nas interações que se estabelecem entre mãe/filho e pai/filho. Adolescentes mais retraídos e com dificuldades de expressão (atributo de força), por exemplo, podem ter maior dificuldade em estabelecer vínculos. Essa característica pode refletir negativamente no relacionamento com os pais ou outras pessoas com as quais ele buscar interação. Entretanto, adolescentes mais comunicativos tendem a apresentar maior facilidade para se engajarem nos relacionamentos tanto com os pais quanto com outras pessoas (Ribeiro, Santos, Freitas, Correia & Rubin, 2015). Analisa-se que a comunicação positiva pode favorecer a compreensão dos sentimentos, percepções e possíveis angústias vivenciadas por eles quando expostos a um contexto familiar violento, bem como a outras experiências difíceis. Tais comportamentos podem contribuir para que a família e demais redes de apoio auxiliem os jovens na resolução de seus problemas. As características de gênero e faixa etária também são fatores que podem influenciar a forma como se estabelecem os vínculos com o outro, a percepção dos relacionamentos, os comportamentos e

a forma de enfrentamento das situações-problema (Iraurgi, Martínez-Pampliega, Iriarte & Sanz, 2011).

O terceiro elemento do modelo PPCT refere-se ao contexto. De acordo com Bronfenbrenner (1996), o *contexto* refere-se ao ambiente ecológico no qual o sujeito se desenvolve. Prati, Couto, Moura, Polleto e Koller (2008) apontam que o ambiente tem papel decisivo no desenvolvimento, sendo compreendido em termos físicos, sociais e culturais. Da mesma forma, a percepção psicológica do ambiente pela pessoa influencia o modo como cada indivíduo se desenvolverá. O contexto, nessa perspectiva teórica, foi dividido em quatro subsistemas: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema.

O microssistema refere-se aos ambientes mais imediatos do sujeito, onde ocorrem as interações face a face, tais como a casa, creche, a escola. Com relação a esse subsistema, Bronfenbrenner (1996) chama a atenção para o termo *experenciado*, destacando a importância de analisar não apenas as propriedades objetivas do ambiente, mas ainda a maneira pela qual essas características são percebidas pelas pessoas em desenvolvimento. Trata-se de aspecto fundamental neste trabalho, em que se objetiva conhecer a forma como os adolescentes percebem e descrevem o seu relacionamento com os pais em um contexto com características tão específicas, permeado pela violência.

No que concerne ao mesossistema, este inclui a conexão entre dois ou mais ambientes de que a pessoa em desenvolvimento participa ativamente. No caso de uma criança, são as relações entre o contexto familiar e a escola ou família e amigos da vizinhança. Um mesossistema, portanto, refere-se a um sistema de microssistemas. Ele é constituído e ampliado sempre que a pessoa em desenvolvimento começa a fazer parte de um novo ambiente (Bronfenbrenner, 1996).

Exemplos de possíveis consequências do mesossistema em relação a adolescentes que são expostos à situação de violência envolvendo as figuras parentais podem ser a

agressividade na escola ou baixo desempenho acadêmico, em virtude da violência sofrida em casa, visto que diferentes pesquisas já apontam essa relação (Brancahona, Fogo & Williams, 2004; Faermann & Silva, 2014; Milani & Loureiro, 2009; Nunes, 2004; Lourenço, Salgado, Amaral, Gomes & Senra, 2011), conforme já verificado.

O exossistema se refere a um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como participante ativo, mas nele acontecem eventos que influenciam (ou são influenciados por) situações que ocorrem no contexto em que a pessoa em desenvolvimento está inserida (Bronfenbrenner, 1996). Exemplos de exossistema, relativamente à temática desta pesquisa, podem ser eventuais conflitos que ocorrem no local de trabalho dos pais e que funcionariam como fator de estresse para eles, motivando discussões, ao chegarem ao lar, e, por conseguinte, levando os filhos a serem expostos a esses episódios. Ou ainda a mãe que frequenta um serviço de apoio psicossocial para auxiliá-la no enfrentamento da situação de violência e, por conseguinte, sente-se mais empoderada para exercer os cuidados parentais em relação aos filhos.

Por fim, o quarto subsistema refere-se ao macrossistema, entendido como um contexto que envolve qualquer grupo (“cultura, subcultura ou outra estrutura social ampla”), cujos membros compartilham sistemas de valores ou crenças. Ele abrange os demais sistemas, influenciando e sendo influenciado por todos eles (Tudge, 2008). O macrossistema também possui grande relevância neste trabalho, uma vez que a cultura em que o sujeito está inserido com as respectivas crenças e valores influenciam diretamente na forma como ele vai perceber seu ambiente e se comportar (Maia et al., 2013). Assim, a forma como o sujeito compreenderá o seu relacionamento com os pais e os eventos que ocorrem no seu microsistema familiar dependem, em grande medida, daquilo que valoriza a cultura/subcultura/comunidade em que ele está inserido. Uma cultura/subcultura/comunidade que valoriza as diferenças de gênero, hierarquia entre pais e filhos, a violência como modo de resolução de conflitos, pode levar um

sujeito a perceber como normativos os eventos de violência na família e até reproduzi-los (Maia et al., 2013). Por outro lado, uma cultura que valoriza as relações mais equitativas tanto entre os gêneros como entre pais e filhos pode levar os filhos dos casais em situação de violência a perceber seu ambiente como problemático ou, a partir disso, sentirem-se mais inclinados a buscar alternativas de resolução saudáveis para os conflitos em questão.

O quarto e último núcleo do modelo PPCT é o tempo ou “cronossistema”. Ele abarca as mudanças que acontecem no indivíduo e no ambiente em que ele vive ao longo da passagem do tempo, isto é, as mudanças no curso de vida individual e familiar (Boing, Crepaldi & Moré, 2008). O tempo é subdividido em microtempo, mesotempo e macrotempo: o primeiro pode ser entendido como as continuidades e descontinuidades que ocorrem dentro dos episódios de processo proximal num intervalo maior; o segundo, como a frequência com que acontecem os episódios de processo proximal; e o terceiro, como a transgeracionalidade e transformações na sociedade (Boing, Crepaldi & Moré, 2008).

A respeito do estudo desses elementos, no que se refere a este trabalho, verifica-se que o microtempo pode ser analisado quando se considera o relato dos jovens a respeito da sua interação com os pais em atividades que caracterizem processos proximais e o tempo utilizado nessas ocasiões; o mesotempo, com base no relato da frequência com que esses eventos ocorrem na rotina dessas famílias.

À vista dessa exposição, acredita-se que a teoria bioecológica e o respectivo modelo PPCT com uma perspectiva multideterminada dos sujeitos oferecerão um embasamento teórico bastante completo que poderá auxiliar na análise e compreensão dos dados, respondendo ao problema de pesquisa que se delineou, isto é, como se configura o relacionamento entre os filhos adolescentes e seus pais e mães em um contexto de violência doméstica contra a mulher? Qual a percepção desses jovens a respeito do relacionamento entre os pais? O relacionamento entre as figuras parentais afetam o relacionamento deles com

os filhos? De que forma? Destaca-se que Bronfenbrenner, durante o desenvolvimento de seu modelo teórico, esteve bastante preocupado com as questões políticas da pesquisa, objetivando, com base nos seus e em outros estudos, oferecer contribuições para a melhoria da qualidade de vida das pessoas (Tudge, 2008), objetivo que corresponde ao desta pesquisa.

## **Objetivos**

### **2.1 Objetivo geral**

Investigar, da perspectiva dos filhos, o relacionamento entre filhos adolescentes e seus pais e mães em um contexto de famílias que vivenciam a violência doméstica e familiar contra a mulher.

### **2.2 Objetivos específicos**

Investigar como os filhos adolescentes percebem o seu contexto familiar.

Analisar, em contexto de famílias que vivenciam a violência doméstica e familiar contra a mulher, como os filhos adolescentes descrevem e avaliam seu relacionamento com a mãe e com o pai.

Investigar como os filhos adolescentes percebem o relacionamento entre o pai e a mãe e de que forma essa relação os afeta.

## **3 Método**

### **3.1 Participantes**

Foram entrevistados 11 adolescentes com idades entre 12 e 16 anos, de ambos os sexos, membros de famílias nas quais a situação de violência doméstica e familiar contra a mulher (produzida pelo genitor do adolescente) foi identificada, considerando o acompanhamento realizado pelas mães na Coordenação de Atendimento a Vítimas de

Violência Doméstica e Discriminação (CAVVID) e na Secretaria de Políticas Públicas para a Mulher (SEPPOM).

A idade dos participantes foi delimitada com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990), que prevê o início da adolescência aos 12 anos completos e seu término aos 18 anos. Entretanto, nesta pesquisa, o critério de inclusão foram apenas participantes com idade-limite de até 16 anos, tendo por objetivo favorecer a identificação de jovens que ainda estivessem morando pelo menos com um dos pais e assim pudessem oferecer melhores descrições do contexto-alvo da pesquisa.

### **3.2 Procedimento de coleta de dados**

Os participantes foram escolhidos mediante o procedimento de amostragem por conveniência e acessibilidade. De acordo com Freitas, Oliveira, Saccol e Moscarola (2000), nesse tipo de amostragem os participantes são selecionados quando estão de acordo com o perfil da pesquisa e acessíveis e disponíveis para coleta de dados. Para acessá-los, contou-se com a mediação institucional da Coordenação de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica e Discriminação (CAVVID), localizada na Secretaria Municipal de Cidadania (SEMCID) em Vitória-ES, e com a Secretaria de Políticas Públicas para a Mulher (SEPPOM), localizada na cidade da Serra-ES.

A CAVVID refere-se a um espaço onde são desenvolvidos atendimentos psicossociais a vítimas de violência doméstica e familiar, não só realizando o acompanhamento psicológico de mulheres, mas também oferecendo todas as orientações e encaminhamentos sociais e jurídicos necessários, a fim de cessar a violência e garantir a segurança das usuárias do serviço.

A SEPPOM é uma secretaria responsável por formular, desenvolver, articular e coordenar as ações voltadas para as mulheres dentro de seu município, executando medidas

que garantam seus direitos. Oferece cursos de formação, encaminhamento ao mercado de trabalho e realiza campanhas educativas nas comunidades, escolas e empresas como forma de prevenir e conscientizar a mulher e seu entorno a respeito da violência doméstica. Além disso, executa o programa Pró-vida, que oferece acolhimento, orientação e atendimento às mulheres em situação de violência, bem como recebe, na Casa Abrigo Marcelle, as mulheres com necessidade de proteção e garantia de integridade física em situação de violência doméstica.

Vale pontuar que inicialmente a proposta era realizar a coleta de dados apenas na CAVVID. Em virtude da dificuldade de encontrar adolescentes inseridos em famílias com o perfil da pesquisa que estivessem dispostos a participar do estudo, foi necessária a mediação de outro serviço, a SEPPOM. Assim, com a colaboração dessas instituições para contatar as mulheres que sofrem/sofreram situações de violência intrafamiliar e por meio de seu consentimento, foi possível acessar os participantes da pesquisa, seus(as) filhos(as).

Em relação a ambas as instituições, em um primeiro momento foi enviada uma carta, solicitando a mediação delas para o acesso da pesquisadora às mulheres (mães) vítimas de violência doméstica. Depois foi solicitado aos respectivos serviços o contato das usuárias que preencheram os critérios necessários para a participação na pesquisa. A partir disso, a pesquisadora entrou em contato com essas mulheres apresentando o trabalho e solicitando a participação de seus filhos (adolescentes de 12 a 16 anos), deixando claro o compromisso do estudo quanto ao sigilo das informações e à proteção da identidade dos sujeitos. Assim, quando a resposta da mãe e de seu(a) filho(a) foi positiva para a participação na pesquisa, foram agendados dia e horário para a realização da coleta de dados que ocorreu nas instituições. No momento da coleta de dados, foram prestados novamente todos os esclarecimentos aos participantes dos procedimentos utilizados na pesquisa e as formas de divulgação dos resultados.

### 3.3 Instrumentos de coleta de dados

Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada (disponível em apêndice), que teve como inspiração a Escala de Qualidade da Interação Familiar (EQIF) (Weber, Salvador & Brandeburg, 2009) e abordou os tópicos pertinentes aos objetivos do trabalho.

Segundo Barros e Lehfeld (2000, p. 91), “a entrevista semiestruturada acontece de forma a contemplar uma lista de questões ou tópicos, em que o investigador preenche ou responde como se fosse um guia”. Assim, para as autoras, verifica-se:

A entrevista é uma técnica que permite relacionamento estreito entre entrevistado e entrevistador. [...] nas entrevistas não estruturadas, o pesquisador busca conseguir, através de conversação, dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, ou seja, os aspectos considerados mais relevantes de um problema de pesquisa (Barros & Lehfeld, 2000, p. 91).

Destaca-se que, com base nesse roteiro, outros pontos foram discutidos. No que se refere à EQIF (que funcionou como inspiração para a construção do roteiro semiestruturado), esta é uma escala validada e utilizada em estudos, como os de Stasiak, Weber e Tucunduva, (2014); Cunha e Weber (2005), Loss e Cassemiro (2010), que avalia os aspectos da interação familiar por meio do relato dos filhos que respondem separadamente sobre a mãe e sobre o pai, constituídos por 50 questões agrupadas em 10 escalas. Sete escalas abordam aspectos considerados positivos: relacionamento afetivo, envolvimento, regras e monitoria, comunicação positiva dos filhos, modelo, sentimento dos filhos e clima conjugal positivo. As outras três escalas abordam aspectos negativos: comunicação negativa, punição corporal e clima conjugal negativo.

Destaca-se que as perguntas do roteiro semiestruturado buscaram contemplar os 10 subitens avaliados pelo instrumento. Para tanto, a entrevista foi constituída por três tópicos:

no primeiro, foram realizadas perguntas mais gerais a respeito da família do adolescente e de sua percepção sobre o funcionamento familiar, a fim de conhecer os seus sentimentos e impressões com relação a esse contexto, bem como estabelecer um *rapport* e possibilitar que o participante ficasse mais à vontade com a situação da pesquisa; no segundo, as perguntas contemplaram aspectos mais diretamente ligados ao relacionamento dos filhos com a mãe; no último, o foco foi o relacionamento do adolescente com o pai. Esse roteiro foi construído pela autora e testado em pesquisa/entrevistas piloto com mães de adolescentes (mulheres que vivenciaram a situação de violência doméstica contra a mulher); posteriormente, foi adaptado para a aplicação com os adolescentes.

### **3.4 Aspectos éticos**

A pesquisa envolveu como participantes diretos adolescentes na faixa etária de 12 a 16 anos que foram ou ainda permaneciam expostos à situação de violência envolvendo as figuras parentais, que contribuíram voluntariamente para o trabalho, mediante a assinatura de um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e a do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo(s) responsável(is). Salienta-se que este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) (CAEE 55434216.9.0000.5542) e seguiu as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde Resolução 466/2012 (Brasil, 2012), entre os quais oferece proteção à identidade dos sujeitos, bem como garantias de anonimato e sigilo quanto ao uso das informações prestadas. Dessa forma, os nomes utilizados na análise de dados do trabalho são fictícios e os dados serão aproveitados exclusivamente para fins acadêmicos.

Além disso, em razão dos conteúdos abordados na entrevista, durante a coleta de dados, quando observadas, no comportamento dos adolescentes, emoções intensas ou expressões que indicavam maior fragilidade, foram feitas pausas e perguntado ao adolescente

se ele desejava continuar. Além disso, quando considerado necessário, foi sugerido o acompanhamento psicológico e discutida tal possibilidade com o responsável. Assim, a pesquisadora se colocou à disposição do participante para interromper a entrevista a qualquer momento, certificando-se, durante todo o tempo, de como ele estava se sentindo e oferecendo escuta a sua demanda, preconizando as orientações estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde sob as Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo sob a Resolução CFP 010/2005.

### **3.5 Análise e interpretação dos dados**

Todas as entrevistas foram gravadas e passaram pelo processo de transcrição. Posteriormente, os dados foram organizados com base nos pressupostos de Bardin (1977), de Análise de Conteúdo. De acordo com essa autora, o procedimento de Análise de Conteúdo refere-se a:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p.26).

Dessa forma, cumpriram-se alguns passos indicados pela autora, isto é, em um primeiro momento foi realizada uma pré-análise do material com base na leitura de todas as entrevistas transcritas. Posteriormente, ensejou-se uma análise mais detalhada das entrevistas, incluindo sua codificação e categorização. Na codificação, os dados brutos foram agrupados em unidades de análise, neste caso, unidades temáticas, que permitiram uma descrição mais exata das características do conteúdo coletado.

Depois disso, os conteúdos foram categorizados de acordo com os temas considerados de maior relevância para discussão, bem como de modo a responder aos objetivos da pesquisa. Os principais temas são “Avaliação do adolescente sobre o microsistema familiar”; “Relacionamento entre o adolescente e a mãe”; “Relacionamento do adolescente com o pai” e “Conflitos entre os pais e os efeitos dessa situação para o relacionamento parental”. Por fim, os dados foram interpretados e discutidos à luz da perspectiva teórica da Bioecologia do Desenvolvimento Humano e da literatura científica sobre o tema da pesquisa.

## **4 Resultados**

Em um primeiro momento, serão descritas as informações de caracterização dos participantes; depois, serão apresentados os dados coletados durante as entrevistas, que foram organizados de acordo com as categorias de análise identificadas na análise de conteúdo. A primeira categoria aborda “A avaliação do microsistema familiar”. Dentro desse tópico, foram organizadas as respostas que dizem respeito aos sentimentos descritos pelos adolescentes em relação ao ambiente familiar, à sua percepção sobre o relacionamento entre o pai e a mãe, e aos aspectos que gostariam de mudar na família. As categorias seguintes tratam da “Avaliação dos adolescentes no que se refere ao relacionamento com a mãe” e, em seguida, da “Avaliação dos adolescentes no que se refere ao relacionamento com o pai”, nas quais foram descritas as respostas que abordam a forma pela qual os adolescentes percebiam como era o seu relacionamento com o pai e com a mãe na infância e como descreveram essas relações no momento da pesquisa, na adolescência, especificando se identificavam ou não mudanças nesse período. Também foram organizadas nessas categorias as informações que tratavam sobre a avaliação dos aspectos negativos e positivos das relações, o que eles gostariam que mudasse; sua avaliação dos momentos de brigas e desentendimentos com o pai e com a mãe; a avaliação do apoio recebido; das demonstrações de afeto e das descrições relativas à realização de atividades conjuntas e do monitoramento provindo da mãe e do pai. Por fim, a última categoria aborda “Os conflitos entre os pais e os efeitos nas relações parentais”, conforme relatos dos adolescentes.

### **4.1 Caracterização dos participantes**

Foram entrevistados 11 adolescentes (sete meninas e quatro meninos) de 12 a 16 anos, cuja média etária é de 14,1 anos. Todos os adolescentes frequentavam a escola regular de ensino público e declararam possuir, pelo menos, um irmão. No que se refere à religião,

cinco consideraram que não possuem religião, três se declararam católicos, dois evangélicos e um mórmon.

O tipo de violência sofrida pela mãe, perpetrada pelo pai do adolescente, que ocasionou a busca pelo serviço psicossocial, em todos os casos envolveu a violência psicológica, em alguns dos quais a violência física, patrimonial, moral e sexual também foi relatada. Além disso, em oito das 11 famílias acessadas, a mãe e o adolescente permaneciam morando na mesma casa que o autor das agressões no momento da coleta de dados. A respeito dos dados socioeconômicos desse grupo, verificou-se que, entre as profissões dos pais, a mais frequente foi a de pedreiro. No que se refere à profissão das mães, a mais frequente foi Auxiliar de Serviços Gerais (ASG). A renda familiar mais alta foi correspondente a quatro Salários Mínimos (SM) e a mais baixa a um SM.

**TABELA 1***Caracterização dos participantes*

Participante	Idade	Série	Tipo de escola	Profissão do pai	Profissão da mãe	Religião	Qtd. de irmãos	Renda familiar aproximada	Tipo de violência que motivou a busca da mãe pelo serviço	Atualmente os pais moram juntos?
<b>Jade*</b>	14 anos	8. <sup>a</sup> série	Pública	Pedreiro	D <sup>o</sup> de casa	Nenhuma	2	2 ½ SM	Física/Psicológica	Sim
<b>Flor de Lis*</b>	14 anos	8 <sup>o</sup> série	Pública	Pedreiro	Professora	Católica	7	3 SM	Todas**	Sim
<b>Lucca*</b>	15 anos	8. <sup>a</sup> série	Pública	Pedreiro	ASG***	Nenhuma	2	1 SM	Psicológica	Sim
<b>Jasmim*</b>	12 anos	6. <sup>a</sup> série	Pública	Pedreiro	ASG	Nenhuma	2	1 SM	Psicológica	Sim
<b>Ágatha*</b>	15 anos	1 <sup>o</sup> ano	Pública	Desempregado	ASG	Católica	1	1 ½ SM	Física/Psicológica/Patrimonial	Sim
<b>Íris</b>	13 anos	7. <sup>a</sup> série	Pública	Técnico de enfermagem	Técnico de enfermagem	Evangélica	1	1 ½ SM	Psicológica	Não
<b>Azálea</b>	13 anos	7. <sup>a</sup> Série	Pública	Metalúrgico	Comerciante	Nenhuma	1	Não indicado	Psicológica	Não
<b>Cristal*</b>	14 anos	1. <sup>o</sup> ano	Pública	Pedreiro	Comerciante	Católica	1	Não indicado	Psicológica/Moral	Sim
<b>Apolo</b>	15 anos	1. <sup>o</sup> ano	Pública	Técnico de refrigeração	ASG/Estagiária de pedagogia	Evangélico	6	3 ½ SM	Moral/Psicológica	Sim
<b>Tomás</b>	16 anos	2. <sup>o</sup> ano	Pública	Técnico de refrigeração	ASG/Estagiária de pedagogia	Nenhuma	6	3 ½ SM	Moral/Psicológica	Sim
<b>Caio</b>	15 anos	1. <sup>o</sup> ano	Pública	Professor universitário	Pedagoga	Mormom	1	1 ½ SM	Psicológica	Não

\*Casos em que os adolescentes consideraram que os pais eram alcoolistas / \*\*Psicológica, moral, física, patrimonial e sexual/ Auxiliar de Serviços Gerais.

## 4.2 Microssistema familiar

### 4.2.1 Avaliação do adolescente sobre o microssistema familiar e os sentimentos

#### vivenciados em relação a esse contexto

Ao serem solicitados a avaliar o microssistema familiar, os adolescentes descreveram aspectos tanto positivos quanto negativos. A respeito dos aspectos positivos, foram relatados a união, a proximidade, o esforço da mãe para suprir as necessidades da família e o cuidado mútuo entre os membros da família. Os relatos abaixo ilustram essas relações:

*“Eu sou bem próxima deles e aí tudo a gente compartilha, tudo. E eu acho que é bom essas coisas [...]”* (Flor de Lis).

*“[...] eu me dou bem com minha mãe, meu pai e meu irmão. Me dou bem com os três”* (Caio).

Assim, mesmo considerando que havia conflitos na família, a união entre os membros desse microssistema foi destacada pelos adolescentes como aspecto positivo:

*“Uma família unida, que briga muito também, mas que consegue vencer os desafios a todo custo [...]”* (Caio).

*“Hum... A união. Tipo, é... A minha irmã, a Mayara abriu um comércio. Aí meu irmão, o Lucas e minha mãe estão ajudando ela. O Lucas tá ficando lá pela manhã, e vai estudar a noite e minha mãe tá ajudando ela na administração”* (Tomás).

*“O amor na minha família. Quando a gente está reunido, todo mundo junto [pausa]... E quando estão todos felizes”* (Íris).

Entretanto, para uma das adolescentes, as situações positivas da família existiam apenas quando os pais estavam juntos, demonstrando a dificuldade da participante no enfrentamento da separação dos pais.

*“Ah, tinha, mas agora não tem mais não. [...] Ué, eu, minha mãe, meu pai a gente junto, sair, ia brincar, não tinha hora para voltar para casa, a gente ia na igreja. Agora eles*

*não vão mais na igreja. Essas coisas era boa dentro de casa e agora não é mais. Porque meu pai não sai, fica mais dentro de casa. Minha mãe também não sai. Minha mãe sai do serviço para casa, quase nada”* (Azaleia).

No que se referem aos aspectos negativos avaliados pelos adolescents, foram descritos os conflitos frequentes entre o pai e a mãe, a separação ocorrida entre o pai e a mãe, o uso abusivo de bebidas alcoólicas por parte do pai e as discussões do adolescente com o pai e a mãe por alguns motivos, como horário para chegar em casa, frequência e dedicação à escola, companhias e permissão para passeios. Os relatos a seguir exemplificam essas avaliações:

*“[...] às vezes tem brigas [...] porque às vezes eu quero sair, por causa de escola, tudo é motivo de briga. [...] minha mãe pega muito no meu pé, de sair, de dormir fora. [...] Às vezes eu me sinto mal mesmo. [...] Tipo, só me chamam para reclamar, para brigar, num tem? É difícil vim para falar alguma coisa boa. [...] Ah, tipo, sei lá... Meu pai fica reclamando que eu nunca saio do quarto, aí o dia que eu saio ele fica falando, reclamando. Parece que só chama mesmo para brigar, porque quando faz alguma coisa boa ninguém fala [...]”* (Cristal).

*“[...] quando meu pai sai assim, aí começa aquele chororo, aí minha mãe não tem paciência, aí ela começa a ligar assim para ele, aí desgasta assim. [...]. Ele [pai] apronta, sai, não volta. E minha mãe fica vigiando, fica atrás. Tirando isso, minha família é boa. Mas a gente briga muito por causa dessas coisas do meu pai. Fica um clima ruim, não prejudica só ela, entendeu? [...]”* (Jade).

*“Se fosse para fazer um desenho eu faria: Meu pai bebendo. Se ele tem dinheiro, ele vai lá e bebe. Minha mãe, trabalhando, trabalhando. Quando ela chega em casa, ela descansa, mas, mesmo assim, ela está sempre arrumando a casa e minha irmã ajuda ela. E a gente também. A gente estuda, ajuda dentro de casa [...]”* (Lucca).

*“Mais ou menos, porque, quando meu pai tá lá e bebe, ele faz confusão, aí minha mãe se aborrece. [...] Eles brigam, discutem, ela fica chateada, ele arruma confusão”* (Jasmim).

*“[...] que tem muita discussão entre os dois, por causa do meu irmão também que ‘tá pequeno, não sabe de nada, essas coisas assim. A decepção que eu tenho são essas. Mas desde pequenininha os dois briga [sic], desde pequena. Eu guardei isso na minha cabeça como se fosse hoje [...]”* (Azaleia).

Ao descreverem os sentimentos vivenciados na família, os adolescentes também indicaram sentimentos bons e ruins, a depender do momento e do familiar com quem interagem. Entretanto, ao analisar mais detalhadamente os relatos, nota-se que a interação com o pai foi aquela que originou maior quantidade de descrições de sentimentos negativos.

*“Às vezes meio desagradável por parte de alguns e outros não. [...] A convivência. [...] É... Desentendimentos, brigas, conflitos [...]”* (Tomás).

*“Da minha família que eu me vejo assim, que são minha mãe, minhas primas, eu me vejo bem. Mas, quando chega meu pai, não tem como. A proximidade de mim... Dele comigo não... Como diz: ‘o nosso sangue não bate’ [...]”* (Agatha).

Na avaliação do microsistema familiar, os adolescentes também foram questionados sobre quem da família eles procuravam para conversar em momentos de tristeza. Dentre os 11 adolescentes entrevistados, seis relataram que não procuravam ninguém e explicaram que buscavam resolver esses sentimentos sozinhos, conforme destacou uma jovem:

*“Eu fico sozinha, aí depois eu fico melhor”* (Íris).

Dentre os seis adolescentes que indicaram não procurar ninguém, dois acrescentaram que, quando necessário, buscavam pessoas fora do ambiente doméstico para conversar quando o motivo de suas dificuldades se relacionava a esse contexto. Também ressaltaram

que não compartilhavam suas apreensões com a mãe ou outras pessoas para não preocupá-las, nem gerar mais desentendimentos.

*“[...] para não gerar confusão, ele [o pai] falava com a gente assim, brigava e a gente tinha que ouvir calado. Eu ficava triste, mas ficava calado. Para não gerar briga, não gerar confusão. Porque uma vez meu tio foi defender a gente, eles dois quase se mataram. [...] Sempre guardado para mim. Mas nunca fui assim de chorar. Pensava é melhor a gente evitar confusão [...]. Eu não sou de conversar essas coisas. Eu não sou de conversar quando 'tô triste. Não quero preocupar minha mãe e... Eu fico na minha” (Lucca).*

*“Eu não procuro ninguém... Mas, tipo assim, se for pelo fato do meu pai, eu procuro as minhas primas. Mas, se for por coisas de fora, eu procuro as minhas amigas. [sobre procurar a mãe] eu procuro, mas, em última opção. [...] Porque eu acho que ela tem problemas demais. Aí eu posso acabar sufocando ela” (Agatha).*

Dentre os outros cinco adolescentes, dois descreveram que, nesses momentos, costumam procurar os irmãos, dois relataram procurar a mãe (e um também citou a tia) e um adolescente relatou procurar as primas e amigas.

*“Meu irmão [...]. Ah, tipo assim, como a gente sempre costuma viver as mesmas coisas, aí tipo, não é aquela ajuda assim, mas pelo menos a gente conversa e tem aquela ajuda assim um do outro. Aí melhora um pouco” (Cristal).*

*“Eu vou para casa da minha tia que é do lado, no mesmo quintal. [...] Ela conversa comigo, fala que mesmo ele sendo meu pai, mesmo ele bebendo eu tenho que respeitar ele, porque ele é meu pai. [...] Se for por causa de algum amigo, eu falo com a minha mãe. Da escola eu falo com a minha mãe. [...] ela fala que eu não preciso ficar triste, que eu não preciso delas, que eu não tenho só uma amiga. Ela me aconselha. E minha irmã também” (Jasmim).*

*“Não, não tem. [...] Minha irmã, ela sempre me pergunta quando ela me vê triste assim. Mas eu evito falar, não sei. Meu irmão é quem mais pergunta, que eu até converso assim, mas como ele está sempre trabalhando, nunca ‘tá em casa, assim... Às vezes eu converso com ele pelo whatsapp, peço ele ajuda”* (Jade).

No que se refere às demonstrações de afeto entre os membros da família, os adolescentes explicaram que elas aconteciam e eram expressas por meio de abraços, comportamentos de preocupação com o outro e palavras de carinho verbalizadas. Os relatos a seguir ilustram essas avaliações:

*“Tipo ele [pai] sempre traz alguma coisa da rua, abraça. Abraça muito. [...] Meu irmão também. Ele é bem carinhoso comigo”* (Cristal).

*“Assim, minha mãe vai trabalhar a gente fala: ‘Olha minha mãe vai chegar cansada, vocês arrumam o quarto, arruma a casa para deixar ela contente, porque, quando ela chegar, ela vai dormir’. [...] a gente conversa. Um cuida do outro. Um defende o outro”* (Lucca).

*“[...] Um ajuda o outro, faz as coisas dentro de casa, ajuda a minha mãe”* [...] (Jasmim).

#### **4.2.2 Aspectos que o adolescente gostaria de mudar no microsistema familiar**

A respeito dos aspectos descritos pelos adolescentes no que se refere às mudanças que gostariam que ocorressem em sua família se tivessem a oportunidade de escolher, as respostas foram bastante heterogêneas. Apenas dois adolescentes, Apolo e Íris, não descreveram mudanças que gostariam que acontecessem em sua família.

Verificou-se que, em seis dos casos, os desejos de mudanças citados diziam respeito, direta ou indiretamente, à figura paterna. Por exemplo, alguns adolescentes descreveram que gostariam que o pai *“parasse de beber”*:

*“[...] Meu pai, quando bebe, fica falando que não era para gente morar lá, fica humilhando. Quando ele bebe, ele humilha e fica falando um monte de coisas, xingando”* (Jasmim).

*“É meu pai, né?! Porque o problema lá em casa é ele. Quando ele não está, é uma bênção. [...] Ele [pai] tinha que parar de beber, de ser grosso, de ser ignorante”* (Jade).

Outro adolescente reprovou a postura do pai dentro de casa e considerou que este não agia como um *“chefe do lar”*.

*“É... O fato do meu pai não saber chefiar a casa direito, porque de certa forma é minha mãe que faz isso. Ela que ajuda, ela que... Minha mãe que paga algumas contas, e de certa forma é ela que... Manda. [O que um chefe faz?] Administra, organiza [...] Paga as contas... É... Tem a reforma da casa que tá meio desandado [sic], porque ele não tá sabendo administrar direito. Aí minha mãe que tá correndo atrás”* (Tomás).

Por outro lado, nas avaliações de Cristal e Caio, era o modo de agir da mãe quem precisava mudar:

*“Acho que minha mãe tinha que mudar um pouco o jeito dela, entende?! É aquilo, só chama a gente para brigar, para reclamar, num tem? Nunca chega, nunca dá um elogio nem nada”* (Cristal).

*As brigas que a gente tem tido... [Quais os motivos?] Estresse da minha mãe, às vezes. [...] Coisas assim. [Por que você acha que isso acontece?] Muito trabalho, até porque é ela sozinha cuidando de dois* (Caio).

### **4.2.3 Avaliação dos adolescentes a respeito dos desentendimentos e brigas no microsistema familiar**

A respeito dos desentendimentos e brigas dentro de casa, todos adolescentes relataram que essas situações aconteciam. Foram descritos por eles conflitos entre a mãe e o

adolescente, entre o pai e o adolescente em defesa da mãe, entre o pai e mãe e conflitos entre irmãos. Os motivos relatados estavam relacionados ao uso de bebidas alcoólicas pelo pai, divisão de itens entre os irmãos, discussões do adolescente com o pai em defesa da mãe, divergência de opiniões em relação à organização da casa e desconfiança da mãe com relação aos comportamentos do adolescente. Alguns relatos exemplificam essas situações:

*“[...] Além do meu pai, são sempre em relação a minha irmã e, quando a minha mãe começa a brigar com a minha irmã, ela sempre coloca meu nome no meio. [...] São às vezes desconfiança dela, porque ela pensa que às vezes a gente ‘tá com namorado, assim, ou questão da casa que eu te falei, sempre”* (Jade).

*“[...] quando meu pai bebe, até duas horas da manhã, ele não para de falar. Ele tira nossa paz. Aí meu... Tipo, meu tio, ele mora no segundo andar. Aí ele quer resolver, aí ele fala assim: “Pow, cala boca, fica quieto aí”. Aí meu pai fala: “Que fica quieto o quê, cala boca”. Entendeu? Começa a xingar ele. [...] Os dois até chegaram a brigar, teve um tempo aí que os dois ficavam brigando por causa disso [...]”* (Lucca).

Um adolescente explicou as brigas com o irmão:

*“[...] Opiniões diferentes, no caso [...] Hum... Por exemplo, um quer usar o computador na mesma hora que o outro. Aí ocorrem desentendimentos [...]”* (Apolo).

Outra jovem entrevistada, Flor de Lis, acrescentou que os desentendimentos em sua casa costumavam acontecer devido ao uso de bebidas alcoólicas pelo pai, mas explicou que ela e a mãe tinham desenvolvido estratégias para lidar com esses momentos e evitar as situações de conflitos, tais como ignorar as falas do pai ou sair de casa.

No que tange ao modo de resolução de conflitos na família, na avaliação de cinco adolescentes não havia uma estratégia específica. Dentre esses cinco jovens, três explicaram que, após momentos de desentendimentos, as pessoas *“acabam voltando a se falar com o*

*tempo*". Outras duas adolescentes destacaram que, em suas famílias, na tentativa de resolver alguma diferença, as pessoas se envolviam em um conflito ainda maior.

*"Olha só, como eles resolvem? Eles resolvem a base de xingamento, de briga [...]"*  
(Azaleia).

Agatha avaliou ainda o comportamento da mãe como passivo nos momentos de discussão, descrevendo como ela costumava agir:

*"Minha mãe ela resolve no fato de aceitar. Ela acha que aceitando, dizendo sim para tudo que ele faz, ela vai mudar ele. Mas é situação de momento. Eu acho que não, eu já sou muito explosiva. Eu já acho que a situação tem que ser resolvida de outra forma [...] Eu discuto ou eu saio. Meu pai, ele nem tenta chegar perto de mim"* (Agatha).

Três adolescentes descreveram iniciativas que visavam interromper o contato com o pai, ausentando-se da presença dele ou contando com a ajuda de familiares para retirá-lo do ambiente em que estavam, já que, na avaliação dos jovens, eram os genitores quem provocava os conflitos.

Entretanto, outros três adolescentes relataram que, ante situações de conflito, a família buscava conversar procurando a melhor alternativa para solucionar as questões, como descrito por Caio: *"Conversa, muita conversa. Diálogo"*.

#### **4.2.4 Avaliação dos adolescentes a respeito do relacionamento entre os pais**

Na avaliação do relacionamento entre os pais, dentre os 11 adolescentes entrevistados, 10 avaliaram a relação entre as figuras parentais negativamente. Apenas uma das adolescentes, Flor de Lis, avaliou a relação entre os genitores positivamente, descrevendo a interação entre os pais como *"bem normal"* e avaliando o comportamento da mãe como *"romântico"*.

A maioria dos jovens descreveu que ocorriam, nas relações entre o pai e a mãe, agressões verbais, agressões físicas, comportamentos de ciúme por parte do pai e má distribuição das atividades entre os cônjuges, como retratam os relatos a seguir:

*“Entre eles? É ruim, né?! Que às vezes ele xinga ela, briga com ela, xinga ela de um monte de nome. E eu não gosto. Às vezes eles conversam normal. Mas... Na maioria das vezes, ele xinga, grita. Essas coisas. Não é bom, né?”* (Jasmim).

*“Coisa que eu fico assim meio cismada é que os dois ‘tá separado, aí os dois fica brigando, minha decepção é essa. [...] Que tem muita discussão entre os dois. [...] Mas desde pequenininha os dois briga, desde pequena [...]”* (Azaleia).

Sobre o ciúme do pai na relação com a mãe, um adolescente destaca:

*“Ruim [...] Porque não está bem o relacionamento deles, não está bem. [Por quê?] Hum... Ciúmes. [Por parte de quem?] do meu pai [...] Meu pai fica perseguindo minha mãe, rastreia o celular dela. Eu descobri isso. [...] Ridículo. Algo bem ridículo. Ciúmes é algo bem ridículo”* (Apolo).

Um das jovens, que avaliou negativamente a relação entre os genitores, descreveu sua insatisfação com a situação vivenciada entre os pais e explicou como acredita que a mãe deveria agir:

*“Aí, é muito difícil ela com meu pai, eu não aceito não. Eu acho que ela deveria tomar uma posição, sei lá. Eu, eu não aceitaria. Eu já tinha matado ele. [...] Eu sei que é difícil ela chegar para ele. Eu pessoalmente já vi, eu já vi ele mesmo falando: ‘Você quer a separação?’ E ela não poder falar sim, com medo dele bater nela. Ai dela falar: ‘Você que sabe’, mas ela queria. [...] Tem que ter alguma coisa, mesmo que gere um preço, uma consequência, isso não compensa. Viver para vida inteira assim”* (Agatha).

Outro adolescente, ao comentar a relação entre os pais, novamente reprovou o posicionamento do pai dentro de casa, explicando que ele não se responsabiliza pelas tarefas

administrativas do lar, como pagar contas e fazer compras, ficando essa atividade atribuída, na maior parte das vezes, à mãe.

#### **4.2.5 Intervenção do adolescente para defesa da mãe na relação com o pai**

Um dos impactos das relações conflituosas entre os cônjuges, para os adolescentes, ficou explicitado na preocupação que alguns deles manifestaram em ajudar a defender a mãe e na apreensão de que a mãe estivesse em risco na presença do pai. Durante as entrevistas, surgiram espontaneamente três relatos de situações em que, direta ou indiretamente, os adolescentes defenderam a mãe numa situação de conflito na relação com o pai. Com base nas descrições, foi possível notar a percepção apurada que os filhos apresentavam sobre o contexto de violência em que estavam inseridos. Uma delas explicou:

*“[...] às vezes ele é agressivo com a minha mãe. Aí a gente tem que ficar de olho, às vezes eu tenho que defender ela. [...] É que meu pai, ele me escuta mais. Como eu sou a mais nova, aí já fica mais assim. Teve um dia que ele foi pegar a minha mãe para bater – para bater mesmo – aí eu peguei e entrei na frente, falei assim: ‘Você não vai bater na minha mãe’. Aí ele já me escuta mais. Porque meu irmão, teve um dia que meu irmão foi mandar ele parar, aí ele foi e deu um soco no meu irmão. Aí ele escuta mais a mim”* (Jade).

Outra adolescente descreveu receio de que a mãe estivesse envolvida em situação de perigo, quando na presença do pai, e considerou que, se estivesse com a mãe nesses momentos, poderia ajudar a evitar as brigas:

*“[...] Para ajudar a minha mãe. Para ajudar não. É só para estar perto, só para não acontecer nada. Tipo, é medo de acontecer alguma coisa com ela. [...] É... Como... É como se, se eu tivesse ali, ele não fosse brigar com ela [...]”* (Agatha).

Em outro relato, Cristal explicou como ela e o irmão agiam quando observavam o conflito entre os pais e a percepção sobre o sofrimento da mãe nessas situações:

*“[...] querendo ou não, eu e meu irmão sempre ficava do lado dela, porque ela sempre sofria muito por causa disso e a gente sempre ficava do lado dela, apoiava ela”* (Cristal).

### **4.3 Relacionamento entre o filho e a mãe**

#### **4.3.1 Relacionamento entre o filho e a mãe na infância e mudanças na adolescência**

Na avaliação que os adolescentes fizeram a respeito do relacionamento com a mãe quando eram crianças, parte dos relatos evidenciou que o relacionamento com mãe era distante ou *“complicado”*. Esses jovens justificaram essa avaliação explicando que, nessa época, as mães trabalhavam muito e tinham pouco tempo para realizar atividades com eles. Apesar disso, todos relataram que, nos momentos em que conviviam com a mãe, essa convivência era positiva.

*“Um pouco complicado, até porque ela trabalhava quando eu era menor e não tinha tempo para mim, nem para o meu irmão [...] ela trabalhou fora por muito tempo. Chegávamos a passar o dia inteiro sem ela por perto [...]”* (Caio).

Num outro conjunto de respostas, os adolescentes descreveram a relação com a mãe ressaltando os aspectos positivos. Eles mencionaram que ela era presente na vida deles em momentos de cuidado, em momentos de lazer e de brincadeiras.

*“Nós éramos bem juntas. Eu falava: ‘Mãe, não tem ninguém para mim brincar[sic]’, aí ela brincava comigo. Largava o que ela tava fazendo para ir lá brincar comigo. Aí quando ela falava: ‘Azaleia borá sair’? Aí nós ia lá e saía. Ela me buscava na escola. Direto assim”* (Azaleia).

Uma das adolescentes descreveu seu relacionamento com a mãe na infância comparando com a sua relação com o pai nesse mesmo momento do desenvolvimento.

Explicou que a observação que ela e o irmão faziam do sofrimento da mãe, quando o pai bebia, contribuía para que eles se tornassem mais próximos dela, numa atitude de apoio.

*“Querendo ou não, eu era muito mais apegada a ela, porque tipo, como meu pai bebia muito, aí tipo, querendo ou não, eu e meu irmão sempre ficava do lado dela, porque ela sempre sofria muito por causa disso e a gente sempre ficava do lado dela, apoiava ela”*  
(Cristal).

Na avaliação das mudanças que ocorreram no relacionamento com a mãe da infância para adolescência, quase todos os adolescentes indicaram alterações no modo como interagiam com a mãe. Os adolescentes explicaram que essas mudanças estavam direta ou indiretamente relacionadas ao seu crescimento e amadurecimento, uma vez que se sentiam mais críticos e preparados para *“mais responsabilidades”*. Mudanças na forma com que a mãe compartilhava suas vivências com a filha também foi apontada por uma das adolescentes:

*“[...] Hoje ela [a mãe] é mais sincera comigo. Ela conta tudo para mim [...]”* (Flor de Lis).

Entretanto, em decorrência das mudanças de interesses relacionadas à idade, outros conflitos que, outrora não aconteciam, surgiram, assim como descrito por uma adolescente:

*“[...] Ela não desconfiava e agora ela fica desconfiando de namoradinho [...]”*  
(Jade).

Outra explicação para a mudança no relacionamento foi atribuída a característica do próprio adolescente que se avaliou como mais reservado:

*“[...] É meio distante do que era antes, já que agora eu estou mais fechado [...]”*  
(Tomás).

### 4.3.2 Relacionamento entre o filho adolescente e a mãe

#### 4.3.2.1 Aspectos positivos, sentimento de apoio e demonstrações de afeto na relação com a mãe

Na avaliação dos adolescentes sobre os aspectos positivos no relacionamento com a mãe no momento atual de sua vida, os participantes referiram-se ao cuidado materno, a disponibilidade da mãe para ouvir e ajudar, o carinho e a compreensão oferecidos por ela, às afinidades comportamentais entre filho e mãe, a união e os momentos de lazer entre ambos. Apenas uma adolescente relatou não identificar aspectos positivos na relação entre ela e a mãe.

A maioria dos adolescentes indicou que se sentiam apoiados pela mãe, conforme exemplificado nos relatos a seguir:

*“Ela faz de tudo para mim e para as minhas irmãs. O que eu precisar, se ela puder, assim, nas condições dela, ela vai me dar”* (Lucca).

*“Sim. Ela me ajuda em tudo que eu preciso, tudo o que eu preciso ela me dá... Assim, quando ela tem condições. [...] De tudo, de roupas, sapato, cuidado... De atenção, de tudo, tudo. [...]”* (Jasmim).

No que tange à abordagem das expressões de afeto, dos 11 adolescentes entrevistados, nove indicaram que havia afetividade entre eles e a mãe. Eles descreveram que esses momentos aconteciam por meio de expressões verbais, tais como palavras carinhosas e afetivas; comportamentos físicos, como abraço, beijo e carinho; atividades realizadas entre eles e a mãe, como conversas, brincadeiras, passeios ou mesmo a organização e auxílio no ambiente doméstico efetivada pelo adolescente. Foi mencionado também que a afetividade se expressava nos cuidados oferecidos pela mãe, ao preparar as refeições e sustentar as necessidades básicas do adolescente. Destaca-se que, entre esses adolescentes, três

ressaltaram o esforço da mãe para cumprir com essas tarefas e verbalizaram admiração por ela em virtude disso. Alguns relatos podem ilustrar essas situações:

*“[...] Demonstrações de carinho é quando uma ajuda à outra... Quando, às vezes, eu obedeço ela, aí ela fica feliz comigo. A gente se abraça, ela me leva para... A gente sai [...]. Às vezes ela brincava comigo de boneca [...]”* (Jasmim).

*“Minha mãe? É... Ela demonstra de todas as formas, de todos os jeitos. Tanto num abraço, quanto nas coisas que ela sempre busca para dar para gente [...]. Ela faz de tudo para tentar dar as coisas para gente, mesmo quando ela não tem [...]”* (Agatha).

*“[...] eu fico o dia todo beijando ela, abraçando ela [...]”* (Íris).

*“Aí a gente conversa na cama, aí ela faz umas declaração de amor assim, que é maravilhoso [risos] [...] É uma coisa bem... Amorosa”* (Flor de Lis).

#### **4.3.2.2 Realização de atividades do adolescente com a mãe**

Ao descreverem as atividades que realizavam com a mãe, os adolescentes apontaram tanto atividades que realizavam no próprio domicílio, tais como momentos com a mãe em que arrumavam a casa, cozinhavam, brincavam ou assistiam à televisão, quanto atividades de lazer fora de casa, como idas ao shopping, lanchonetes, praia e igreja.

*“[...] quando ela tá em casa a gente fica junta, a gente conversa”* (Jasmim).

*“[...] Ah, a gente todo dia de sábado, por exemplo, a gente levanta cedo, arruma a casa... Depois a gente sai, vai para igreja ou fica em casa assistindo alguma coisa. É assim. A gente se dá bem [sic] [...]. Eu saio muito com ela [sic]. Ela me leva em um monte de lugar diferente. E às vezes a gente fica em casa fazendo alguma coisa [...]. Ah, a gente vai comprar um lanche, alguma coisa para gente. Um brinquedo, uma roupa. No shopping, na loja [...]. É legal, eu gosto”* (Íris).

*“[...] O que a gente costuma fazer? Ah, nós sai, ela leva a gente na lanchonete para comer, leva a gente no cinema, no shopping para comprar roupa. É direto assim, quando ela recebe”* (Azaleia).

Alguns jovens explicaram que, muitas vezes, a falta de tempo livre da mãe, a rotina de trabalho extenuante ou questões financeiras eram fatores que dificultavam outros tipos de programas fora do domicílio. Dessa forma, descreveram que aproveitavam períodos juntos em interações cotidianas, demonstrando satisfação com esses momentos, conforme destacado por Jasmim: *“só de ficar com ela, já é bom”*.

Uma das jovens explicou sua relação com a mãe em virtude da relação com o pai. Relatou que as atividades com a mãe eram, em sua maioria, realizadas dentro de casa, porque a mãe organizava a própria rotina considerando a rotina do pai, implicando certa dificuldade para que atividades de lazer fora do domicílio acontecessem. Segundo seu relato:

*“[...] a vida dela é girada em torno do meu pai, aí eu acho que isso gera um pouco de... Ela não sai muito com a gente [...]”* (Agatha).

Outros dois adolescentes explicaram que não realizavam nenhum tipo de atividade com a mãe, e um deles, Apolo, justificou esse comportamento com base na própria característica pessoal, pois se considerou reservado.

#### **4.3.2.3 Monitoramento da mãe em relação ao adolescente**

A maioria dos adolescentes avaliou que as mães os acompanhavam nas atividades da vida escolar, como participação nas reuniões com professores e apoio na realização das tarefas escolares. Apenas dois adolescentes explicaram que a mãe não costumava monitorar sua rotina relativa à escola. Os relatos abaixo ilustram as duas situações:

*“Acompanha, acompanha. Às vezes ela vai lá na escola, pergunta da gente, da minha irmã, de mim [...] ela pergunta tudo da onde eu vou, com quem eu vou”* (Lucca).

*“[...] Na escola, por exemplo, até pouco tempo ela nunca tinha ido. Aí esses tempos atrás que ela foi lá saber. [...] nem foi ela que me matriculou também. Foi minha tia, mãe de uma amiga minha [...]”* (Cristal).

Com exceção do adolescente Tomás, todos os jovens também relataram que a mãe conhecia, pelos menos, parte dos amigos com os quais eles interagiam, destacando os colegas do contexto escolar.

*“[...] Ah, por exemplo, amizades assim mais próximas ela conhece, mãe, pai [...]. Tipo, as meninas que dormem lá em casa direto e eu também que durmo lá. De vez enquanto... Tipo, se eu vou para lá, ela liga para mãe da minha amiga para saber se eu estou lá, se eu cheguei lá, se eu vou para lá mesmo, se eu vou dormir lá, se tem problema [...]”* (Cristal).

Por fim, ao avaliarem se a genitora corrigia os comportamentos que ela considerava inadequados, os adolescentes afirmaram que sim. As formas de correções descritas foram diálogos entre a mãe e o adolescente, discussões e castigos, tais como ficar sem um item de que gostavam. Apenas Lucca relatou correção por meio de punição física.

*“Chama, corrige. Assim eu não dô motivo não. Eu não faço nada que ela tem que me corrigir. Eu obedeço ela, respeito ela. Mas assim, se eu tenho que levantar para ir para [sic] escola, ela vai lá e chama: ‘Lucca, você tá atrasado, levanta logo, vai para escola’. Ou se eu deixo a toalha fora do lugar, toalha molhada, ou se eu não faço alguma coisa em casa que eu tinha que ter feito, lavar uma louça ou arrumar os quartos, ela também chama atenção [...]”* (Lucca).

“[...] *Me deixa sem computador, sem celular, não deixa eu assistir TV por um tempo, daí a pouco até me proíbe de estudar*” (Caio).

“[...] *‘Azaleia, não faz isso. Minha filha, se você quer fazer isso, cê fala comigo, não faz isso comigo não. Você falando é melhor’. Ela fala desse jeito. Ela me explica as coisas*” (Azaleia).

#### **4.3.2.4 Avaliação dos adolescentes a respeito dos aspectos negativos e dos aspectos que gostariam de mudar na sua relação com a mãe**

Alguns adolescentes apontaram aspectos negativos da relação com a mãe, indicando o que gostariam de mudar. Foram citados por eles o comportamento explosivo e irritado da mãe, o fato de a mãe ser muito crítica com eles, o fato de a mãe trabalhar muito e ter pouco tempo, a inflexibilidade quando discutiam assuntos dos quais possuíam opiniões divergentes, tais como organização da casa, horário para chegar em casa, e quando a mãe compartilhava queixas sobre o pai:

“[...] *O fato dela não saber conversar direito, ela só saber... Não querer ver o que eu penso, só o que ela pensa. O certo dela é só o que ela pensa. É... E ela querer falar do meu pai. [...] Ela só querer desabafar, mas ela tem que entender que ela acaba sufocando. Acho que é isso o negativo dela*” (Agatha).

Contudo, essas mesmas situações foram avaliadas de forma negativa por alguns participantes sem indicação de que eram foco de mudanças desejadas, pois os adolescentes consideraram que estavam acostumados a elas. Nessa avaliação, os participantes mencionaram também as críticas que a mãe fazia em alguns momentos ao filho, o distanciamento entre a mãe e os filhos e a falta de tempo em virtude da rotina de trabalho.

*“Não tem muitas. Eu tô tão acostumada, e aceito tanto minha mãe do jeito que ela é [...]”* (Flor de Lis).

*“[...] mesmo do jeito que tá, eu considero que esse seria o melhor jeito da gente tá vivendo”* (Apolo).

Apenas dois adolescentes não fizeram avaliações negativas sobre a relação com a mãe, nem indicaram aspectos que gostariam de alterar.

*“Eu acho que não tem características negativas da minha mãe”* (Íris).

#### **4.3.2.5 Brigas e desentendimentos na relação entre o adolescente e a mãe**

Ao avaliarem as brigas e desentendimentos que ocorriam com a mãe, dos 11 adolescentes entrevistados, 10 apontaram a existência de situações de conflito em algum momento, relacionadas a horário de chegada ao domicílio, horário de dormir, tarefas domésticas a serem cumpridas pelo adolescente e desobediências do adolescente em diferentes circunstâncias.

*“[...] às vezes ela briga porque, eu durmo muito tarde. [...] Aí eu durmo tarde e acordo tarde. Aí, às vezes, ela fica falando: ‘Lucca, levanta que já tá na hora de ir para escola. Lucca, arruma a cama’. [...] Aí ela fica brava, às vezes. Mas eu levanto e tal”* (Lucca).

*“[...] Às vezes, quando eu não faço algum favor para ela, ou quando eu faço alguma coisa errada [...], quando eu vou para rua sem avisar, ou quando eu não arrumo alguma coisa, ou quando eu vou dormir tarde [...]”* (Jasmim).

Além disso, dentre os 10 adolescentes que relataram situações de conflito com a mãe, três ponderaram situações em que o pai estava direta ou indiretamente relacionado ao motivo da discussão. Foram descritas situações relativas às queixas da mãe em relação ao pai, a

irritação da mãe com o pai que é transferida para os filhos e episódio no qual uma adolescente defendeu o pai da agressão da mãe.

*“Mas tem vezes que ela ultrapassa os limites. [...] quando ela quer falar demais das coisas dela. [...] enche a cabeça de mim e do meu irmão. E a gente não gosta, porque a gente já presencia tudo [...]”* (Agatha).

*“[...] teve uma vez só que nós brigou foi por causa do meu pai. [...] Dentro do terminal. Ela chegou, sentou a bolsa no meu pai já. Eu peguei e fui entrar no meio. Ela pegou e começou a gritar comigo”* (Azaleia).

Ressalta-se que, mesmo ao descrever as situações de conflito com a mãe, parte dos adolescentes enfatizou que tem uma boa relação com ela:

*“É... A gente se dá bem, mas a gente tem nossas brigas e tal. Mas a gente se dá bem, porque eu entendo ela e ela me entende. Tipo assim, eu tenho toda a liberdade para falar o que eu quero com ela, e ela tem liberdade para falar o que ela quiser comigo”* (Agatha).

*“[...] Eu acho que não tem nenhum conflito, porque como a gente ‘tá muito acostumada a ficar junta, quando tem algum conflito, a gente volta a se falar depois de dois minutos”* (Flor de Lis).

#### **4.4 Relacionamento entre o filho e o pai**

##### **4.4.1 Relacionamento entre o filho e o pai na infância e mudanças na adolescência**

Na abordagem do relacionamento do adolescente com o pai na infância, foram obtidos três conjuntos de respostas. No primeiro, seis adolescentes descreveram que tinham poucos momentos de interação com o pai, caracterizando essa relação como “*distante*”. Esses jovens avaliaram alguns aspectos que contribuíram para esse distanciamento, como

desinteresse do pai em estabelecer contato com o filho, o uso de bebidas alcoólicas e carga horária de trabalho intensa.

*“Eu não lembro muito do meu relacionamento com meu pai na infância porque ele quase nunca tava presente. Sempre brigando. Aí eu não lembro muito não” (Íris).*

O relato de uma das adolescentes ilustra sua relação com o pai e a forma como a bebida interferiu na proximidade com ele. Ela também avalia que, quando o pai não fazia uso de bebidas alcoólicas, a relação era melhor:

*“É, a gente era bem distante, porque... Igual, era bem difícil a gente pegar ele bom [...] É... E... Aí ele ia, fazia tratamento, ficava no máximo dois meses sem beber. Aí, quando ele ‘tava sem beber, era outra coisa né?! Só que aí, tipo, nem era tanto tempo que ele aguentava ficar sem bebida [...]” (Cristal).*

Caio também considerou que o pai era distante, pois interagiam poucas vezes, mas relatou que, quando ele tinha a oportunidade de estar com o genitor, essa interação era positiva:

*“Não importava o que acontecia, ele sempre tinha um sorriso em seu rosto, sempre conseguia arrumar algum jeito da gente passar o dia feliz” (Caio).*

No segundo conjunto de respostas, quatro jovens avaliaram que a relação com o pai era positiva, descrevendo momentos de interações agradáveis com o genitor, como assistir a filmes juntos, passeios e momentos de brincadeiras.

*“Era bom também, ele brincava comigo, eu brincava com ele... Me levava na creche, quando... Eu lembro que, quando eu não queria ir para creche, ele me levava no colo, para mim parar de chorar” (Jasmim).*

No terceiro conjunto de relatos, dois adolescentes descreveram sua relação com o pai na infância com avaliações e sentimentos negativos, dos quais uma menina explicitou que a relação com o pai era permeada pela violência:

*“Eu descrevo... Assim... Medo. Medo, porque eu aceitava as coisas por medo. [...] É, e raiva também. [...]. Quando eu era pequena, ele me batia, tipo assim, não era porque eu merecia. Uma vez eu ‘tava dormindo, é... Ele me acordou. [...] minha mãe não ‘tava. Minha mãe ‘tava trabalhando... Aí ele me acordou me dando uma cintada, sendo que eu não tinha ouvido ele me chamar [adolescente se emociona]. [...] outra vez eu estava no chuveiro, aí a energia caiu. Aí ele me bateu de caneco. Meu irmão tentou entrar na frente, mas não deu”* (Agatha<sup>5</sup>).

Dos 10 adolescentes entrevistados, sete descreveram que o relacionamento com o pai sofreu mudanças da infância para a adolescência. Os aspectos descritos pelos adolescentes foram maior distanciamento do genitor ante a rotina do adolescente, aumento da agressividade do genitor na relação com o adolescente e uso de bebidas alcoólicas com maior frequência por parte do pai. Além desses fatores, duas adolescentes avaliaram que o próprio momento do desenvolvimento estava relacionado com as mudanças na interação com o pai. Segundo as jovens:

*“Eu não sei ao certo. Hum... Não sei [...]. É próximo também, mas antigamente era mais. Antigamente a gente assistia muitos filmes juntos. [...] Não é tão afeiçoado como era antes, mas... Ainda é bom. Porque antigamente eu era criancinha, entende? Hoje não. Hoje tem um certo detalhe que faz eu ficar mais para mim e ele ficar mais para ele. Tipo, de ser um pouco mais... Quietos assim, entende?”* (Flor de Lis).

---

<sup>5</sup> Tendo em vista que a adolescente se mostrou emocionada neste momento da entrevista, a pesquisadora perguntou se ela gostaria de fazer uma pausa. A jovem respondeu que não, pois já estava “acostumada” a chorar ante essa temática.

*“Eu acho que mudou porque agora ele percebeu que eu cresci. Ele percebeu que comigo ele não tem mais essa... Essa posição que ele tem em cima da minha mãe, de poder, de... De querer o que ele quer. De você... Se ele falar que é B, de você aceitar que é B. Eu não aceito. Eu discuto, falo que é C, se ele aceitar do jeito que eu falo... Muitas vezes ele aceita, mas tem vezes que não, aí que gera nossas brigas” (Agatha).*

Os outros quatro adolescentes avaliaram que o relacionamento com o pai no momento atual era tão distante quanto na infância. Dois participantes pontuaram ainda que o pai buscava aproximação em relação a eles, mas, em razão da história de interação vivida com o pai na infância, os adolescentes mantinham o distanciamento.

*“[...] Porque, antes quando eu era pequeno, eu queria a companhia dele, e ele não tinha tempo. Mas agora eu não ligo. [...] Bom, ele continua líder comunitário e continua distante” (Apolo).*

*“[...] Agora ele tem mais tempo, só que... Eu meio que estou refletindo a minha infância, quando ele não era tão próximo. Meio que tô refletindo isso, não deixando ele se aproximar [...] Ainda é distante [...] (Tomás).*

#### **4.4.2 Relacionamento entre o filho adolescente e o pai**

##### **4.4.2.1 Aspectos positivos, sentimento de apoio e demonstrações de afeto na relação com o pai**

No que se refere à avaliação dos aspectos positivos no relacionamento com o pai, os adolescentes entrevistados relataram algumas características, como suporte material, cuidado, afinidades entre o pai e o filho, momentos de passeio, momentos em que o pai não fazia ingestão de bebidas alcoólicas e momentos em que se comportava de forma carinhosa, oferecendo atenção e verbalizando palavras afetivas, conforme destacado em alguns relatos:

*“Ele é bom. Sempre que eu preciso de alguma coisa assim, ele me dá. [...] Tipo, quando eu preciso de roupa. [...] Se eu falo: ‘Pai, me dá um dinheiro para eu comprar isso, isso assim e aquilo’, ele sempre me dá. Quando ele não pode, ele fala: ‘Agora eu não posso, mas, quando eu puder, eu te dou’. E ele é certo assim, quando ele vai pagar a manutenção do aparelho, ele é sempre certinho para pagar as coisas”* (Jade).

*“[...] eu gosto das comidas dele. [...] Tipo, ele faz umas comidas diferentes, eu amo a moqueca dele. Ele também faz umas omeletes enormes só para mim de cada coisa... Já teve de cenoura, de sardinha, de aí [...]. E aí é bom assim, a gente é parecido com relação aos cachorros, a gente gosta bastante [...]”* (Flor de Lis).

Entretanto, três jovens avaliaram que não havia características positivas da relação entre eles e o pai a serem relatadas, justificando que não confiavam no pai em virtude de suas ações e de “promessas” feitas por ele que não foram cumpridas:

*“[...] Não, porque eu não confio no meu pai [...] É... Várias promessas que ele não cumpriu [...]. Quando eu era criança, ele falava que a gente ia pescar no sábado... Isso era segunda... Chegava no sábado, a gente não ia. Isso era sempre”* (Apolo).

*“Ele fala... ‘Eu gosto muito de você, tal, num sei que... Eu amo minha família, tal’, mas eu não acredito. Ele não demonstra”* (Aghata).

Nesse contexto, ao serem perguntados sobre o sentimento de apoio ante o relacionamento com o pai, cinco adolescentes responderam a essa pergunta de forma negativa, ressaltando alguns aspectos – o uso abusivo de bebidas alcoólicas, a falta de confiança e a ausência do pai – como fatores que dificultavam estabelecer um sentimento de que eram apoiados na relação com o genitor.

*“Às vezes não [...]. Porque ele não é muito presente e como... Como que eu posso contar com uma pessoa que geralmente não está lá. [...]”* (Tomás).

*“Não. Só vou acreditar nele, quando ele parar de beber. [...] Hum... Esse é o problema. Se ele não bebesse, nada disso... Oh! Ele teria um emprego bom, minha mãe não se estressaria, tudo ia mudar, ia mudar muita coisa” (Lucca).*

Outros quatro adolescentes disseram que, a depender da situação, se sentiam seguros para solicitar ajuda do pai, sendo as situações em que necessitavam de auxílio material mais citadas pelos adolescents, conforme descrito abaixo:

*“Dependendo do que for, sim. [...] Tipo assim, se eu precisasse ir a algum lugar e eu não tivesse quem me levar, ele me leva. Ou, eu não tenho dinheiro e peço a ele, às vezes, ele me dá. Aí eu posso contar com ele [...]. Para conversar que... A gente não conversa [pausa]. Não sei, de aconselhar, de às vezes ele me dizer que vem, que vem me buscar e não vem” (Íris).*

Entretanto, dois adolescentes afirmaram sentirem-se apoiados na relação com o pai, descrevendo conforto, confiança e acolhimento nessa relação.

Em relação às expressões de afeto entre os adolescentes e o pai, dos 11 jovens entrevistados, cinco disseram que não havia momentos de demonstração de afeto entre eles. Uma deles explicou que, nem mesmo em datas comemorativas, como no seu aniversário, costumava haver interações mais afetuosas entre ela e o pai:

*“Não, nunca. Nem no meu aniversário [...]. Ele me deu o celular mês passado, se não me engano, aí eu peguei e dei um abraço nele. [...] Aí ele: ‘Ah, cê nunca fez isso[sic]!’. Aí minha irmã pegou e falou bem assim [A entrevistada chora.]: ‘Mas, no nosso aniversário, você nunca deu nem um parabéns. Nem um abraço na gente’” (Jade).*

Outros cinco participantes afirmaram haver momentos de comportamentos mais afetuosos entre eles e o genitor, envolvendo gestos físicos, como abraços e “*carinhos*”,

palavras afetuosas, realização de atividades conjuntas, como passeios, e momentos compartilhados durante o cuidado com os animais domésticos, conforme apontou Flor de Lis:

*"Acho que são através dos cachorros. Aí a gente fica mais juntos nessas horas [sic]"*.

Uma das adolescentes, apesar de afirmar a existência de momentos de afetividade, ressaltou a baixa frequência com que essas situações aconteciam:

*"[...] às vezes sim. Eu tô no colo dele, ele me abraça. Mas é bem pouco" (Íris).*

Outra jovem relatou que o pai tem comportamentos mais afetuosos em relação a ela, contudo, ela não corresponde as suas iniciativas. Destaca-se que esta adolescente relatou agressões sofridas na relação com o pai que fazem com que ela não confie nas demonstrações de afeto deste.

*" [...] De mim não. Ele tenta abraçar [...]" (Agatha).*

#### **4.4.2.2 Realização de atividades do adolescente com o pai**

A respeito da descrição de atividades que o adolescente realizava com o pai, oito adolescentes descreveram que vivenciavam momentos de interação com os pais e participavam, juntos, de algumas atividades, sobretudo, atividades cotidianas, tais como brincar com os cachorros no próprio domicílio, assistir à televisão, cozinhar e realizar tarefas escolares. Apesar disso, os jovens destacaram a baixa frequência com que esses momentos aconteciam.

*"[...] A gente assiste televisão em casa. Igual eu te falei, a gente tem canal de filme, canal de... De programa assim. Aí a gente assiste, comenta... Mas... É isso. A gente não faz muita coisa junto. Não é muito. É às vezes" (Lucca).*

*“[...] Às vezes eu ajudo ele a fazer comida... Mas é bem difícil. Ou vemos televisão [...]” (Jasmim).*

*“[...] De vez em quando ele me leva eu e meu irmão na praia. Mas aí vai, fica um pouquinho e volta. [...] Ele fica no celular e eu fico com meu irmão brincando dentro da água” (Íris).*

Três participantes afirmaram que não realizavam nenhum tipo de atividade com o pai, dois dos quais justificaram que o uso abusivo de bebidas alcoólicas realizado por ele era um fator que dificultava a existência de momentos de lazer compartilhados.

#### **4.4.2.3 Monitoramento do pai em relação ao adolescente**

No que se refere ao monitoramento, oito adolescentes descreveram que o pai não acompanhava sua rotina nem conhecia as atividades nas quais eles estavam engajados, ficando essa tarefa direcionada à mãe. Os demais adolescentes ponderaram que o genitor acompanhava pouco sua rotina, tendo conhecimento apenas de atividades mais comuns do seu cotidiano, como a frequência escolar, conforme descrito no relato abaixo:

*“[...] Ele acompanha um pouco. Ele sabe que eu vou para escola, onde eu tô, se eu vou sair. Mas ele sabe assim [...]” (Azaleia).*

Em relação ao conhecimento do genitor sobre os amigos do adolescente, dos 11 jovens entrevistados, cinco descreveram que o pai não conhecia suas amizades, nem acompanhava quem eram as pessoas com as quais eles costumavam relacionar-se. Uma adolescente explicou:

*“Não. [...] Nem sabe quem são meus amigos. Ele não gosta que eu ande com ninguém. Tudo para ele é vagabundo, é piranha, é essas coisas assim” (Jade).*

Outros quatro adolescentes descreveram que o pai conhecia poucos amigos seus, incluindo primos.

*“Não. [...] Acho que ele só conhece um amigo meu, só... Um amigo meu que vai mais lá em casa. Conhece assim, de ver ele lá”* (Lucca).

*“Ele só conhece minha prima, que é minha melhor amiga... Só”* (Íris).

Apenas um adolescente relatou que o pai conhecia e acompanhava suas amizades, procurando saber com quem ele saía, quem eram suas companhias e que buscava conhecer a família de seus amigos.

Na abordagem sobre as correções do pai por comportamentos que este considerava inadequados, sete adolescentes relataram que o pai corrigia seus comportamentos e impunha limites, e essas correções se efetivavam mediante diálogos e orientações, assim como no relato a respeito das correções praticadas pela mãe, no qual apenas uma jovem descreveu que o pai aplicava castigos físicos. Um dos adolescentes que relataram as correções do pai por meio do diálogo explicou:

*“Hum! [...] Ele fala comigo, me puxa de lado para poder conversar, é... Basicamente me fala o que eu deveria ter feito, algumas das minhas ações que eu deveria tomar cuidado... Coisas assim”* (Caio).

Outros quatro adolescentes explicaram que a tarefa de corrigir e instruir o adolescente por comportamentos avaliados pelos pais como inadequados ficava direcionada à mãe, afirmando que o pai não interferiria nesse tipo de situação:

*“Não, assim, é mais a minha mãe que cuida de mim, da gente [...]”* (Lucca).

#### **4.4.2.4 Avaliação dos adolescentes a respeito dos aspectos negativos e dos aspectos que gostariam de mudar na sua relação com o pai**

A respeito de características negativas na relação com o pai, 10 adolescentes descreveram que os aspectos negativos da relação estavam ligados às características pessoais do genitor que consideravam prejudiciais ao relacionamento parental. Os adolescentes indicaram o uso abusivo de bebidas alcoólicas do pai, bem como comportamentos de impaciência, inflexibilidade, agressividade, desconfiança e a ausência de tempo livre para os filhos. Seguem-se alguns relatos ilustrativos dessa avaliação:

*“[...] De conversar mais... De bebida... De jeito assim, dele [...]. Ele também não tem paciência. [...] Para tudo. A gente fala um negócio normal assim com ele, ele já começa a gritar, leva na ignorância. [...] E o mal dele é esse também, ele nunca acredita em mim. [...] é sempre assim, eu que tô errada. [...] Ele sai para beber num dia, chega sem ser no outro, no outro dia ainda, e aí a gente não conversa muito. É bem difícil de a gente conversar [...]”* (Jade).

*“[...] Eu acho que meu pai bebe muito [...] Eu queria que ele parasse de beber, para gente passar mais momentos juntos [sic]. [...] Quando ele ‘tá bêbado, ele enche o saco. Fala, fala, fala, fica perturbando... Tira a paz de todo mundo do quintal. [...] Quando ele bebe, eu meio que me afasto dele [sic], porque... Me decepciona. [...] ele fica xingando a minha mãe [...]”* (Lucca).

Dessa forma, quando perguntado aos adolescentes sobre os aspectos que gostariam de mudar na relação com o pai, foram pontuados os mesmos fatores anteriormente avaliados como negativos. Assim, dos 11 jovens entrevistados, sete indicaram que gostariam que estivessem mais próximos do pai, se encontrassem com maior frequência, houvesse mais comunicação entre eles e essa comunicação fosse menos conflituosa, sem a presença de expressões verbais nem comportamentos agressivos.

“*Sim [...] Eu aumentaria o tempo de contato com ele. [...] Distância, né?! Porque a gente tem pouco tempo*” (Caio).

Ademais, quatro adolescentes também indicaram que gostariam que o pai interrompesse o uso de bebidas alcoólicas.

“*Que ele parece de beber e que conversasse mais comigo sem fazer ignorância [...] Fala alto atoa, grita, às vezes ele me xinga, xinga minha mãe, fica implicando [...]*” (Jasmim).

Apenas um dos adolescentes, Apolo, não descreveu aspectos negativos na relação com o pai, tampouco indicou mudanças que gostaria que acontecessem nessa relação.

#### **4.4.2.5 Existência de brigas e desentendimentos na relação com o pai**

Ao avaliarem a existência de brigas e desentendimentos com o pai, seis adolescentes descreveram que não havia conflito direto deles com o genitor. Os motivos não foram descritos por todos. Entretanto, um dos adolescentes ponderou que ele e o pai “*quase não se falam*”, indicando ser essa uma das razões pelas quais eles não costumavam discutir. Já para outra jovem, o motivo de não vivenciarem momentos de conflito estava relacionado ao fato de que o pai delegava as regras e correções para a mãe:

“*[...] deixa com a minha mãe para falar, porque ele já sabe que ela vai falar*” (Cristal).

Os outros cinco participantes afirmaram que existiam momentos de conflitos com o genitor, três dos quais destacaram que eram frequentes. Os motivos dos conflitos foram descritos pelos jovens entrevistados, e novamente foi pontuado pelos adolescentes o uso abusivo de bebidas alcoólicas como um fator disparador dos conflitos. Além dessas razões, foram descritas situações em que o adolescente defendia a mãe perante o pai, sentimentos de

"revolta" do adolescente a respeito dos comportamentos do pai direcionados à mãe, inflexibilidade e pouca atenção do pai na relação com o adolescente. Uma jovem explicou como aconteciam as brigas entre ela e o genitor:

*“[...] Quando eu defendo a minha mãe, ele não gosta. [...] Sempre, sempre é em relação a minha mãe. Que ele vê ela chorando, aí fala que a gente não ajuda ela e começa a fazer ignorância com a gente. Tipo, tenta virar tudo e dizer que a culpa é nossa, sendo que a culpa é dele. Ou quando a gente defende ela”* (Jade).

Outra adolescente destacou a intensidade de suas brigas com o pai, a forma como o relacionamento do pai com a mãe afetava a sua relação com ele e os sentimentos vivenciados por ela nos momentos de conflito.

*“Ah, é sempre, é sempre. Sempre quando ele está em casa. [...] As brigas entre mim e ele é mais gerada por causa de revolta minha. Minha em relação a ele e minha mãe. Muitas vezes não é diretamente minha e dele. É mais porque eu não aceito e não consigo tratar bem. [...] Não aceito ele com a minha mãe. [...] Dele brigar com ela... Não consigo [...]. Eu discuto com ele mais friamente, mais pelo telefone. Quando ele bate na minha mãe, alguma coisa assim, eu falo para ele que ele não é meu pai, que ele nunca vai ser. Que ele é um covarde, que ele nunca vai me ter como filha [...]”* (Agatha).

#### **4.5 Os conflitos entre os pais e os efeitos nas relações parentais**

Durante a revisão da literatura, foi possível observar diferentes referências que discutem a respeito do modo como os conflitos entre o pai e a mãe podem ter influência sobre as relações parentais. Nas entrevistas, embora não tenha sido realizada nenhuma pergunta específica com o propósito de fazer essa avaliação com os adolescentes, os relatos dos

jovens, ao descreverem o relacionamento parental, destacaram o reflexo dos conflitos ocorridos entre o pai e a mãe na relação com eles.

A esse respeito, dos 11 adolescentes entrevistados, seis descreveram espontaneamente situações que indicavam consequências da relação entre os pais, sobre o relacionamento com os filhos e cinco relataram situações negativas em que ocorria o transbordamento da relação conflituosa entre o pai e a mãe para a relação parental. Os adolescentes descreveram o fato de a mãe evitar fazer passeios com os filhos por não saber como o companheiro iria reagir, sentimento de medo e raiva do adolescente com relação ao pai por observar as agressões à mãe, conflitos entre o adolescente e o pai em defesa da mãe, distanciamento do adolescente em relação ao genitor, situações de discussão entre o pai e a mãe nas quais a mãe acaba “*descontando*” seus sentimentos de angústia no filho, situações em que a mãe solicitava ao filho acompanhar o pai no intuito de impedir que ele fizesse ingestão excessiva de bebidas alcoólicas ou permanecesse fora do ambiente doméstico por período de tempo extenso, além de mudanças no comportamento da mãe dentro do lar, quando o pai voltava para a casa, após período de separação. Os trechos abaixo ilustram essas situações:

*“[...] só que às vezes ele é agressivo com a minha mãe. Aí a gente tem que ficar de olho, às vezes eu tenho que defender ela. [...] É que meu pai, ele me escuta mais”* (Jade).

*“[sobre desentendimentos com a mãe] [...] teve uma vez só que nós brigou, foi por causa do meu pai”* (Azaleia).

*“[...] É que às vezes tem certos problemas do meu pai com relação a minha mãe, que deixa ela irritada e aí a gente acaba brigando, por causa e... Ela acaba descarregando na gente, por causa do meu pai [...]”* (Caio).

*“Quando ele vai para casa... Aí eu vou para casa das minhas primas... Aí eu só volto quando ele está superatacado, aí eu só volto, por causa da minha mãe. Mas, fora isso, eu*

*corro totalmente. [...] As brigas entre mim e ele é mais gerada por causa de revolta minha... Minha em relação a ele e minha mãe” (Aghata).*

Entretanto, uma adolescente, apesar de ter descrito o transbordamento da relação entre os pais sobre a relação com os filhos, também enfatizou os aspectos positivos da separação do casal.

*“Porque eu acho que quando os pais ‘tá separado acaba sendo melhor para os filhos, porque um pai fica querendo... Um dos dois fica sempre querendo ser melhor que o outro para ter mais perto os filhos, aí eu acho que, tipo nessa época aí, ele levava a gente para sair todos os dias praticamente [...]” (Cristal).*

## 4.6 Síntese dos resultados

**TABELA 2**

*Os processos proximais no microsistema familiar*

<b>Avaliação do(a) adolescente sobre o microsistema familiar</b>	<p><b>Aspectos positivos:</b> união, proximidade, amor, o esforço da mãe para suprir as necessidades da família, o cuidado mútuo entre os membros da família, sentimento de apoio e os momentos de lazer juntos.</p> <p><b>Aspectos negativos:</b> conflitos frequentes entre o pai e a mãe, a separação ocorrida entre o pai e a mãe, o uso abusivo de bebidas alcoólicas por parte do pai e as discussões do adolescente com o pai e a mãe por alguns motivos, como horário para chegar em casa, frequência e dedicação à escola, companhias e permissão para passeios.</p>
<b>Sentimento do(a) adolescente em relação à família</b>	Foram descritos sentimentos positivos e negativos em relação ao ambiente familiares. Mas a interação com o pai foi aquela que apresentou mais descrições de sentimentos negativos.
<b>Pessoa no microsistema familiar a quem o(a) adolescente procura para conversar em momentos de tristeza</b>	<p><b>Não procuram ninguém:</b> seis adolescentes</p> <p><b>Procuram a mãe:</b> dois adolescentes</p> <p><b>Procuram irmãos:</b> dois adolescentes</p> <p><b>Procuram a tia:</b> um adolescente</p>
<b>Demonstrações de afeto no microsistema familiar</b>	Os adolescentes descreveram gestos, como abraços, comportamentos de preocupação com o outro e palavras de carinho verbalizadas.
<b>Aspectos que gostariam de mudar no microsistema familiar</b>	<p><b>Gostariam que o pai parasse de beber:</b> quatro adolescentes</p> <p><b>Gostariam que não houvesse mais conflitos em sua casa:</b> três adolescentes</p> <p><b>Gostaria que o pai agisse como “chefe do lar”:</b> um adolescente</p>

**Gostaria que a mãe fosse menos crítica:** um adolescente

**Não fizeram descrições:** dois adolescentes

**Avaliação do(a) adolescente a respeito dos desentendimentos e brigas no microsistema familiar**

**Conflitos descritos:** entre a mãe e o adolescente, entre o pai e o adolescente em defesa da mãe, entre o pai e mãe e conflitos entre irmãos.

**Motivos dos conflitos:** o uso de bebidas alcoólicas pelo pai, divisão de itens entre os irmãos, discussões do adolescente com o pai em defesa da mãe e desconfiança da mãe com relação aos comportamentos do adolescente.

**Resolução de conflitos no microsistema familiar**

**Não há estratégia específica:** cinco adolescentes

**Diálogo:** três adolescentes

**Interrompem o contato com o pai:** dois adolescentes

**Discussão:** um adolescente

**Avaliação dos(as) adolescentes a respeito do relacionamento entre os pais**

**Avaliaram a relação entre os pais negativamente:** dez adolescentes

**Avaliou a relação entre os pais positivamente:** um

**Intervenção do(a) adolescente em defesa da mãe em relação ao pai**

Houve três relatos espontâneos.

**TABELA 3***Relacionamento entre o(a) filho(a) e a mãe*

<b>Relacionamento entre o(a) adolescente e a mãe na infância</b>	<b>Consideraram que era distante e complicado:</b> quatro adolescentes <b>Descreveram os aspectos positivos da relação com a mãe:</b> sete adolescentes
<b>Mudanças na relação entre o(a) adolescente e a mãe da infância para a adolescência</b>	Todos os adolescentes indicaram alterações no modo como interagem com a mãe, destacando elementos psicobiológicos.
<b>Processos proximais do filho adolescente com a mãe</b>	
<b>Aspectos positivos na relação com a mãe</b>	Cuidado materno, disponibilidade da mãe para ouvir e ajudar, carinho e a compreensão oferecidos por ela, semelhanças comportamentais entre o filho e a mãe, a união e os momentos de lazer entre ambos. Uma adolescente relatou não identificar aspectos positivos na relação entre ela e a mãe.
<b>Sentimento de apoio no relacionamento com a mãe</b>	Com exceção de uma adolescente, todos indicaram que se sentem apoiados pela mãe.
<b>Expressões de afeto entre o(a) adolescente e a mãe</b>	<b>Indicaram sua ocorrência:</b> oito adolescentes <b>Indicaram sua não ocorrência:</b> três adolescentes
<b>Realização de atividades entre o(a) adolescente e a mãe</b>	<b>Descrição de atividades dentro e fora do domicílio:</b> nove adolescentes <b>Descreveram não realizar atividades com a mãe:</b> dois adolescentes
<b>Monitoramento da mãe em relação ao(a) adolescente</b>	<b>Descreveram que a mãe acompanha suas atividades:</b> nove adolescentes

---

	<b>Descreveram que a mãe não acompanha nem conhece sua rotina:</b> dois adolescentes
<b>Conhecimento da mãe a respeito dos amigos do(a) adolescente</b>	Todos os adolescentes relataram que a mãe conhece, pelos menos, parte dos amigos com os quais eles interagem.
<b>Correção da mãe por comportamentos inadequados</b>	Todos adolescentes afirmaram que a mãe os corrige por comportamentos inadequados. <b>Formas de correção:</b> - <b>Diálogos e castigos:</b> dez adolescentes - <b>Punição física:</b> um adolescente
<b>Avaliação dos(as) adolescentes a respeito dos aspectos negativos e dos aspectos que gostariam de mudar na sua relação com a mãe</b>	<b>Descreveram aspectos negativos da relação com a mãe, indicando que, se pudessem, mudariam:</b> cinco adolescentes  <b>Descreveram aspectos negativos na relação com a mãe, contudo, sem relatar desejo de mudança:</b> quatro adolescentes  <b>Não descreveram aspectos negativos/aspectos que mudariam na relação com a mãe:</b> dois adolescentes
<b>Brigas e desentendimentos na relação entre o(a) adolescente e a mãe</b>	<b>Descreveram a existência de situações de conflito com a mãe:</b> 10 adolescentes  <b>Não descreveram situações de conflitos:</b> um adolescente   <b>Temas:</b> horário de chegada ao domicílio, horário de dormir, tarefas domésticas a serem cumpridas pelo adolescente, desobediências do adolescente em diferentes circunstâncias, situação em que o adolescente defendeu o pai na relação com a mãe e relatos frequentes da mãe sobre a relação com o pai, que o adolescente avalia como cansativos.

---

**TABELA 4***Relacionamento do (a) filh(a) o com o pai*

<p><b>Relacionamento entre o(a) adolescente e o pai na infância</b></p>	<p><b>Descreveram poucos momentos de interação com o pai:</b> cinco adolescentes</p> <p><b>Avaliaram a relação com o pai positivamente:</b> cinco adolescentes</p> <p><b>Descreveram sentimentos negativos na relação com o pai:</b> um adolescente</p>
<p><b>Mudanças na relação entre o(a) adolescente e o pai, da infância para a adolescência</b></p>	<p><b>Descreveram mudanças na relação com o pai da infância para adolescência:</b> sete adolescentes</p> <p><b>Avaliaram que o relacionamento com o pai atualmente é tão distante quanto na infância:</b> 4 adolescentes</p>
<p><b>Relacionamento do(a) adolescente com o pai</b></p>	
<p><b>Aspectos positivos</b></p>	<p><b>Suporte material, cuidado, semelhanças comportamentais entre o pai e o filho, momentos de passeio, momentos em que o pai não faz ingestão de bebidas alcoólicas e momentos em que se comporta de forma carinhosa, oferecendo atenção e verbalizando palavras afetivas:</b> oito adolescentes</p> <p><b>Não descreveram características positivas na relação com o pai:</b> três adolescentes</p>
<p><b>Sentimento de apoio</b></p>	<p><b>Não se sentem apoiados na relação com o pai:</b> cinco adolescentes</p> <p><b>Sentem-se apoiados no aspecto financeiro:</b> quatro adolescentes</p> <p><b>Sentem-se apoiados:</b> dois adolescentes</p>

<p><b>Expressões de afeto</b></p>	<p><b>Descreveram não existir momentos de expressão de afeto:</b> cinco adolescentes</p> <p><b>Descreveram momentos de expressões afeto:</b> cinco adolescentes</p> <p><b>Dificuldade em corresponder o afeto do pai:</b> um adolescente</p>
<p><b>Realização de atividades do adolescente junto com o pai</b></p>	<p><b>Não descreveram momentos de realização de atividades com o pai:</b> três adolescentes</p> <p><b>Descreveram momento de realização de atividades com o pai:</b> oito adolescentes</p>
<p><b>Monitoramento do pai em relação ao (a) adolescente</b></p>	<p><b>Descreveram que o pai não acompanha sua rotina:</b> oito adolescentes</p> <p><b>Descreveram que o pai acompanha pouco sua rotina:</b> três adolescentes</p>
<p><b>Conhecimento dos amigos</b></p>	<p><b>Descreveram que o pai não conhece suas amizades:</b> cinco adolescentes</p> <p><b>Descreveram que o pai conhece alguns amigos:</b> quatro adolescentes</p> <p><b>Descreveu que o pai não conhece nenhum de seus amigos:</b> dois adolescente</p>
<p><b>Correção por comportamentos inadequados</b></p>	<p><b>Relataram que o pai os corrige ante comportamentos inadequados*:</b> sete adolescentes</p> <p><b>Relataram que essa tarefa fica direcionada a mãe:</b> quatro adolescentes</p>
<p><b>Características negativas na relação com o pai</b></p>	<p><b>Descreveram uso abusivo de bebidas alcoólicas, comportamentos como <i>impaciência, inflexibilidade, agressividade, desconfiança</i> e a ausência de tempo livre para os filhos:</b> dez adolescentes</p> <p><b>Não descreveu característica negativa na relação com o pai:</b> um adolescente</p>
<p><b>Aspectos que gostariam de mudar na relação com o pai</b></p>	<p><b>Gostariam de estar mais próximos do pai:</b> sete adolescentes</p> <p><b>Gostariam que o pai interrompesse o uso de bebidas alcoólicas:</b> quatro adolescentes</p>

---

	<b>Não mudaria nada:</b> um adolescente
<b>Brigas e desentendimentos com o pai</b>	<b>Descreveram que não ocorre:</b> seis adolescentes
	<b>Descreveram que ocorre são frequentes:</b> três adolescentes
	<b>Descrevem que ocorre e são esporádicas:</b> dois adolescentes

---

**TABELA 5**

*Os conflitos entre os pais e os efeitos nas relações parentais*

**Indicaram espontaneamente consequências da relação entre os pais sobre o relacionamento parental:** seis adolescentes, cinco dos quais avaliaram negativamente e um avaliou positivamente.

## 5 Discussão

### 5.1 Relacionamento filho/pai

A família pode ser compreendida como um microsistema de relações. Um microsistema refere-se a um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experimentadas pela pessoa em uma interação face a face. Essas interações possuem características físicas, sociais e simbólicas que convidam, permitem ou inibem o desenvolvimento, de acordo com sua frequência, qualidade afetiva e complexidade ao longo do tempo (Bronfenbrenner, 1994; Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Na família são esperadas a ocorrência dos processos proximais, interações contínuas, recíprocas e significativas consideradas motores do desenvolvimento. Entretanto, embora tradicionalmente o microsistema familiar seja entendido como um lugar de acolhimento e segurança entre os seus membros (Macedo, 1994; Navaz, 2010), nem sempre essa expectativa se efetiva, sobretudo quando discutimos a violência doméstica e familiar contra a mulher envolvendo as figuras parentais. Isso porque, uma vez presente nesse ambiente, a violência pode descaracterizar as referências positivas associadas à família (UNICEF, 2009; Hernandez & Grás, 2005).

No caso das famílias dos adolescentes entrevistados, alguns fatores presentes nesse contexto, como a presença de violência do pai contra a mãe, a condição de alcoolista de alguns pais, a ausência da mãe e do pai em alguns momentos durante o desenvolvimento e a pouca rede de apoio disponível ao jovem e família como um todo, somaram situações que podem, em alguns momentos, ter funcionado como obstáculo ao relacionamento entre pais, mães e filhos na adolescência.

Assim, verificou-se que, quando solicitado aos adolescentes que avaliassem o seu microsistema familiar, eles relataram tanto aspectos e sentimentos positivos a respeito desse ambiente, tais como a união e a reciprocidade entre os membros da família, quanto aspectos e

sentimentos negativos que envolviam os conflitos entre o pai e a mãe ou entre o adolescente e o pai ou a mãe, como o uso excessivo de bebidas alcoólicas do pai e o mal-estar produzido pelo pai quando alcoolizado.

Observou-se, desse modo, que os filhos estavam atentos às situações que ocorriam no seu ambiente familiar e desejavam mudanças em relação aos aspectos que avaliavam como negativos e prejudiciais ao bom convívio entre os membros da família. Os adolescentes manifestaram o desejo de que o pai interrompesse o uso de bebidas alcoólicas, se engajasse efetivamente nas atividades com a família e que cessassem os conflitos envolvendo o pai e a mãe.

Quando foram comparados os dois grupos de relatos que descrevem aspectos positivos e negativos, notou-se que havia maior quantidade de avaliações negativas em relação às positivas. O conteúdo dos aspectos retratados como negativos foi predominantemente relacionado à figura paterna. As situações indicadas com maior frequência foram os momentos em que o pai fazia uso de bebidas alcoólicas e/ou se comportava de forma agressiva, em relação tanto à mãe e ao adolescente quanto a outros membros desse contexto, como irmãos, tios e avós.

Os autores na literatura têm discutido a possível associação entre o uso abusivo de bebidas alcoólicas e maior predisposição do homem a agredir a companheira e/ou filhos, membros mais vulneráveis quando consideramos a ideia de uma hierarquia doméstica<sup>6</sup>(Fals-Stewart, Golden & Schumacher, 2003; Fonseca, Galduróz, Tondowski & Noto, 2009; Lobô & Lobô, 2015; Mendéz, 2007; O'Farrell, Van Hutton & Murphy, 1999; Tondowski et al.,

---

<sup>6</sup> A hierarquia doméstica envolve a compreensão de como é estabelecida a organização da família com base na cultura do patriarcado. O que sedimenta esta rígida hierarquia verticalizada entre os membros familiares é o poder e a autoridade centrada na figura do marido/pai. [...] O conteúdo oriundo do poder e da autoridade do chefe da família repercute nesse espaço a partir de regras, normas e controle sobre os demais membros. Assim sendo os homens figuram como dominadores/exploradores, a esposa como a segunda na hierarquia é aquela que viabiliza esse poder junto aos filhos, os mais dominados-explorados. [...] Em uma dinâmica familiar permeada de violência doméstica, percebe-se com clareza que a mulher luta pelo respeito e sobrevivência e o homem para continuar no controle, e poder (Carvalho & Melo, 2013, p. 4).

2014; Tumwesigye, Kyomuhendo, Greenfield & Wanyenze, 2012; Villanueva, 2013; Zaleski, Pinsky, Laranjeira, Ramisetty-Mikler & Caetano, 2010).

De acordo com Jewkes (2002), o álcool contribui para a violência perpetrada por parceiro íntimo, pois reduz as inibições da pessoa, mas não é determinante. A crença de que o álcool causa a violência parece ser um dos pilares que sustentam e favorecem a manutenção da violência associada ao álcool, porque, quando o álcool é percebido como causa da violência, o comportamento agressivo deixa de ser atribuído àquele que o comete. Desse modo, pode haver maior tolerância às agressões, uma vez que o agressor é visto como “um homem bom”, cujo único problema é a bebida (Tondowski et al., 2014).

A esse respeito, verificou-se que, apesar de os adolescentes descreverem o consumo abusivo de álcool e o comportamento violento do pai como uma situação que gostariam de alterar dentro da família, notou-se que, em alguns relatos, os filhos buscaram defender ou atenuar o ato de violência cometido pelo pai contra a mãe em razão de o pai estar alcoolizado, explicando que, se não fosse a bebida, a situação não se configuraria da mesma forma. Uma das adolescentes destacou o consumo abusivo de bebidas alcoólicas pelo pai como obstáculo para uma dinâmica familiar positiva, sem, contudo, mencionar a violência praticada por ele contra a mãe em nenhum momento da entrevista, demonstrando que o incômodo com a bebida se sobrepôs a outras situações conflituosas na família. Além disso, neste caso, a jovem declarou que já estava acostumada com a situação, revelando que o comportamento do pai já fazia parte do cotidiano das relações familiares, demandando estratégias para que seus membros enfrentassem essa convivência. No trabalho de Ribeiro (2010), que buscou investigar o impacto da exposição dos filhos à violência envolvendo as figuras parentais, também foi observada a tendência dos jovens a minimizar o ato cometido pelo pai em razão do uso de bebidas alcoólicas.

Os estudos que discutem a exposição dos filhos à violência e o consumo abusivo de bebidas alcoólicas pelos pais/cuidadores indicam que esse contexto pode ainda favorecer uma aprendizagem do comportamento alcoolista. Segundo os autores, essa situação poderia predispor as gerações seguintes a vivenciar o mesmo padrão de relacionamento envolvendo violência e uso abusivo do álcool, seja sofrendo, seja perpetrando atos de violência (Mendéz, 2007; Paixão et al., 2015; Tondowski et al., 2014).

Tondowski et al. (2014), com o objetivo de investigarem a relação álcool, violência e a possível aprendizagem desses comportamentos no contexto familiar, estudou 42 famílias com histórico intergeracional de violência associada ao álcool. Os resultados apontaram diferentes padrões de repetição intergeracional. Os mais frequentes foram aqueles em linha direta de parentesco (pai/filho) ou por meio do casamento, isto é, filhas de pais com comportamento de violência associada ao álcool que se casaram com homens que apresentam comportamento semelhante. Essa repetição foi observada em 24 genogramas, principalmente entre as vítimas. Em algumas famílias, esse padrão apareceu praticamente em todos os casamentos ao longo das três gerações estudadas. Assim, quando havia três filhas de pais com comportamento de violência associada ao álcool, as três perpetuaram esse padrão de relação com seus companheiros e algumas de suas filhas também.

Contudo, Mendéz (2007) discute que nenhum fator por si só explica por que alguns indivíduos têm comportamentos violentos. De acordo com o autor, a violência é o resultado da interação recíproca e complexa de fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais. Dessa forma, o álcool e as drogas são alguns dos fatores de risco, pois reduzem os limiares de inibição do sujeito, mas não produzem violência de forma isolada. Muitos autores de violência não usam álcool ou outras drogas, e muitos usuários de álcool e drogas não são violentos. Para o autor, essas são duas questões distintas e devem ser tratadas separadamente.

No que toca ao relato dos adolescentes a respeito da baixa frequência de momentos em que passavam na companhia do pai, tanto na infância quanto na adolescência, os jovens descreveram novamente o consumo abusivo de bebida alcoólica pelo pai como obstáculo à relação. Além disso, pontuaram a intensa rotina de trabalho do pai que dificultava momentos de tempo livre para estar com os filhos e o seu desinteresse em estabelecer contato.

As características pessoais, como conceituado por Bronfenbrenner e Morris (2006), podem tanto favorecer o estabelecimento dos processos proximais como interferir ativamente, funcionando como obstáculo ou mesmo impedindo sua ocorrência. No caso das características pessoais de força e de recurso do pai descritas pelo adolescente como agressividade, inflexibilidade, pouca disponibilidade para interação e uso abusivo de bebidas alcoólicas, observa-se uma soma de fatores que podem ter contribuído para o distanciamento entre filhos e pais na adolescência.

Verifica-se, ainda, que o tempo é um importante elemento a considerar quando se discute o relacionamento estabelecido entre mãe/filho e pai/filho ao longo do desenvolvimento. De acordo com Boing, Crepaldi, Moré (2008), o conceito de tempo relaciona-se às mudanças que acontecem no indivíduo e no ambiente em que ele vive ao longo da passagem do tempo. Também para os processos proximais, o tempo, sinalizado na frequência e continuidade das interações, assume relevância para que uma relação seja significativa para o desenvolvimento. O tempo, na teoria bioecológica pode ser dividido em microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo destaca as continuidades e discontinuidades em episódios contínuos de processo proximal; o mesotempo especifica a frequência com que acontecem os episódios de processo proximal; e o macrotempo, a transgeracionalidade e transformações na sociedade (Boing, Crepaldi & Moré, 2008).

Considerando o conceito de tempo, observa-se que os pilares do relacionamento com os filhos vão sendo construídos nas interações que se estabelecem ainda na infância,

delineando a relação que se seguirá com o pai ao longo da vida. Apesar de os adolescentes relatarem situações em que se engajavam com o pai em atividades quando eram crianças, tais como assistir a filmes, lanchar, jogar bola e o pai levar o filho à escola, eles destacaram sua baixa frequência. Verificou-se também que a qualidade de alguns desses momentos se apresentou comprometida. Uma adolescente contou que a mãe pedia que ela acompanhasse o pai no bar, com intuito de controlá-lo quanto ao tempo que ele passaria no local e com quem manteria interações. Assim, embora estivesse na companhia do pai, a adolescente destacou que esse momento não era agradável, já que se sentia desconfortável entre as companhias do pai e seu papel era vigiar e controlar os comportamentos dele.

Ao descreverem as mudanças no relacionamento com o pai da infância para adolescência, os adolescentes descreveram situações, tais como o pai ter-se tornado mais agressivo, o adolescente ter-se fechado para a relação por não aceitar os comportamentos do pai ou mesmo o próprio distanciamento do pai na relação com o filho, sem outro motivo especificado pelo jovem. Outros dois adolescentes acrescentaram que, na infância, o relacionamento com o pai era distante, mas que hoje (na adolescência) observavam tentativas de aproximação pelo pai. Entretanto, relataram que não desejavam estreitar o contato, indicando a fragilidade da relação construída quando eles eram crianças.

Diniz e Koller (2010) discutem que, durante o ciclo de vida, a qualidade das relações que envolve também o afeto é um importante fator para o desenvolvimento. De acordo com as autoras, se, durante o processo desenvolvimental, a criança se sentir confiante em relação ao seu cuidador, percebendo que são dirigidos a ela momentos de atenção plena, sendo construídos assim efetivos processos proximais, ela será uma criança com maior probabilidade de se tornar um adolescente e um adulto com capacidade de retribuir esses sentimentos, de permanecer ligado às suas figuras de referência e criar novos elos relacionais. Por outro lado, afetos negativos ou de indiferença direcionados à criança, em longo prazo,

podem produzir sentimentos negativos que podem permanecer presentes para o adolescente, não apenas com as figuras parentais, mas com outras pessoas com as quais ele interagir.

Pratta e Santos (2007b) corroboram esta discussão e apontam que as situações de distanciamento entre pais, mães e filhos na infância expõem o relacionamento a maior probabilidade de distanciamento também na adolescência e vida adulta. O tempo que o pai e a mãe passam com a criança e interagem com ela, o tempo em que estão disponíveis para ela, ou ainda o tempo durante o qual são responsáveis por se engajar em atividades de cuidado, influenciam diretamente no tipo de vínculo que conseguirão desenvolver e manter com o filho posteriormente na adolescência e vida adulta.

Embora a literatura apresente uma quantidade maior de estudos relacionados à importância da mãe para o desenvolvimento dos filhos, os autores também têm destacado a importância do papel do pai nesse processo (Bueno & Vieira, 2014; Bossardi & Vieira, 2010; Eirik & Bergamnn, 2004; Vieira et al., 2014). Para conhecer, mais especificamente, o papel do pai no desenvolvimento dos filhos, Vieira et al. (2014) empreenderam um estudo buscando caracterizar a produção de artigos empíricos que discutem o tema. Os resultados indicaram uma relação positiva entre o envolvimento do pai com o filho na infância, apontando para um melhor desempenho acadêmico, menor índice de hiperatividade e problemas de comportamento e maior repertório de habilidades sociais.

O trabalho de Bueno e Vieira (2014), também apresentou resultados semelhantes. Mais uma vez, foram identificadas diferentes pesquisas que associavam o envolvimento paterno a aspectos específicos do desenvolvimento da criança, como melhor repertório de habilidades sociais, desenvolvimento socioemocional, desempenho acadêmico, menor índice de problemas de comportamento nos meninos e menor ocorrência de problemas psicológicos nas meninas.

Portanto, as pesquisas sustentam a importância da participação do pai no desenvolvimento dos filhos, indicando benefícios dessa relação para os aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais no desenvolvimento da criança e do adolescente. De acordo com Bossardi & Vieira (2010), o pai não deve ser excluído da responsabilidade de cuidar dos filhos. Contudo, precisa de incentivo e espaço para desenvolver seu papel.

Vale destacar também que a participação do pai, além de favorecer o desenvolvimento da criança e do adolescente, é discutida como fator que contribui para a qualidade da relação entre a mãe e o filho. Bronfenbrenner (2011) discute que o estabelecimento e a manutenção de padrões de interação progressivamente mais complexos e de apego emocional entre pais e filhos ou mães e filhos dependem do nível substancial da disponibilidade e do envolvimento de outro adulto, chamado de o “outro significativo” ou “terceiro responsável”. Os “outros significativos” são as outras pessoas presentes no ambiente da pessoa em desenvolvimento, além das que estão sendo observadas numa interação (Bronfenbrenner, 2011). De acordo com Bronfenbrenner (1996), o potencial da díade em observação é aumentado na extensão em que ela envolve sentimentos mutuamente positivos e as terceiras pessoas apoiam as atividades desenvolvidas na interação. Inversamente, o potencial de desenvolvimento da díade é prejudicado na extensão em que envolve um antagonismo mútuo ou quando o “outro significativo” desencoraja ou interfere nas atividades desenvolvimentais nela realizadas.

O trabalho de Pilz e Schermann (2007) também indicou a importância do apoio paterno na competência materna. As autoras buscaram investigar a prevalência de atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e possíveis associações a fatores ambientais e biológicos, e a competência materna, a partir de uma amostra constituída por 197 crianças de zero a seis anos e as respectivas mães. Avaliou-se a suspeita de atraso no desenvolvimento neuropsicomotor via teste de Denver II e um questionário às mães. A análise multivariada

mostrou os seguintes fatores associados à suspeita de atraso no desenvolvimento: baixa renda familiar, gestação materna com intervalo interpartal inferior a 18 meses e mães sem o apoio dos pais da criança. Nesse sentido, as autoras discutem que, além do provimento de condições materiais, ao proporcionar o apoio de condições emocionais à mãe por meio do amor e companheirismo, o envolvimento paterno auxilia na manutenção de um clima de harmonia e satisfação para a família, promovendo um desenvolvimento saudável para a criança. Além disso, o suporte que ele fornece à esposa influi no afeto materno, gerando um efeito protetor e melhorando a autoestima da mulher em sua função materna.

No que se refere à abordagem dos adolescentes a respeito dos aspectos positivos no relacionamento com o pai, o suporte material foi um dos pontos mais relatados. Ao descreverem o sentimento de apoio na relação, mais uma vez o suporte material também foi destacado pelos adolescentes, os quais explicaram que, sempre que precisavam de algo, o pai supria essa necessidade. Fleck e Wagner (2013) pontuam que o modelo da família tradicional de classe média brasileira, que consagrava uma divisão clara de papéis em que o pai se envolvia com o trabalho remunerado, enquanto a mãe se dedicava aos afazeres da vida familiar, incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos, passa a não ser mais tão comum em nossa realidade, como no século XIX e início do século XX. Entretanto, pondera que essas mudanças parecem não estar ocorrendo com a mesma frequência e intensidade para todas as famílias.

Na busca por uma compreensão mais aprofundada sobre essa questão, as autoras realizaram uma pesquisa com o objetivo de conhecer como se configuravam os papéis do homem e da mulher na família composta por um casal com no mínimo um(a) filho(a), em que ambos os cônjuges possuíam atividade profissional e a mulher era a principal responsável pela renda e sustento do lar. Foram selecionadas três famílias de forma intencional. Considerou-se como critério a superioridade da renda feminina em relação à masculina no

sustento da casa, caracterizada há no mínimo seis meses. De acordo com os resultados, considerando a amostra acessada, verificou-se a manutenção do tradicional exercício de papéis, funções e atitudes para cada um dos gêneros no contexto familiar, que corresponderam aos valores tradicionais ainda presentes no macrosistema a respeito do que se espera para os papéis de gênero. O conceito de macrosistema descreve um conjunto de ideologias, valores, crenças, religiões, formas de governo, culturas e subculturas presentes no cotidiano (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Assim, apesar de já se perceberem algumas transformações nos padrões e no funcionamento da família, outros seguem a repetir-se, principalmente quando se trata da manutenção de papéis de gênero apreendidos e esperados socialmente que delegam funções específicas aos homens e às mulheres, como o sustento para o homem e o cuidado para as mulheres.

O estudo de Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005) apresentou resultados semelhantes. As autoras tinham por objetivo conhecer a divisão das tarefas educativas desempenhadas pelo pai e pela mãe em 100 famílias de nível socioeconômico médio, com filhos de sete a 12 anos. Investigaram-se as principais semelhanças e diferenças entre o pai e a mãe quanto ao desempenho de tarefas educativas e o nível de acordo entre o pai e a mãe, na avaliação de quem deveria ser o principal responsável no desempenho de tais tarefas. Verificou-se que as famílias investigadas apresentaram um funcionamento bastante clássico. Ainda que a mulher possuísse rendimentos maiores que os do homem, o salário delas era considerado, no discurso familiar, como um complemento ao orçamento. Por outro lado, as tarefas domésticas desempenhadas pelos esposos foram percebidas como uma ajuda, expressando a isenção deles da responsabilidade no desempenho de tais atividades. De acordo com Bruschini e Ricoldi (2012), embora as mulheres estejam ingressando efetivamente no mercado de trabalho, as relações de gênero estão sofrendo pouca alteração no interior das famílias, o que leva muitas mulheres a vivenciar a chamada “dupla jornada”.

Dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNDA) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2006 (IBGE) indicam que a diferença de uso do tempo entre os sexos é expressiva em relação ao número de horas semanais de dedicação aos afazeres domésticos. O levantamento mostrou uma média de 9,8 horas para eles e 25,2 horas semanais para elas. Se for considerada a faixa etária dos homens de 30 a 39 anos (em que declararam a maior participação em afazeres domésticos), a dedicação girará, em média, em torno de 10 horas, muito inferior à das mulheres, que é de 27 horas na mesma faixa etária (IBGE, 2006). Dados mais atuais mostram que, em 2014, esses valores permaneciam muito semelhantes – 10,9 horas para homens e 25,3 horas para mulheres – indicando a permanência de desigualdades entre homens e mulheres quanto à divisão das tarefas domésticas (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2016). Considerando uma perspectiva tradicional do papel do homem na família e no desenvolvimento dos filhos e o relato dos adolescentes desta pesquisa a respeito do suporte material oferecido pelos genitores, analisa-se que o suporte financeiro pode ser a principal forma como os pais acreditam e sabem oferecer cuidado e afeto aos filhos.

Por outro lado, em uma pesquisa realizada por Bruschini e Ricoldi (2006) em debates com dois grupos de homens de 20 a 45 anos, com filhos pequenos, menores de 14 anos, com estado civil diverso, verificou-se, num primeiro momento, certo espanto demonstrado por alguns participantes dos grupos com o tema a ser debatido: trabalho doméstico e cuidado com os filhos. Segundo as autoras, esta é uma prova de quanto os homens, em princípio, se sentem distantes das questões que dizem respeito à esfera privada da família e da reprodução. Apesar disso, ao iniciarem os debates, os homens revelaram preocupação e envolvimento considerável com a limpeza e a higiene da casa e com o cuidado dos filhos. Muitos deles afirmaram que dividem tarefas, “vão fazendo” sempre que é necessário, e até chamavam os filhos para aprender. Os depoimentos revelaram envolvimento dos pais mediante

comportamentos, como passar o pano na cozinha, levar os filhos à creche e conversar com a diretora da creche. Além disso, vários participantes dos grupos afirmaram gastar de duas a três horas diárias nas tarefas domésticas, além de pelo menos um dia no fim de semana, para fazer ou ajudar a companheira a fazer uma faxina no domicílio, reservando o outro dia para o lazer com os amigos ou com a família. Essas afirmações indicaram que, na verdade, os homens participam mais e gastam mais tempo em tarefas domésticas e cuidado com os filhos do que eles mesmos pensavam, ao iniciar o debate.

Entre os aspectos positivos da interação com o pai, seis dos onze adolescentes entrevistados também indicaram algumas formas de expressão de afeto do pai em relação aos filhos. Foram mencionados gestos, como abraços, palavras afetuosas e realização de atividades cotidianas e de lazer. Contudo, os adolescentes destacaram que essas atividades não eram frequentes. Além disso, sete participantes indicaram que o pai impunha limites e correção quando avaliava o comportamento dos filhos como inadequado, o que também pode ser analisado como uma forma de cuidado do pai em relação ao filho.

Em suma, ao longo da análise dos dados a respeito do relacionamento do adolescente com o pai, notou-se uma predominância de avaliações negativas em detrimento das positivas, realizadas pelos adolescentes, a respeito do relacionamento filho(a)/pai. Na análise dos relatos, observou-se que a maior parte dos participantes percebia a violência do pai cometida contra a mãe, em alguns casos, avaliavam que havia o uso excessivo de bebidas alcoólicas realizado por ele, além de pouca disponibilidade e interesse do pai para o relacionamento com o(a) filho(a), entre outros aspectos descritos. Essas percepções possivelmente influenciavam a forma como os jovens interagiam com seus pais e avaliavam essa relação. Apesar disso, também foram mencionados por alguns deles momentos de interações agradáveis e aspectos da relação que sinalizavam cuidados e afeto entre ambos.

## 5.2 Relacionamento filho/mãe

Ao descreverem o relacionamento com a mãe, verificou-se que a avaliação feita pelos adolescentes foi majoritariamente positiva, no que se refere ao momento tanto da infância como da adolescência. Os relatos dos adolescentes apontaram que eles se sentiam apoiados na relação com a genitora, destacando o suporte material e emocional, bem como sua dedicação no relacionamento parental. Também relataram momentos de expressão de afeto e de realização de atividades na companhia um do outro. Apesar disso, conforme descrito em relação ao pai, explicaram que a mãe era ausente em alguns momentos durante a infância. Em virtude disso, tinham os períodos de interação limitados. Contudo, diferentemente da avaliação que fizeram em relação ao pai, os adolescentes justificaram que essa situação foi necessária, pois a mãe precisava trabalhar.

Verificou-se que os filhos valorizaram o esforço da mãe para suprir as necessidades financeiras e de cuidados da família e expressaram sentimentos positivos decorrentes dessa relação. Destacaram, ainda, que, mesmo quando não podiam fazer passeios fora de casa por questões financeiras, o fato de estarem na presença da mãe no domicílio era satisfatório.

Analisa-se que as situações e sentimentos descritos pelos adolescentes indicam a existência de processos proximais mais fortes na relação mãe/filho em comparação com a relação pai/filho. Os processos proximais são considerados motores do desenvolvimento, isto é, impulsionam e favorecem o processo de desenvolvimento da pessoa. São definidos como padrões duradouros de interação no contexto imediato do sujeito, que envolvem reciprocidade e afeto. De acordo com Bronfenbrenner e Morris (2006), quando os pais cuidam ou alimentam o bebê, quando um adulto da família brinca com uma criança, quando irmãos ou primos da mesma idade interagem, ouvem uma história, adquirem novos conhecimentos, praticam atividades esportivas, resolvem algum problema, executam algum tipo de tarefa complexa ou fazem planos para o futuro, estão desempenhando atividades

definidas por processos proximais. Portanto, os processos proximais são caracterizados pelas atividades cotidianas nas quais as interações acontecem.

Nota-se que, apesar de os adolescentes ponderarem que a mãe era ausente em alguns momentos, em razão da rotina de trabalho, destacaram diferentes situações nas quais compartilhavam momentos juntos, tanto nas atividades e diálogos durante a convivência em casa quanto nos momentos de passeio. A regularidade com que essas interações ocorriam e a reciprocidade entre as mães e os filhos nessas ocasiões também foram aspectos relatados, particularmente pelas meninas. Além disso, os adolescentes indicaram comportamentos de monitoramento e controle das mães em relação aos filhos. Relataram que ela acompanhava as atividades nas quais estavam engajados, procurando informar-se sobre os locais frequentados por eles e conhecer as pessoas com quem se relacionavam. Também explicaram que as mães costumavam corrigi-los nos comportamentos que considerava inadequados e incentivavam a vida escolar, frequentando as reuniões promovidas pela instituição e supervisionando a realização das atividades acadêmicas.

Bronfenbrenner & Morris (2006) acrescentam que, mediante as interações estabelecidas dentro de uma díade, as relações tendem a se tornar paulatinamente mais complexas em virtude das atividades recíprocas e das relações afetivas desenvolvidas de maneira sólida e duradoura, contribuindo para o desenvolvimento da pessoa. Diniz e Koller (2010) ainda explicam que essas situações vão além da situação *experencial* em si e mobilizam componentes subjetivos do ser humano, como os seus sentimentos e emoções.

Um aspecto importante a ser discutido no que se refere aos relatos de cuidado exercidos pela mãe em maior frequência, quando comparados aos relatos de cuidado exercidos pelo pai, pode estar relacionado ao macrosistema em que esses sujeitos se desenvolveram. Como destacado por Fleck e Wagner (2003), a história familiar, os legados, mitos e crenças familiares podem interferir nas relações e na forma como os integrantes das

famílias se organizam para exercer suas funções no domicílio. As pesquisas mostram também que ainda há uma tendência de o cuidado materno e o investimento na relação com os filhos serem mais frequentes e intensos quando comparados ao do pai. Essa situação é marcada por uma construção histórica que atribui à mulher a responsabilidade pelo cuidado com os filhos e ao homem o suporte material e manutenção da ordem no âmbito doméstico (Fleck & Wagner, 2013). Apesar das mudanças que aconteceram e ainda vêm acontecendo em relação à forma como os papéis de gênero se colocam nas famílias, essas práticas têm-se mostrado persistentes em alguns casos (Fleck & Wagner, 2013; Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005).

Um resultado preocupante é o fato de, ao serem questionados sobre com quem da família costumavam conversar em momentos de tristeza ou necessidade de apoio, a maioria dos jovens descreveram não procurar ninguém. Entre os adolescentes que relataram procurar pessoas do ambiente familiar nessas situações, foram citados as mães, irmãos e a tia. Mesmo assim, alguns adolescentes explicaram que preferiam não procurar a mãe como estratégia para não sobrecarregá-la, indicando uma tentativa de proteger a mãe, que, na visão dos filhos, lidava com diferentes estressores.

No trabalho de Ribeiro (2010) que investigou a percepção dos filhos sobre o relacionamento entre o pai e a mãe em situação de violência, os jovens também relataram dificuldades em se abrirem com familiares e amigos, explicando que temiam quebrar o segredo da família. Os participantes ainda expressaram vergonha de ser vistos como pessoas com problemas e vulneráveis ao julgamento do outro. Apesar disso, os adolescentes pontuaram que gostariam de ter alguém próximo com quem pudessem partilhar suas experiências.

Destaca-se, assim, a importância de uma rede de apoio com quem os adolescentes possam conversar, expressar angústias e receber orientações. De acordo com Amparo,

Galvão, Alves, Brasil e Koller (2008), uma rede de sustentação para jovens que estejam em um ambiente considerado de risco<sup>7</sup> pode, efetivamente, contribuir para o desenvolvimento de melhores estratégias para enfrentamento das adversidades. A escola, a comunidade e a família podem atuar como contextos a compor a rede de apoio. Os autores destacam que é fundamental pesquisar esses ambientes em suas particularidades e combinações e, ainda, valorizar a comunicação e o vínculo dos adolescentes com esses espaços. Assim, a construção de bancos de dados efetivos com informações a respeito dos jovens em situações de risco pode somar fatores que funcionem como alerta para a necessidade urgente de políticas públicas e projetos de intervenção junto à população adolescente.

Ademais, observa-se que, além da vivência de mudanças nas relações familiares possíveis de ocorrer na adolescência, as mudanças na vivência do indivíduo podem estar relacionadas à dificuldade de alguns jovens para compartilhar situações de sua vida na família. Alguns autores consideram que esse pode ser um momento de recolhimento para alguns jovens, no qual a pessoa em desenvolvimento tende a dividir menos as situações vivenciadas com os pais e mães (Cavalcante, Alves e Barroso, 2008; Keijers & Poulin, 2013; Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002).

Em um estudo com 390 adolescentes, com o objetivo de avaliar os diferentes aspectos da comunicação pais e filhos adolescentes, foi investigado se os adolescentes compartilhavam as informações sobre o que faziam ou planejavam fazer com o pai e a mãe, e se o pai e a mãe adotavam comportamentos ativos de monitoramento e solicitação sobre as atividades cotidianas e de lazer dos filhos (Keijers & Poulin, 2013). De acordo com os dados coletados e analisados, verificou-se que, entre os adolescentes de 14 a 19 anos, houve uma

---

<sup>7</sup> Maia e Willians (2005) discutem que os fatores de risco em um ambiente são condições ou variáveis associadas à alta probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis. Entre tais fatores, encontram-se situações que podem comprometer a saúde, o bem-estar ou o desempenho social do indivíduo. Assim, crianças portadoras de determinados atributos biológicos e/ou sob efeito de determinadas variáveis ambientais têm maior probabilidade de apresentar distúrbio ou atraso em seu desenvolvimento, quando comparadas com crianças que não sofreram os efeitos de tais variáveis.

diminuição no controle parental entre ambos os sexos. Observou-se, ainda, que, para as meninas, a comunicação pai/filho diminuiu no início da adolescência, mas se intensificou no meio dela. Contudo, para os meninos, a comunicação diminuiu no início da adolescência e o afastamento e sigilo se mantiveram até seu fim (Keijers & Poulin, 2013).

Considerando esses apontamentos, acrescidos das situações de violência que se estabeleceram nessas famílias, analisa-se que os adolescentes podem vivenciar dificuldades em descrever para o pai/mãe os sentimentos percebidos e vivenciados nesse contexto. Portanto, a família, a escola, a comunidade e os serviços de assistência e de saúde devem promover ações para atrair e intervir nas necessidades emocionais dos jovens. Mediar as interações familiares também deve ser uma estratégia considerada, no sentido de melhorar as relações nesse contexto e promover o estabelecimento de processos proximais.

Para Bronfenbrenner & Morris (2006), os processos proximais exercem duas funções: aumentam a possibilidade de resultados de competência ou diminuem a possibilidade de resultados de disfunção. Assim, mesmo em uma situação de exposição à violência, caso o adolescente consiga estabelecer processos proximais significativos com outras pessoas, na família ou fora dela, os efeitos da exposição à violência podem ser atenuados.

Ainda na avaliação que fizeram a respeito da relação com a mãe, verificou-se que os adolescentes também relataram aspectos negativos decorrentes dessa relação. As situações descritas com maior frequência foram a ocorrência de desentendimentos. Os motivos, em sua maioria, indicaram o desejo do adolescente pela quebra de alguns limites impostos pela mãe, bem como a inflexibilidade da mãe quando discutiam assuntos em que possuíam opiniões divergentes, tais como organização do ambiente doméstico, horário para chegar em casa, solicitação para ir a passeios, realização de tarefas escolares. Foram mencionados também como aspectos negativos os relatos frequentes da mãe a respeito do relacionamento com o pai

e situações de conflito em virtude da tentativa de o filho defender o pai da mãe, quando esta era agressiva.

Faz parte do desenvolvimento a busca de independência e autonomia. Diante dessa busca, pode haver divergências de perspectivas entre pai, mãe e filho sobre alguns temas, e essas situações podem gerar conflitos. Algumas pesquisas indicam que esses conflitos estão relacionados à tentativa dos pais em instruir e proteger os filhos e dos filhos, por sua vez, em conquistar a independência sobre suas decisões (Cavalcante, Alves & Barroso, 2008; Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002).

Bronfenbrenner e Morris (2006) discutem que, por meio do desenvolvimento, a pessoa adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico. Nesse sentido, a partir do desenvolvimento cognitivo e emocional, o adolescente pode vivenciar mudanças comportamentais. Além disso, não só os filhos vivenciam mudanças comportamentais na relação com os pais. Quando se considera uma díade, refere-se a uma influência mútua na relação. Bronfenbrenner (1996) destaca que, quando um dos participantes da díade apresenta alguma mudança evolutiva, esta também atinge o companheiro. Nesse sentido, na abordagem a respeito das mudanças ocorridas na relação entre o filho e a mãe, da infância para adolescência, verificaram-se influências mútuas nessa díade (mãe/filho e filho/mãe) em função do desenvolvimento. Os filhos relataram que, na adolescência, a mãe passou a oferecer maiores responsabilidades, confidenciar situações que outrora não relatava; por outro lado, também surgiram conflitos de interesses que antes não ocorriam. Analisa-se que, ante o desenvolvimento do adolescente, a mãe e o filho sofreram modificações que afetaram a interação. Essas mudanças, conforme foi observado, produziram situações positivas para o relacionamento, bem como dificuldades.

Outro aspecto importante a ser discutido refere-se ao conteúdo dos conflitos presentes na relação entre eles e a mãe, descritos pelos adolescentes. Os temas mencionados, em sua

maioria, foram assuntos cotidianos que não apresentam relação direta com a situação de violência vivida por essas famílias, apesar de também pontuarem, em menor proporção, situações mais diretamente relacionadas à situação de violência a que são expostos.

Os trabalhos de D’Affonseca (2013) trazem apontamentos relevantes para a análise desses dados. A autora empreendeu dois estudos como parte de sua tese de doutorado, que buscaram, de modo geral, conhecer a relação mãe e filho, quando as mães eram vítimas de violência do companheiro. O primeiro tinha por objetivo investigar as práticas de disciplina utilizadas por mulheres com e sem histórico de violência física conjugal com os filhos. Participaram 44 mães (22 vítimas de violência física conjugal e 22 sem histórico de violência física conjugal) com pelo menos um filho de seis a 12 anos, triados de serviços de atendimento à mulher e à criança por demanda espontânea. As mães responderam à Escala de Táticas de Conflitos e Inventário de Dimensões de Disciplina. A análise dos dados demonstrou que não houve diferenças significativas entre as formas de disciplinas aplicadas por ambos os grupos de mães.

O segundo trabalho objetivou analisar a interação mãe/filho em uma situação controlada de laboratório, de modo a verificar o impacto específico da violência conjugal física na interação. Participaram do estudo 40 mulheres e 40 crianças. As mães também responderam à Escala Tática de Conflitos e participaram com os filhos de sessões de observação com duração de 60 minutos. Foram analisados tanto o comportamento da mãe como o das crianças. Os dados obtidos demonstraram, mais uma vez, a não existência de diferenças estatisticamente significativas na interação mãe/criança entre mulheres com histórico de violência física conjugal e mulheres sem tal histórico.

Alguns autores na literatura discutem a hipótese de que as relações positivas entre pais, mães e filhos podem ser mantidas, mesmo diante dos conflitos conjugais, podendo ainda

funcionar como fator de proteção para os filhos. Tal pressuposto é conceituado como *Hipótese Compensatória* (Calheiros & Monteiro, 2007).

Vale destacar que as mães dos adolescentes entrevistados estiveram ou se mantinham acompanhadas por serviços de atendimento psicossocial a vítimas de violência doméstica. Neste caso, a relação entre o ambiente doméstico e o serviço de atendimento caracteriza um mesossistema em que há influência do segundo sobre o primeiro. Um mesossistema inclui a conexão entre dois ou mais ambientes dos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente (Bronfenbrenner, 1996). Dessa forma, os atendimentos psicológicos e sociais, as orientações e encaminhamentos recebidos no serviço podem ter atuado como rede de apoio e contribuído no melhor manejo da relação das mães com os filhos, mesmo ante a situação de violência vivida.

Portanto, considerando os relatos dos adolescentes, notou-se que a relação mãe/filho era caracterizada por processos proximais fortes, apesar da situação de violência conjugal a que os filhos estavam expostos. Os adolescentes descreveram momentos frequentes de interações com a mãe e expressaram sentimentos positivos decorrentes dessa convivência. Também relataram cuidado tanto material quanto emocional e comportamentos de monitoramento e controle exercido pela mãe sobre as atividades nas quais o adolescente estava engajado. Apesar disso, descreveram momentos de conflito com a mãe que tinham relação com a violência a que estavam expostos e também por outros motivos que não eram relacionados a essa situação.

### **5.3 Exposição dos filhos à situação de violência do pai contra a mãe e a influência deste contexto sobre as relações parentais**

Os relatos dos filhos a respeito dos conflitos na família podem ser divididos em dois grupos: no primeiro, estão conteúdos que a literatura aponta como mais comuns de ocorrerem

entre adolescentes e os pais (Cruz, 2007; Oliva, 2004; Prata & Santos, 2007), como a reivindicação do filho a respeito dos limites impostos pela mãe ou mesmo briga entre irmãos por conflitos de interesses, ao assistir à televisão ou jogar algum jogo; no segundo, verificam-se aspectos mais particulares de uma família em situação de violência, isto é, conflitos intensos entre o pai e a mãe ou mesmo discussões do (a) adolescente com o pai em defesa da mãe em função de situações como ciúmes do pai em relação a mãe e o uso abusivo de bebidas alcoólicas feito pelo pai.

Verificou-se que, apesar de não haver nenhuma pergunta específica a respeito do relacionamento entre o pai e a mãe, bem como a respeito do modo como a violência envolvendo as figuras parentais interferia no relacionamento com o adolescente, os jovens apresentaram espontaneamente descrições negativas a respeito dessa situação, indicando um transbordamento do relacionamento conjugal dos pais na relação com os filhos, conforme apontado pelos estudos na literatura pesquisada (Boas, Dessen & Melchiori, 2010; Calheiros & Monteiro, 2007; Dessen & Braz, 2005b; Erel & Burman, 1995; Kouros, Papp, Goeke-Morey & Cummings, 2014; Levendosky, Huth-Bocks & Bogat, 2011; Mosmann, Wagner & Sarriera, 2008; Sani & Cunha, 2011).

Conforme observado na descrição dos adolescentes, o modo como as relações filhos, mães e pais podem ser afetadas são diversas e se apresentam de forma direta, por exemplo, quando os jovens relataram interferir no conflito entre os pais, ou indireta, nas situações em que descreveram que, ante os conflitos entre o pai e a mãe, por vezes, eles acabam “*descontando*” nos filhos algumas angústias. De acordo com Kitzmann (2007), verifica-se que as crianças expostas à violência doméstica estão em situação de risco devido a uma série de problemas psicossociais, mesmo quando não são o alvo das agressões diretamente. Esses problemas são semelhantes àqueles observados em crianças que sofrem abuso físico. Nesse

sentido, discute-se o quanto a violência na família, seja direta ou indireta à criança, pode funcionar como disfunção ao desenvolvimento.

Ademais, os relatos dos jovens também indicaram que, nas situações de conflitos, muitas vezes as famílias não possuíam estratégias de resolução de conflitos, visto que, em um total de 11 adolescentes, oito descreveram comportamentos que cessavam a discussão por algum período de tempo, mas não solucionavam a questão que o gerou. As estratégias descritas foram ficar sem conversar, sair de casa e esperar que o familiar que gerou o conflito, no caso o pai, se acalmasse ou se colocasse para fora do domicílio. Uma adolescente destacou, ainda, que as próprias discussões tinham início na tentativa de resolver alguma diferença.

Nesse sentido, notou-se que as famílias imersas na situação de violência e sem conhecimento de manejos mais adequados para agir de outra forma vivenciavam dificuldades para resolver suas diferenças. Em relação aos efeitos desse ambiente para o desenvolvimento do adolescente, de forma imediata, pôde-se verificar a naturalização da violência observada, ao relatarem, por exemplo, que já estão “*acostumados*” com o comportamento do pai e a forma como o ambiente familiar se configura.

Em longo prazo, analisa-se esse como um contexto de risco, na medida em que o modelo familiar de violência e resolução de conflitos por meio da agressão pode ser um dos aspectos determinantes para a reprodução da violência na vida adulta, conforme apontado por diferentes estudos (Alves & Diniz, 2005; Cortez, Padovani & Williams, 2005; Day et al., 2003; Jewkes, 2002; Justino, 2014; Maldonato & Williams, 2005; Mendéz, 2007; Paixão et al., 2015; Saffioti, 1997). Os autores chamam a atenção ainda para duas possibilidades de reprodução desse comportamento. Tendo em vista o modelo aprendido na família, o adolescente pode ser tanto vítima de violência, tomando como referência o comportamento da mãe (Gomes et al., 2007; Justino, 2014; Mendéz, 2007; Paixão et al., 2015), como autor

das agressões, considerando o comportamento do pai (Alves & Diniz, 2005; Cortez, Padovani & Williams, 2005; Day et al., 2003; Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007; Jewkes, 2002; Justino, 2014; Maldonado & Williams, 2005; Mendéz, 2007; Ribeiro, 2010; Rocha, 2007; Sani, 2004; Saffioti, 1997).

A reprodução do comportamento violento do pai ou o manejo passivo ante situações de abuso mediante o modelo oferecido pela mãe, dentro de uma interpretação bioecológica, pode ser entendido como resultados de disfunção ao desenvolvimento, isto é, dificuldades da pessoa em desenvolvimento de sustentar o controle e a integração do comportamento (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Uma vez que os resultados desenvolvimentais estão estreitamente relacionados ao contexto onde as interações ocorrem, resultados de disfunção apresentam maior tendência em ambientes desfavoráveis ou desorganizados, por exemplo, com a presença de conflitos e comportamentos violentos, conforme vivenciado pelos adolescentes neste estudo. Por outro lado, os resultados de competência são mais prováveis em ambientes favoráveis e mais estáveis, onde as diferenças podem ser dialogadas e, a partir disso, são pensadas soluções (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Rosa e Tudge (2016) pontuam que as crianças são susceptíveis de alargar a suas experiências, frequentando outras configurações e expandindo suas relações com outras pessoas, podendo, dessa forma, ter acesso a modelos mais adequados de relacionamento. Entretanto, muitas vezes, as relações familiares continuam a funcionar como o modelo e a referência mais significativa. Assim, o sucesso das relações estabelecidas em cada novo espaço vai ser afetada, em grande medida, pela qualidade e profundidade das relações vividas na família, primeiro microsistema de desenvolvimento infantil. Os autores na literatura, ao discutirem sobre a família, ainda destacam que as relações iniciais não lhes oferecem apenas os pilares para o crescimento pessoal, mas também os meios para fomentar novas relações e novos resultados positivos em seu desenvolvimento (Dessen & Braz, 2005a; Hernández &

Gras, 2005; Navaz, 2010; Ribeiro, 2010; Ramírez, 2004; Souza & Filho, 2008; Senna & Dessen, 2012; Souza, 2013; UNICEF, 2002).

Verificou-se, ainda, que, em virtude da constância de situações de brigas e desentendimentos na família, os adolescentes relataram sentimentos de angústia, medo de decepção, chateação e também sintomas físicos que relacionaram a ansiedade e tensão pelas ameaças de conflitos dentro de casa, como dores de cabeça. As pesquisas na literatura discutem as consequências psicológicas e emocionais para os filhos da exposição à situação de violência envolvendo os pais. Em um estudo recente, Bergman, Cummings & Davies (2014) buscaram investigar os mecanismos por meio dos quais a agressão interparental afetava o ajuste do adolescente. Especificamente o estudo explorou o papel da reatividade adrenocortical dos adolescentes no relacionamento com o pai e a mãe e a insegurança emocional. A amostra foi constituída de 266 adolescentes, meninos e meninas, entre 12 e 16 anos de idade. Os dados foram coletados de visitas dos adolescentes com pai e a mãe ao laboratório, que duravam três horas. Durante cada visita, os participantes responderam a questionários eletrônicos que continham perguntas sobre os conflitos conjugais, agressão interparental e segurança emocional dos adolescentes. Também foram incitadas discussões sobre alguma temática, já identificada previamente como difícil para a família, a fim de recolher amostras de cortisol do adolescente antes e depois do conflito para análise. Os resultados apontaram uma relação direta entre a agressão conjugal e os problemas de comportamento internalizante dos adolescentes. A insegurança emocional dos adolescentes mediou a relação entre agressão conjugal e depressão e ansiedade nos adolescentes.

Outras pesquisas na literatura têm discutido a associação entre o conflito envolvendo as figuras parentais e problemas de ajustamento internalizantes (depressão, ansiedade) e externalizantes (agressividade, comportamento antissocial) em crianças e adolescentes (Bergman, Cummings & Davies, 2014; Benetti, 2006; Coutinho & Sani, 2008; Kitzmann,

2007; Lopes, 2014; Melo & Mota, 2014; Mendes & Sani, 2015; Patias, Bossi & Dell’Aglío, 2014; Santos & Costa, 2004). Nesse sentido, discutem-se a importância de práticas parentais adequadas e o desenvolvimento de processos proximais fortes com a mãe e/ou pai ou outra pessoa próxima como mediadora dos conflitos a que os filhos são expostos, a fim de que os efeitos dessa situação na família sejam atenuados (Gámes-Guadix & Almendros, 2011). De acordo com Bronfenbrenner (2006), mesmo ante um contexto desfavorável, quando há o estabelecimento de processos proximais, estes podem atuar de forma a amortecer as características negativas do ambiente. Nesse sentido, novamente se destaca a rede de apoio constituída pela comunidade, vizinhos, escola, amigos, família estendida ou outras pessoas significativas para criança e/ou adolescente, como fator de proteção fundamental para melhor manejo emocional da situação vivenciada, de modo a reduzir o impacto sobre o desenvolvimento (Amparo, Galvão, Alves, Brasil & Koller, 2008).

Tendo em vista o exposto, constatou-se que os adolescentes percebem e são impactados pelas situações que ocorrem em seu microsistema familiar. A avaliação negativa a respeito do relacionamento entre os pais, descrita por quase todos os jovens entrevistados, indica que eles não estão refratários aos acontecimentos nesse núcleo, ainda que os conflitos não os envolvam diretamente. Situações, por exemplo, em que a mãe pede que a filha acompanhe o pai ao bar para monitorar seu comportamento ou em que a mãe faz constantes relatos à filha sobre situação vivenciada no relacionamento com o pai, sinalizam a forma como os filhos são afetados nesse contexto pela situação de conflito e violência vivida entre o pai e a mãe.

Além disso, as frequentes discussões testemunhadas e descritas pelos jovens nas entrevistas ajudaram a compor um ambiente familiar difícil para a construção de vínculos saudáveis. Sudermann, Jaffe e Watson (1996) e Ribeiro (2010) discutem que, nessas situações, é possível que os adolescentes vivenciem sentimentos conflitantes em relação ao

pai e à mãe, visto que, enquanto se sensibilizam pela forma como a mãe é tratada na relação com pai e avaliam negativamente o comportamento do genitor, questionam o posicionamento da mãe em não pôr fim ao processo de violência.

Entretanto, considerando o relato de alguns adolescentes, nota-se que, ao defenderem a mãe na situação de conflito, sinalizaram que a compreendem como figura mais frágil e que, portanto, precisa de apoio. Esses dados são fortalecidos pelos achados da literatura (Henriques, 2013; Ribeiro, 2010). Talvez seja difícil para os adolescentes avaliar que, para além dos fatores observados por eles, existem aspectos que dificultam uma tomada de decisão mais efetiva e rápida das mães para saírem da situação de violência, como o aspecto financeiro e o suporte social (Jong, Sadala & Tanaka, 2008; Mizuno, Fraid & Cassab, 2010; Souza & Da Ros, 2006).

Mendéz (2007) destaca que as crianças que vivem em ambientes violentos se sentem com medo e confusas, configurando uma situação de alto risco para problemas de comportamento, aprendizagem, problemas físicos relacionados ao estresse e problemas de dependência. Além disso, podem aprender que é natural resolver problemas e controlar os outros por meio da violência. O autor explica que homens violentos em casa muitas vezes foram crianças abusadas ou, pelo menos, testemunha da violência do pai contra a mãe. Aponta que mulheres agredidas muitas vezes também têm história de abuso na infância. Ou seja, a violência na família de origem tem servido como modelo de resolução de conflitos interpessoais com efeito de normalização da violência.

Assim, a exposição a tais comportamentos ao longo da vida se naturaliza de tal modo, que muitas mulheres não reconhecem a exposição a eles como os maus-tratos ou violência e muitos homens não entendem quando lhe dizem que seus comportamentos causam danos. A exposição constante a esses eventos torna-se perigosa, favorecendo que os comportamentos

passem a ser naturalizados, em um primeiro momento, dentro do microsistema familiar e posteriormente se generalizem para outras relações (Mendéz, 2007).

Apesar disso, vale destacar que os conflitos conjugais não estão relacionados apenas a sentimentos e modelos negativos, visto que, a depender da intensidade, frequência e modo como são solucionados esses conflitos, podem ter função educativa positiva, indicando modos saudáveis de resolver as diferenças (Mosmann & Wagner, 2008). Entretanto, neste trabalho, os relatos indicaram que, nas famílias dos adolescentes entrevistados, de modo geral, os conflitos possuíam alta frequência e intensidade, tendendo a funcionar como modelo de resolução de conflitos violento, conforme foi descrito pelas pesquisas que estudam esse tema (Alves & Diniz, 2005; Castilho, 2007; Cortez, Padovani & Williams, 2005; Day et al., 2003; Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007; Iraurgi, Martínez-Pampliega, Iriarte & Sanz, 2011; Jewkes, 2002; Justino, 2014; Maldonato & Williams, 2005; Mendéz, 2007; Ribeiro, 2010; Rocha, 2007; Saffioti, 1997; Sani, 2004).

## 6 Considerações finais

Esse trabalho buscou analisar, do ponto de vista dos filhos adolescentes expostos à situação de violência doméstica do pai contra a mãe, como se estabelece o relacionamento parental ante essa situação e como a relação de violência na díade conjugal pode afetar os filhos. Com base nas descrições apresentadas pelos adolescentes entrevistados, verificou-se que, apesar de perceberem as situações conflituosas entre o pai e a mãe dentro do microsistema familiar, os adolescentes também conseguiram identificar momentos de boas interações, sobretudo na relação com a mãe, o que pode contribuir para atenuar os efeitos dos aspectos negativos da convivência mencionados por eles. Esse dado corrobora as pesquisas que discutem a *Hipótese Compensatória* na qual, em casos de violência do pai contra a mãe, o relacionamento filho/mãe tende a ser menos afetado (Sani, 2008). Considerando a perspectiva bioecológica do desenvolvimento, o estabelecimento de boas relações com a mãe ou outras pessoas importantes para os jovens no microsistema familiar podem minimizar as possíveis consequências negativas da exposição à violência ao seu desenvolvimento.

Verificou-se, em síntese, especificamente sobre a relação com a mãe, que a maioria dos adolescentes a descreveu como positiva. Apesar de ponderarem que a mãe era ausente em alguns momentos, em razão da rotina de trabalho, destacaram diferentes situações nas quais compartilhavam momentos juntos, revelando maior proximidade da mãe. Por outro lado, também pontuaram alguns aspectos negativos da relação. A respeito do relacionamento com o pai, observou-se, no relato dos adolescentes, frequentes queixas relacionadas às características pessoais do genitor, bem como descrições relacionadas aos comportamentos do genitor em relação ao adolescente e à mãe. Com base na análise desses dados, notou-se um relacionamento fragilizado nessa díade. Apesar disso, embora menos presente no relato dos adolescentes, eles também descreveram aspectos positivos da relação com o pai.

No que se refere aos efeitos do relacionamento conflituoso/violento envolvendo o pai e a mãe, sobre as relações parentais, eles se apresentaram de forma direta, quando os adolescentes interferiam no conflito, e indireta, como explicitado no relato de que a mãe procurava nos filhos apoio para as situações vivenciadas com o cônjuge. De acordo com a revisão da literatura empreendida, verificou-se que os conflitos conjugais não se relacionam apenas a sentimentos e vivências negativas, visto que, a depender da intensidade, frequência e modo como são solucionados esses conflitos, eles podem ter função educativa (Mosmann & Wagner, 2008). Entretanto, neste trabalho, os relatos analisados indicaram que, nas famílias dos adolescentes entrevistados, de modo geral, os conflitos possuíam alta frequência e intensidade e não apresentavam estratégias de resolução eficazes em longo prazo, tendo como desfecho, muitas vezes, a violência do pai contra a mãe, tendendo a funcionar como modelo de resolução de conflitos violenta.

Identificou-se ainda que é escassa a produção, especialmente nacional, sobre o relacionamento entre pais, mães e filhos, nesse contexto, o que pode ocorrer pela dificuldade em abordar esses sujeitos, bem como das famílias em expor esse espaço como um potencial ambiente gerador e perpetuador de violência. Se a família era definida, a priori, como um lugar psíquico de afeto, o estudo da violência como fenômeno transmitido pela família, seria uma questão paradoxal (Macedo, 1994), na medida em que lança luz sobre a possibilidade de as relações violentas coexistirem com as afetivas. Nery (2010) também chama a atenção para essa questão, lembrando que é preciso, ao discutir família, considerar que este é um contexto complexo e diverso, que pode ser tanto espaço de cuidado e proteção como um contexto no qual ocorrem conflitos, violações e sofrimento.

Assim, considerando os achados apontados pela literatura e os dados obtidos neste trabalho, é importante, para a abordagem das famílias, dar atenção científica mediante estudos concernentes às temáticas que envolvem esse contexto, e atenção terapêutica com o

objetivo de suporte e apoio, por meio de intervenções com casais, crianças e adolescentes e outros membros da família, contribuindo para explorar o potencial restaurador das relações nesse ambiente (Marasca, Colossi & Falcke, 2013).

Uma vez que, majoritariamente, os trabalhos realizados com o propósito de investigar a violência doméstica o fazem pela óptica do homem ou da mulher, da mãe ou do pai, dar visibilidade aos adolescentes como sujeitos que também são direta e/ou indiretamente afetados por essa situação, é, portanto, uma possível contribuição deste trabalho no intuito de ampliar as práticas e serviços de assistência voltados para a intervenção nos casos de violência doméstica. Por levar a um processo contínuo e progressivo de perda da saúde, com sérias repercussões, não apenas para a mulher, mas para a família, sobretudo os filhos, os profissionais de saúde e de outros setores também têm grande importância nesse processo, uma vez que se trata de um fenômeno que causa sérios danos à saúde e a outros aspectos do desenvolvimento de todos os envolvidos (Paixão et al., 2015).

Nesse sentido, os dados obtidos reforçam a importância da ampliação de estudos investigativos que enfoquem a violência conjugal como um fenômeno identificado através das gerações, para, com isso, subsidiar políticas públicas que auxiliem as famílias na interrupção do ciclo da violência. Espera-se que subsídios teóricos, sob diversos olhares e perspectivas, sejam capazes de sustentar práticas que favoreçam a família como instituição promotora de saúde, proteção e resiliência através das gerações (Marasca, Colossi & Falcke, 2013).

Por fim, pontua-se que este estudo enfrentou limitações quanto ao acesso aos participantes. Em alguns casos, os pais optaram por não permitir a participação do filho na pesquisa e, em outros, as entrevistas foram agendadas, mas o adolescente não compareceu. Assim, por contar com um número pequeno de participantes, torna-se difícil generalizar os resultados. Além disso, ter acesso apenas ao relato dos adolescentes pode ter limitado e

enviesado a compreensão do fenômeno, uma vez que se parte apenas de uma perspectiva. Portanto, acredita-se que novos estudos devam ser empreendidos, considerando os relatos do pai e da mãe, e com outras metodologias, contribuindo para ampliar a análise do fenômeno.

## Referências

- Alves, S. L. B. & Diniz N. M. F. (2005). “Eu digo não, ela diz sim”: a violência conjugal no discurso masculino. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 58 (04), 387-392.
- Amparo, D. M., Galvão, A. C. T., Alves, P. B. Brasil, K. T. & Koller, S. H. (2008). Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia*, 13 (2), 165-174.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Barros, J. S & Lehfeldd, N. A. de S. (2000). *Fundamentos de metodologia científica: um guia para iniciação científica* (2a. ed.). São Paulo: Person Education do Brasil.
- Beger, P. L. & Luckmann, T. (2004). A sociedade como realidade subjetiva. Em Beger, P. L. & Luckmann. *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento* (pp.173-247). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 19 (2), 261-268.
- Bergman, K. N., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2014). Interparental Aggression and Adolescent Adjustment: The Role of Emotional Insecurity and Adrenocortical Activity. *Journal of Family Violence*, 29 (7), 763–771.
- Biaggio, A. M. B. (2011). *Psicologia do desenvolvimento* (14a. ed). Petrópolis: Editora Vozes.
- Boas, A. C. V. B. V., Dessen, M. A. & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62 (2), 91-102.
- Boing, E., Crepaldi, M. A. & Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisas com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, 18 (40), 251-266.
- Bock, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11 (1), 63-76.
- Bossardi, C. N. & Vieira, M. L. (2010). Cuidado Paterno e desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*, 44 (1), 205-221.
- Brancalhone, P. G., Fogo, J. C. & Williams L. C. A. (2004). Crianças expostas à violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 113-117.
- Bronfenbrenner, U. (1994). *Ecological models o human development*. Em *Internacional Encyclopedia of Education* (2a. ed.).Oxford: Elsevier.
- Bronfenbrenner, U. (1996). As estruturas interpessoais como contextos do desenvolvimento humano. Em Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (pp. 46-66). Porto Alegre: Artes médicas.

- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (2006). The bioecological model of human development. Em W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (pp. 793-828). New York: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos* (1a. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Bruschini, M. C. A. & Ricoldi, A. M. (2012). Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho. *Estudos feministas*, 20 (1), 259-287.
- Bueno, R. K. & Vieira, L. M. (2014). Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento*, 32 (76), 151-159.
- Calheiros, M. M. & Monteiro, M. B. (2007). Relações familiares e práticas maternas de mau trato e de negligência. *Análise Psicológica*, 2 (25), 195-210.
- Carvalho, A. P. F. & Melo, L. F. (2013). Relações de poder: famílias com histórico de violência doméstica contra a mulher. Em *Anais VI Jornada Internacional de Políticas Públicas*, São Luís, Maranhão.
- Castilho, M. A. R. (2007). Los padres y los hijos: variables de riesgo. *Educación y Educadores*, 10 (1), 27-37.
- Cavalcante, M. B. P. T. Alves, M. D. S. & Barroso, M. G. T. (2008). Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. *Escola Anna Nery de Enfermagem*, 12 (13), 555-559.
- Centre for Parenting and Research (2006). Effective parenting capacity assessment: Key issues. *Research to Practice Notes*, 1-2.
- Cerqueira-Santos, E., Neto, O. C. M. & Koller, S. H. (2014). Adolescentes e Adolescências. Em Habigzang, Diniz & Koller (organizadoras). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica* (pp. 17-29). Porto Alegre: Artmed.
- Cervantes, S. M. (2002). *Dom quixote de la mancha*. Rio de Janeiro: Revan.
- Chan, S. M. & Chan, K.W. (2011). Adolescents' susceptibility to peer pressure: relations to parent-adolescent relationship and adolescents' emotional autonomy from parents. *Youth & Society*, 45 (2), 286-302.
- Cortez, M. B., Padovani, R. C. & Williams, L. C. A. (2005). Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. *Estudos de psicologia*, 22 (1), 13-21.
- Coutinho, M. J. & Sani, A. I. (2008). Evidências empíricas na abordagem sobre as consequências da exposição à violência interparental. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 5, 284-293.
- Cruz, T. J. Adolescente, família e o profissional de saúde (2007). *Adolescência & Saúde*, 4 (3), 45-50.

- Cunningham, A. J. & Baker, L. L. (2007). *Little eyes, little ears: how violence against a mother shapes children as they grow*. London, Ont: Centre for Children & Families in The Justice System.
- Cunha, J. M. & Weber, L. N. D. (2005). Qualidade na interação familiar: uma análise da percepção de adolescentes sobre os conflitos em sua família. Em *Anais da XXV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia*, Curitiba, PR.
- Cummings, M. E. & Davies, P. T. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological bulletin*, 116 (3), 387-411.
- Cummings, E. M., Kouros, C. D. & Papp, L. M. (2007). Marital aggression and children's responses to everyday interparental conflict. *European Psychologist*, 12 (1), 17-28.
- D'Affonseca, S. M. (2013). *Avaliação da interação mãe-criança em contexto com e sem violência física conjugal: um estudo comparativo*. Tese de Doutorado, Programa de pós-graduação em psicologia, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo.
- Day, V. P., Telles L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Denise, A. M., Silveira, M. B., ... & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, 25 (1), 9-21.
- Dessen, M. A. & Braz, A. P. (2005a). A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. Em Dessen, M. A. & Costa Junior, A. L. (Orgs). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências e perspectivas futuras* (pp. 113-131). Porto Alegre: Artmed Editora S.A.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2005b). As relações maritais e suas influências nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. Em Dessen, M. A. & Costa Junior, A. L. (Orgs). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 133-151). Porto Alegre: Artmed Editora S.A.
- Dessen, M. A. & Polônia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17 (36), 21-32.
- Diniz, E. & Koller, S. H. (2010). O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. *Educar em Revista*, 36, 65-76.
- Eirik, M. & Bergmann, D. S. (2004). Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Revista Psiquiátrica do Rio Grande do Sul*, 26 (3), 330-336.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118 (1), 108-132.
- Faermann, L. A. & Silva, F. A. (2014). Impactos sociais na vida de crianças e de adolescentes que presenciam violência doméstica contra suas mães. *Revista Ciências Humanas*, 7 (2), 99-118.
- Faria, D. L. (2007). A paternidade de filhos adolescentes: a crise do meio da vida e o processo de individuação masculino. *Boletim de Psicologia*, 57 (126), 107-118.

- Fals-Stewart, W., Golden, J. & Schumacher, J. A. (2003). Intimate partner violence and substance use: a longitudinal day-to-day examination. *Addict behavior*, 28 (9), 1555-1574.
- Ferronato, V. F. O. (2015). A importância da família na formação social do adolescente. *Revista educação*, 18 (24), 3-9.
- Ferreira, M & Nelas, P. B. (2006). Adolescências... Adolescentes. *Educação, ciência e tecnologia*, 32 (11), 141-162.
- Fleck, A. C. & Wagner, A. (2013). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em estudo*, 8, 31-38.
- Fonseca, A. M., Galduróz, J. C. F., Tondowski, C. S. & Noto, A. R. (2009). Padrões de violência domiciliar associada ao uso de álcool no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 43 (5), 743-749.
- Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia [UNICEF], (2009). *La violencia le hace Mal a la Familia*. Santiago, Chile: UNICEF.
- Fundo das Nações Unidas para Infância [UNICEF] (2002). A voz dos adolescentes. UNICEF.
- Fundo das Nações Unidas para Infância [UNICEF] (2011). *Situação mundial da infância 2011. Adolescência: Uma fase de oportunidades*. New York, NY: UNICEF.
- Fundo Perseu Abramo & Serviço Social do Comércio [SESC] (2010). Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado. FPA/SESC.
- Galiano, M. J. J & Duarte, J. C. (2011). Conflictos entre padres y conducta agresiva y delictiva en los hijos. *Psicothema*, 23 (1), 20-25.
- Gámez-Guadix, M. & Almentos, C. (2011). Exposición a la Violencia entre los Padres, Prácticas de Crianza y Malestar Psicológico a Largo Plazo de los Hijos. *Psychosocial Intervention*, 20 (2), 121-130.
- George, M. W., Fairchild, A. J., Cummings, E. M. & Davies, P. T. (2014). Marital conflict in early childhood and adolescent disordered eating: emotional insecurity about the marital relationship as an explanatory mechanism. *Eating behaviors*, 15, 532-539.
- Gil, A. C. (2009). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6a. ed.) São Paulo: Atlas.
- Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. J. S. & Coelho, T. M. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (4), 504-508.
- Goulart, V. R. & Wagner, A. (2013). Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65 (3), 392-408.
- Hernández, R. P. & Gras, R. M. L. (2005). Víctimas de violencia familiar: Consecuencias psicológicas en hijos de mujeres maltratadas. *Anales Psicología*, 21 (1), 11-17.

- Henriques, M. J. F. D. (2013). *Representações da figura paterna de crianças expostas à violência*. Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, Portugal.
- Hoghugh, M. (2004). Parenting: an introduction. Em M. Hoghugh & N. Long (Eds). *Handbook of parenting: theory and research for practice*. (pp. 1-18). London: Sage.
- Iraurgi, I., Martínez-Pampliega, A., Iriarte, L. & Sanz, M. (2011). Modelo cognitivo-contextual del conflicto interparental y la adaptación de los hijos. *Anales de Psicología*, 27 (2), 562-573.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE] (2006). Síntese de indicadores sociais 2006. Rio de Janeiro: IBGE.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA [IPEA] (2016). Mulheres e trabalho: breve análise do período de 2004 a 2014. Brasília: IPEA.
- Jewkes, R. (2002). Intimate partner violence: causes and prevention. *The Lancet*, 359 (9315), 1423-1429.
- Jong, L. C. Sadala, M. L. A. & Tanaka, A. C. D. (2008). Desistindo da denúncia ao agressor: relato de mulheres vítimas de violência doméstica. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, 42 (4), 744-751.
- Justino, Y. A. C. (2014). *A geracionalidade da violência doméstica e familiar contra a mulher*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Psicologia, Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo. Vitória, Espírito Santo.
- Keijsers, L., & Poulin, F. (2013). Developmental changes in parent–child communication throughout adolescence. *Developmental Psychology*, 49 (12), 2301-2308.
- Kitzman, K. M. (2007). Violência doméstica e seu impacto sobre o desenvolvimento social e emocional de crianças pequenas. *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância*, 1-6.
- Kouros, C. D., Papp, L. M., Goeke-Morey, M. C. & Cummings, M. E. (2014). Spillover between marital quality and parent–child relationship quality: Parental depressive symptoms as moderators. *Journal of Family Psychology*, 28 (3), 315-325.
- Lei de n. 11. 340, de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Obtido em 15maio, 2017, Recuperado de [http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%2011.340-2006?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2011.340-2006?OpenDocument).
- Lei de n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Obtido em 04abril, 2016, Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm).
- Levendosky, A. A., Bogat, G. A. & Huth-Bocks, A. C. (2011) The influence of domestic violence on the development of the attachment relationship between mother and young child. *Psychoanalytic Psychology*, 28 (4), 512-527.

- Levinsky, D. L. (2013). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Zagodoni Editora.
- Lôbo, G. A. & Lôbo, J. T. (2015). Gênero, machismo e violência conjugal: um estudo acerca do perfil societário e cultural dos agressores de violência doméstica e familiar contra as mulheres. *Revista Direiro & Dialogicidade*, 6 (1), 45-56.
- Lopes, D. P. M. (2014). *Conflitos interparentais, psicopatologia e ideação suicida em adolescentes e jovens adultos: papel dos pares*. Dissertação de mestrado, Programa de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade de Trás-os-Montes. Vila Real, Portugal.
- Lourenço, L. M., Salgado, F. S., Amaral, A. C., Gomes, S. F. L. & Senra, L. X. (2011). O impacto do testemunho da violência interparental em crianças: uma breve pesquisa bibliométrica e bibliográfica. *Gerai: Revista inster institucional de psicologia*, 4 (1), pp. 104-111.
- Loss, E. & Cassemiro, L. F. K. (2010). Percepções sobre a qualidade da interação familiar e crenças autorreferenciadas em crianças. *Estudos em psicologia*, 27 (3), 293-303.
- Macedo, R. M. (1994). A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? *Caderno de Pesquisas*, (91), 62-68.
- Maia, C. C., Silva, K. L. Ferreira, A. G. M., Gubert, F. A., Scopacasa, L. F., Pinheiro, P. N. C. & Vieira, N. F. C. (2013). Influência da cultura machista na educação dos filhos e na prevenção das doenças de transmissão sexual: vozes de mães de adolescentes. *Adolescência & Saúde*, 10 (4), 17-24.
- Maia, J. M. D. & Williams, L. C. A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, 13 (2), 91-103.
- Maldonato, F. P. A. & Wiliams, L. C. A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em estudo*, 10 (3), 353-362.
- Martins, C. A. (2013). *A transição no exercício da parentalidade durante o primeiro ano de vida da criança: uma teoria explicativa de enfermagem*. Tese de doutorado, Doutorado em enfermagem, Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- Marasca, A. R., Colossi, P. M. e Falke, D. (2013). Violência Conjugal e Família de Origem: Uma Revisão Sistemática da Literatura de 2006 a 2011. *Temas em psicologia*, 21 (1), 221-243.
- Maturano, E. M., Linhares, M. B. M. & Loureiro, S. R. (2004). *Vulnerabilidade e proteção: indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar* (1a. ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Melo, O. & Mota, C. P. (2014). Interparental Conflicts and the Development of Psychopathology in Adolescents and Young Adults. *Paidéia*, 24 (59), 283-293.
- Mendes, T. C. & Sani, A. (2015). Representações de crianças expostas à violência interparental através de provas projetivas. *Revista de Psicologia da criança e do adolescente*. Lisboa, 6 (1), 171-192.

- Milani, R. G. & Loureiro, S. R. (2009). Crianças em risco psicossocial associado à violência doméstica: o desempenho escolar e o autoconceito como condições de proteção. *Estudos em Psicologia*, 14 (3), 191-198.
- Ministério da Saúde (2017). Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica (1a. ed.). Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Mizuno, C., Fraid, J. A. & Cassab, L. A. (2010). Porque elas simplesmente não vão embora? *Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas*, 16-23.
- Mosmann, C. & Wagner, A. (2008). Dimensiones de la conyugalidad y de la parentalidad: un modelo correlacional. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 10 (2), pp. 79-103.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Sarriera, J. (2008). A qualidade conjugal como preditora dos estilos educativos parentais: o perfil discriminante de casais com filhos adolescentes. *Psicologia*, 22 (2), 161-182.
- Navas, J. L. P. (2010). La educación familiar en la familia del pasado, presente y futuro. *Educatio Siglo XXI*, 28 (1), 17-40.
- Nunes, C. A. V. S. M. (2004). *Agressividade escolar exposição à violência doméstica*. Monografia, Licenciatura em Psicologia Clínica, Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal.
- Oliveira, M. S. & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 9, 162-170.
- Oliveira, E. M. B. & Haddad, L. (2016). Entre meninos e meninas: fronteiras de gênero borradas em contexto de educação infantil. *Latitude*, 10 (2), 425-454.
- Ozella, S. & Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38 (133), 97-125.
- Oliva, A. (2004). Desenvolvimento social durante a adolescência. Em Coll, C., Marchesi, A. & Palácios, J. *Desenvolvimento psicológico e educação* (2a. ed.). XX: Artmed.
- Paixão, G. P. N., Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Lira, M. O. S. C., Carvalho, M. R. S., & Silva, R. S. (2015). Mulheres vivenciando a intergeracionalidade da violência conjugal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23 (5), 874-879.
- Patias, N. D., Bossi, T. J. & Dell'Aglio, D. D. (2014). Repercussões da Exposição à Violência Conjugal nas Características Emocionais dos Filhos: Revisão Sistemática da Literatura. *Temas em Psicologia*, 22 (4), 901-915.
- Patias, N. D. (2015). Exposição à violência na adolescência: relações com bem estar subjetivo e sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Rio Grande do Sul.
- Pereira, D. I. F. & Alarcão, M. (2014). “Parentalidade Minimamente Adequada”: Contributos para a operacionalização do conceito. *Análise psicológica*, 2 (32), 157-171.

- Pilz, E. M. L, & Schermann, L. B. (2007). Determinantes biológicos e ambientais no desenvolvimento neuropsicomotor em uma amostra de crianças de Canoas/RS. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12 (1), 181-190.
- Prati, L. E., Couto, M. C. P. P., Moura, A., Polleto, M & Koller, S. H. (2007). Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. *Psicologia: reflexão e Crítica*, 21 (1), 160-169.
- Pratta, E. M. M. & Santos, M. A. (2007a). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12 (2), 247-256.
- Pratta, E. M. M. & Santos, M. A. (2007b). Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. *Paidéia*, 17 (36), 103-114.
- Ramírez, A. M. (2004). Conflictos entre Padres y Desarrollo de los Hijos. *Revista de Ciencias Sociales*, 11 (34), 171-182.
- Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (2012). Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Obtido em 13 junho, 2015, Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/20d12/Reso466.pdf>.
- Resolução nº 145 de 15 de outubro de 2014. Aprova a Política Nacional de Assistência Social. Conselho Nacional de Assistência Social. Obtido em 20 maio, 2017, Recuperado de <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=101000>
- Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 (2016). Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou fontes identificáveis. Obtido em 13 junho, 2016, Recuperado [http://www.gppege.org.br/ArquivosUpload/1/file/Res\\_%20CNS%20510-2016%20C3%89tica%20na%20Pesquisa.pdf](http://www.gppege.org.br/ArquivosUpload/1/file/Res_%20CNS%20510-2016%20C3%89tica%20na%20Pesquisa.pdf).
- Resolução nº 010 de 21 de julho de 2005 (2005). Aprova o código de ética profissional do psicólogo. Obtido em 28 julho, 2017, Recuperado de [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/07/resolucao2005\\_10.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/07/resolucao2005_10.pdf).
- Ribeiro, S. M. S. (2010). *Memórias de violência na infância: Impacto da exposição de menores a violência interparental*. Dissertação de mestrado, Programa de mestrado em psicologia clínica, Universidade e Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal, Europa.
- Ribeiro, O., Santos, A. J. Freitas, M., Correia, J. V & Rubin, K. (2015). O retraimento social em adolescentes: Um estudo descritivo do seu ajustamento sócio emocional segundo a perspectiva dos professores. *Temas em psicologia*, 23 (2), 255-267.
- Rocha, V. A. D. M. Q. (2007). *Exposição a violência interparental: estudo de caso numa CPJC*. Monografia, Graduação em Serviço Social, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Universidade Fernando Pessoa. Porto Alegre, rio Grande do Sul.

- Rosa, E. M. & Tudge, J. R. H. (2016). *Bioecological Theory*. Em Couchenour, D. & Chrisman, J. K. Contemporary early childhood education (1a ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Saffioti, H. I. B. (1997). Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. Em Kupstas, M. (Org.). *Violência em debate* (pp. 39-57). São Paulo: Editora Moderna.
- Saffioti, H. I. B. (2004). Para além da violência urbana. Em Saffioti, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência* (1a. ed., pp. 69-94). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22 (1), 33-41.
- Sani, A. I. M. F. (2004). “As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental”. Tese de doutorado, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Guimarães, Portugal.
- Sani, A. I. M. F. (2006). Vitimação indireta de crianças em contexto familiar. *Análise Social*, XLI (180), 849-864.
- Sani, A. (2008). Mulher e mãe no contexto de violência doméstica. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 18, 123-133.
- Sani, A. I. M. F & Cardoso, D. (2013). A exposição da criança a violência interparental: uma violência que não é crime. *Revista Julgar*, 1-10.
- Sani, A. I. & Cunha, D. M. M. (2011). Práticas educativas parentais em mulheres vítimas e não vítimas de violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27 (4), 429-437.
- Santos, L. V. & Costa, L. F. (2004). Avaliação da dinâmica conjugal violenta e suas repercussões sobre os filhos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 59-72.
- Scott, J. (1989). *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M. & Silvaes, E. F. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (2), 227-234.
- Senna, S. R. C. M. & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (1), 101-108.
- Siffert, A., Schwarz, B. & Stutz, M. (2012). Marital conflict and early adolescents' self-evaluation: the role of parenting quality and early adolescents' appraisals. *Journal of Young and adolescence*, 41 (6), 749-763.
- Souza, C. A. R. (2013). *Um lar, uma família: a voz das instituições que acolhem crianças e jovens*. Dissertação de mestrado, Programa de mestrado em sociologia, Universidade do Porto. Porto, Portugal.
- Souza, A. P & Filho, M. J. (2008). A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. *Revista Ibero Americana de Educación*, 44 (7), 1-8.

- Souza, P. A. & Da Ros, M. A. (2006). Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. *Revista de ciencias humanas*, 40, 509-527.
- Steinberg, L. & Morris, A. S. 2001. Adolescent development. *Annual Review Psychology*, 52, 83-110.
- Stasiak, G. R. Weber, L. N. D. & Tucunva, C. (2014). Qualidade na Interação Familiar e Estresse Parental e suas Relações com o Autoconceito, Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento dos Filhos. *Psico*, 45 (4), 494-501.
- Sudermann, M., Jaffe, P. & Watson, L. (1996). Wife Abuse - The Impact on Children. *The National Clearinghouse on Family Violence*.
- Traverso-Yépes, M. A. & Pinheiro, V. S. Socialização de gênero e adolescência. *Estudo feministas*, 13 (1), 147-162.
- Tondowski C. S., Feijó M. R., Silva E. A., Gebara C. F., Sanchez Z. M., Noto A. R. (2014). Padrões Intergeracionais de Violência Familiar Associada ao Abuso de Bebidas Alcoólicas: Um Estudo Baseado em Genogramas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27 (4), 806-14.
- Tudge, J. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: Uma teoria contextualista? Em Moreira, L. & Carvalho, A. M. A. (Eds), *Família e educação: olhares da psicologia* (pp. 211-231). São Paulo, SP: Paulinas.
- Tumwesigye, N. M., Kyomuhendo, G. B., Greenfield, T. K. & Wanyenze (2012). Problem drinking and physical intimate partner violence against women: evidence from a national survey in Uganda. *BMC Public Health*, 12 (399).
- United Nations Children's Fund, [UNICEF], (2006). *Behind Closed Doors: The Impact of Domestic Violence on Children*. Londres, Reino Unido: UNICEF.
- Vilanueva, S. D. (2013). Violencia familiar asociado al consumo de sustancias psicoactivas en hombres que ejercen violencia. *Avaliação Psicológica*, 21 (1), 35-46.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A. & Piccinini, A. C. Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66 (2), 36-52.
- Wagner, A. Falcke, D., Silveira, L. M. B. O., & Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 75-80.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 181-186.
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da violência: homicídios de mulheres no Brasil. Brasília, DF: Flacso.
- Weber, L.N.D., Salvador, A.P.V. & Brandenburg, O.J. (2009). Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF). Em L.N.D. Weber & M.A. Dessen (Orgs.). *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados* (pp.57-68). Curitiba: Juruá.

World Health Organization [WHO] (2013). Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. Geneva: WHO.

World Health Organization [WHO] (1986). Young People's Health – a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO.

Zaleski, M., Pinsky, I., Laranjeira, R., Ramisetty-Mikler, S., & Caetano, R.. (2010). Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. *Revista de Saúde Pública*, 44 (1), 53-59.

## Apêndice

### INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

#### Aproximação com o adolescente para realização da entrevista:

Eu sou Yara, sou estudante na UFES e estou pesquisando sobre família. Eu estou visitando várias famílias e entrevistando adolescentes para conhecer um pouco melhor sobre a perspectiva deles a respeito deste tema. Então, eu vou te fazer algumas perguntas sobre como você percebe a sua família e como se sente dentro dela e com seus pais.

É importante que você saiba que nada do que você me disser será divulgado ou passado a qualquer pessoa, inclusive seus pais. As informações serão sigilosas e no momento que você quiser, ou caso você não se sinta bem, você pode interromper a entrevista e retirar sua participação da pesquisa.

As perguntas serão gravadas para que depois eu possa transcrever as informações que você me der, pois assim eu posso prestar atenção ao que você tem a me dizer. Mas o seu nome também será protegido e você não vai ser identificado em nenhum momento. Alguma dúvida?

#### I. Dados Sócio-demográficos

Nome:

---

Sexo: feminino (  )      masculino (  )

---

Idade:

Estado Civil:

---

Em que série você está estudando.

Caso não esteja estudando em que série parou?

---

Estuda em escola pública ou privada?

---

---

Você trabalha? Em que?

---

Bairro em que mora:

---

Profissão do pai.

---

Profissão da mãe.

---

Seu pai está trabalhando atualmente, em quê?

---

Sua mãe está trabalhando atualmente, em quê?

---

Religião:

---

**Quantas pessoas moram com sua família incluindo você?**

**Quantos irmãos e irmãs você têm?**

( ) Sou filho (a) único (a)

( ) Tenho \_\_\_\_\_ irmão (s). Idade dos irmãos: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

( ) Tenho \_\_\_\_\_ irmã (s). Idade das irmãs: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

**Quem vive com sua família?**

( ) Minha mãe

( ) Meu pai

( ) A companheira de meu pai (esposa, companheira estável, namorada)

( ) O companheiro de minha mãe (marido, companheiro estável, namorado)

- Um ou mais de meus avós
- Um ou mais de meus tios
- Outro (s) adulto (s) \_\_\_\_\_ (quantos)
- \_\_\_\_\_ irmãos, \_\_\_\_\_/irmãs (quantos)
- Outras crianças além dos irmãos \_\_\_\_\_(quantos)
- Outros adolescentes além dos irmãos \_\_\_\_\_(quantos)

### **Que lugar você ocupa entre seus irmãos?**

- Sou o único filho na minha família, não tenho irmãos (e/ou irmãs).
- Sou o \_\_\_\_\_ entre meus irmãos (e/ou irmãs)

## **II. Entrevista com o adolescente**

### **Perguntas sobre o relacionamento familiar**

1. Como você descreve sua família?
2. Como você se sente dentro desta família? Por quê?
3. Fale sobre aspectos da sua família que você considera positivos.
4. Fale sobre aspectos da sua família que, se você pudesse, mudaria. O que você gostaria que fosse diferente.
5. Na sua família existem desentendimentos e brigas?
6. Como as pessoas resolvem esses conflitos? Me dê um exemplo.
7. Quando você está triste ou com algum problema, você procura alguém da sua família para conversar? Quem?
8. Como na sua família as pessoas costumam demonstrar afeto?

### **Avaliação do relacionamento Filho-Mãe**

1. Como você descreve seu relacionamento com sua mãe quando você era criança?
2. Me fale sobre um momento que tenha sido marcante para você da sua relação com sua mãe quando você era criança.
3. Como você descreve seu relacionamento com sua mãe hoje?
4. Algo mudou na relação entre vocês de quando você era criança para a relação que vocês têm hoje? (Se sim) O que? Porque você acha que ocorreu essa mudança?
5. Vocês fazem atividades juntas (os)? Quais (passear, assistir televisão, filme, tarefas escolares, etc)? Com que frequência?
6. Me conta um pouco sobre como é quando você estão realizando essas atividades.
7. O que você mais gosta de fazer junto com a sua mãe?
8. Sua mãe acompanha as atividades que você desenvolve fora de casa? (escola, cursos, lazer) De que forma?
9. Sua mãe conhece seus amigos? Ela acompanha, de alguma forma, suas relações de amizades?
10. Você mudaria alguma coisa na relação que tem com sua mãe se pudesse, tem algo que gostaria que fosse diferente?
11. Você poderia apontar três características positivas da sua relação com sua mãe?
12. Você poderia apontar três características negativas da sua relação com sua mãe?
13. Você e sua mãe costumam brigar ou discutir por alguma razão (Caso negativo, passar para pergunta 18)?
14. Geralmente qual o tema dessas discussões?
15. Com que frequência vocês discutem?
16. Geralmente quem começa as discussões?
17. Como você se sente em relação a essas discussões?
18. Você sente que pode contar com a sua mãe? Me dê um exemplo.
19. Sua mãe te corrige quando você a desobedece ou realiza algum comportamento considerado por ela “errado”? O que ela faz?

20. Entre você e sua mãe, como acontecem às demonstrações de afeto? Com que frequência você considera que na sua relação com sua mãe há demonstração de afeto?

### **Avaliação do relacionamento Filho-Pai**

1. Como você descreve seu relacionamento com seu pai quando você era criança?
2. Me fale sobre um momento que tenha sido marcante para você da sua relação com seu pai quando você era criança.
3. Como você descreve seu relacionamento com seu pai hoje?
4. Algo mudou na relação entre vocês de quando você era criança para a relação que vocês têm hoje? (Se sim) O que? Porque você acha que ocorreu essa mudança?
5. Vocês fazem atividades juntas? Quais (passear, assistir televisão, filme, tarefas escolares, etc)? Com que frequência?
6. Me conta um pouco como é quando você estão realizando essas atividades.
7. O que você mais gosta de fazer junto com o seu pai?
8. Seu pai acompanha as atividades que você desenvolve fora de casa (escola, cursos, lazer)? De que forma?
9. Seu pai conhece seus amigos? Ele acompanha, de alguma forma, suas relações de amizades?
10. Você mudaria alguma coisa na relação que tem com seu pai se pudesse, tem algo que gostaria que fosse diferente?
11. Você poderia apontar três características positivas da sua relação com seu pai?
12. Você poderia apontar três características negativas da sua relação com seu pai?
13. Você e seu pai costumam brigar ou discutir por alguma razão (caso negativo, passar para pergunta 18)?
14. Geralmente qual o tema dessas discussões?
15. Com que frequência vocês discutem?
16. Geralmente quem começa as discussões?
17. Como você se sente em relação a essas discussões?
18. Você sente que pode contar com o seu pai? Me dê um exemplo.

19. Seu pai te corrige quando você a desobedece ou realiza algum comportamento considerado por ela “errado”? O que ela faz?

20. Entre você e seu pai, como acontecem às demonstrações de afeto? Com que frequência você considera que na sua relação com seu pai há demonstração de afeto.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Senhores pais (responsável),

Estamos realizando uma pesquisa sobre o relacionamento entre pais e filhos adolescentes na perspectiva dos filhos adolescentes. A participação do seu filho consistirá em responder a uma entrevista que terá duração média de 60 minutos e abordará aspectos relacionados à interação dele com os genitores.

Serão tomados todos os cuidados para garantir sigilo e confidencialidade dos dados. As informações obtidas através das entrevistas serão analisadas para que se possa, no futuro, auxiliar da melhor forma na promoção de relacionamentos saudáveis entre pais e filhos. Os dados obtidos serão guardados no Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da UFES e destruídos após o período de cinco anos. A participação do adolescente em questão é voluntária, podendo ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. É possível que algumas questões relacionadas a experiências de vida possam desencadear sentimentos desagradáveis. Se isso ocorrer, será realizado um intervalo ou a interrupção da entrevista. Caso seja necessário, ele será encaminhado para algum serviço que ofereça atendimento psicológico. Vale lembrar ainda que não há nenhuma forma de compensação financeira decorrente da participação neste projeto. A pesquisadora responsável por este trabalho é a aluna de mestrado Yara Alves Costa Justino, sob orientação da profa. Célia Regina Rangel Nascimento. Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos no endereço: Av. Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP 29.090-075, Campus Goiabeiras, Prédio Professor Lídio de Souza, CCHN/UFES, Telefone: 34009-2501, E mail: ppgp.ufes@gmail.com. Para casos de dúvidas/denúncias/esclarecimentos entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) no endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP 29.090-075, Campus Goiabeiras, Sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN/UFES, Telefone: 3145-9820, E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com.

Eu, \_\_\_\_\_ fui informada dos objetivos e da justificativa desta pesquisa, sobre o relacionamento entre pais e filhos adolescentes. Recebi informações sobre cada procedimento, dos riscos previstos e benefícios esperados. Terei liberdade de retirar o consentimento para participação do (a) meu (minha)

filho (a) desta pesquisa em qualquer momento do processo. Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os direitos legais do menor serão garantidos e eu receberei uma via deste documento devidamente assinada pelo pesquisador. Assim dou meu consentimento livre e esclarecido, concordando em permitir sua participação no estudo.

---

Assinatura do responsável pelo participante

---

Local e Data

---

Assinatura do responsável pela pesquisa

---

Local e Data

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

Participante,

Estamos realizando uma pesquisa sobre o relacionamento entre pais e filhos adolescentes na perspectiva dos filhos adolescentes. A sua participação consiste em responder a uma entrevista que terá duração média de 60 minutos e abordará aspectos relacionados à sua interação com seu pai e sua mãe.

Serão tomados todos os cuidados para garantir sigilo e confidencialidade dos dados. As informações obtidas através das entrevistas serão analisadas para que se possa, no futuro, auxiliar da melhor forma na promoção de relacionamentos saudáveis entre pais e filhos. Os dados obtidos serão guardados no Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da UFES e destruídos após o período de cinco anos. A sua participação é voluntária, podendo ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. É possível que algumas questões relacionadas a experiências de vida possam desencadear sentimentos desagradáveis. Se isso ocorrer, será realizado um intervalo ou a interrupção da entrevista. Caso seja necessário, você será encaminhado para algum serviço que ofereça atendimento psicológico. Vale lembrar ainda que não há nenhuma forma de compensação financeira decorrente da participação neste projeto. A pesquisadora responsável por este trabalho é a aluna de mestrado Yara Alves Costa Justino, sob orientação da profa. Célia Regina Rangel Nascimento. Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos no endereço: Av. Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP 29.090-075, Campus Goiabeiras, Prédio Professor Lídio de Souza, CCHN/UFES, Telefone: 34009-2501, E mail: ppgp.ufes@gmail.com. Para casos de dúvidas/denúncias/esclarecimentos entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) no endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP 29.090-075, Campus Goiabeiras, Sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN/UFES, Telefone: 3145-9820, E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com.

Eu, \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos e da justificativa desta pesquisa, sobre o relacionamento entre pais e filhos adolescentes. Recebi informações sobre cada procedimento, dos riscos previstos e benefícios esperados. Terei liberdade de retirar o assentimento de participação da pesquisa em qualquer momento do processo. Ao assinar este Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

concordando em participar deste estudo, os meus direitos legais serão garantidos e eu receberei uma via deste documento devidamente assinada.

---

Assinatura do participante

---

Local e Data

---

Assinatura do responsável pela pesquisa

---

Local e Data